João Gilberto Noll e a

POMOSSEXUALIDADE

Carlos E. A. Placido

Atena Editora
Ano 2023

João Gilberto Noll e a

POMOSSEXUALIDADE

Carlos E. A. Placido

Atena Editora
Ano 2023

Editora chefe
Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Editora executiva
Natalia Oliveira
Assistente editorial
Flávia Roberta Barão
Bibliotecária
Janaina Ramos
Projeto gráfico
Camila Alves de Cremo
Ellen Andressa Kubisty
Luiza Alves Batista
Nataly Evilin Gayde
Thamires Camili Gayde
Imagens da capa
iStock
Edição de arte
Luiza Alves Batista

LINGUÍSTICAS, LETRAS E ARTES

João Gilberto Noll e a pomossexualidade

Diagramação:	Ellen Andressa Kubisty
Correção:	Maiara Ferreira
Indexação:	Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão:	O autor
Autor:	Carlos Eduardo de Araujo Placido

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P698 Placido, Carlos Eduardo de Araujo
João Gilberto Noll e a pomossexualidade / Carlos Eduardo de Araujo Placido. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2023.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-258-2170-2
DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.702230712

1. Noll, João Gilberto, 1946-2017 - Crítica e interpretação. I. Placido, Carlos Eduardo de Araujo. II. Título.
CDD 869.09

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DO AUTOR

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access, desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce,* ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

“Somos a diferença (...) nossa razão é a diferença dos discursos, nossa história é a diferença das épocas, nossos eus são a diferença das máscaras. Essa diferença, longe de ser a origem esquecida e recuperável, é essa dispersão que somos e fazemos”.

(Michel Foucault)

As obras do escritor porto-alegrense João Gilberto Noll são repletas de personagens que não se “encaixam” em identidades moldadas e pressionadas pelos discursos opressores da contemporaneidade. A sua maestria em escrever bem na língua portuguesa lhe rendeu o Prêmio Jabuti em 1992. Desde então, ele continua sendo um escritor prolífico. Entretanto, um dos seus maiores romances, *Solidão Continental* (2012), lançado pela Editora Record, trata com mais afinco sobre personagens sem identidades fixas. O seu protagonista deve ser o epíteto do andarilho solitário. Ele não consegue se apegar a nada e nem a ninguém. Sua morada é onde os seus pés estão. Inclusive, seu nome é bem comum, João. Os leitores nollianos recebem poucas informações claras sobre as suas caracterizações. Neste romance, sabemos apenas que o personagem principal nos narra as suas aventuras de viagem de Chicago, nos Estados Unidos da América, até o Sul do Brasil, perpassando pela Cidade do México. No geral, a obra literária *Solidão Continental* (2012) nos apresenta um narrador autodiegético extremamente deambulante, instável e sem qualquer definição sexual. Por esses motivos, o objetivo desta pesquisa foi a de analisar mais profundamente as diversas caracterizações desse protagonista efêmero sob o viés da teoria pós-queer: pomossexualidade. Como resultado, identifico que o personagem principal não tem orientação sexual estabelecida. Além disso, vários personagens deuteragonistas apresentam uma transitoriedade erótica/sexual acentuada e de difícil entendimento. Na maioria dos casos, as caracterizações são dispersas (DELEUZE, & GUATTARI, 1995), fragmentárias (BLANCHOT, 1990) e transitórias (AUGÉ, 1994). De modo geral, essa pesquisa pode ajudar não apenas os estudiosos de João Gilberto Noll a entender um pouco melhor as suas narrações e narrativas, mas também a todos que se interessem pela efemeridade da vida.

RESUMO

João Gilberto Noll é um autor brasileiro conhecido por compor narradores autodiegéticos deambulantes e instáveis, muitos de difícil definição sexual, o que os torna subjetivos e móveis. A obra a ser analisada aqui, *Solidão Continental* (2012), não é diferente em relação à tradição formal nolliana, mas sim na relação entre essa tradição com o renovado escopo conteudístico presente nela. Tanto seu protagonista, João Bastos, quanto alguns dos seus personagens deuteragonistas apresentam uma transitoriedade erótica/sexual acentuada e de difícil entendimento. São seres ficcionais sem uma categoria sexual fixa e estagnada, ou seja, suas sexualidades são transitórias (AUGÉ, 1994), dispersas (DELEUZE, & GUATTARI, 1995) e fragmentárias (BLANCHOT, 1990). Esta indefinição sexual está sendo chamada de *pomossexualidade* pelos sexólogos Carol Queen & Lawrence Schimel em sua obra *PoMoSexuals: Challenging Assumptions About Gender and Sexuality* (1997). Por isso, o objetivo deste trabalho acadêmico é o de analisar como se edifica a composição tradicional do narrador nolliano com as características pomossexuais mais marcantes indicada por esses sexólogos por meio das construções narrativas acerca do narrador (modo e voz) de Gérard Genette, focando relações das seguintes instâncias narrativas: narrador/protagonista, narrador/personagem deuteragonista e protagonista/ personagem deuteragonista.
PALAVRAS-CHAVE: João Gilberto Noll; pós-modernismo; romance brasileiro; pomossexualidade.

ABSTRACT

João Gilberto Noll is a Brazilian author known for composing autodiegetic narrators who are meandering and unstable, many of them are difficult to grasp sexually what makes them subjective and moveable. The novel to be analyzed here, *Solidão Continental* (2012), is not different in relation to the nollian traditional form, but in relation to his traditional narrative and a renewed scope of content present in it. Both its protagonist, João Bastos, as well as some of its deuteragonist characters have an erotic / sexual transience which is sharp and difficult to understand. They are fictional beings without a fixed and stagnant sexual category, i.e., their sexualities are transient (AUGÉ, 1994), disperse (DELEUZE, & GUATTARI, 1995) and fragmentary (BLANCHOT, 1990). This sexual vagueness is being called *pomosexuality* by the sexologists Carol Queen & Lawrence Schimel in their work: *PoMoSexuals: Challenging Assumptions About Gender and Sexuality* (1997). Therefore, the objective of this academic work is to examine how the composition of the nollian traditional narrator is built up with the most striking pomosexual features indicated by those sexologists through the narrative constructions in relation to its narrator (voice and manner) by Gérard Genette, focusing mainly on the following relationships of these narrative instances: narrator / protagonist, narrator/deuteragonist characters and protagonist/deuteragonist characters.
KEYWORDS: João Gilberto Noll; Post-Modernism; Brazilian novel; pomosexuality

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

Os estudos literários oportunizam aumentar a cultura dos leitores na medida em que auxiliam na explicação de uma visão, por exemplo, romântica ou pós-moderna dos mais diferentes mundos possíveis representados por um determinado escritor em suas mais distintas composições artísticas. Segundo atesta, o professor de literatura francesa da Universidade de Reims Champagne-Ardenne, Vicent Jouve (2012): “Se o propósito é ter a visão mais informada possível, é legítimo – até mesmo indispensável – não falar apenas dos textos (e, entre eles, não apenas dos textos literários)” (JOUVE, 2012, p. 09).

Para o professor Jouve (2012), a intenção primordial dessa afirmação não é a de apenas “legitimar” a importância dos Estudos Literários frente às Ciências Humanas e aos leitores em geral, mas também de demonstrar o quão rica uma análise literária pode ser, já que atualmente é difícil encontrar alguma pesquisa literária que foque somente no texto literário propriamente dito, ou seja, na parte formal da obra. Na verdade, as pesquisas sobre literatura atuais analisam o texto literário com o auxílio de outras áreas de conhecimento (Psicologia, Sociologia, Sexologia, etc..) e manifestações culturais (Música, Gastronomia, Cinema, etc..).

Em certas obras literárias, tais relações analíticas são, muitas vezes, incipientes ou mesmo simplórias. Entretanto, há textos literários cujas relações são tão bem construídas e interconectadas por seus autores que só uma primeira leitura não é suficiente para apreender grande parte de sua magnitude artística. É o caso do romance contemporâneo *Solidão Continental* (2012) do autor gaúcho João Gilberto Noll. Seu narrador autodiegético nos relata as andanças a esmo de seu protagonista, um professor de português para estrangeiros, supostamente chamado João Bastos por diversos *não-lugares* (AUGÉ, 2005), rememorando constantemente suas experiências sexuais (ou talvez até mesmo amorosas) ora de sua juventude, ora mais recentes.

Um elemento interessante de se perceber em *Solidão Continental* (2012) é que muitas das experiências desse protagonista são de cunho homoerótico, coadunando assim com uma das ricas tradições de análise literária acerca das obras de João Gilberto Noll como, por exemplo, *A Céu Aberto* (1996), *Lorde* (2004) *e Acenos e Afagos* (2008). Entretanto, talvez o mais interessante de se perceber aqui se refira as outras muitas experiências desse mesmo protagonista que não são exatamente de cunho homoerótico, mas apresentam diferentes características sexuais tais como heterossexuais, bissexuais, andróginas e até incestuosas.

Sendo assim, é importante levar em conta não apenas o teor homoerótico contido em *Solidão Continental* (2012) (teor esse indubitavelmente de grande importância para o seu entendimento), mas também as outras facetas da sexualidade desse protagonista na medida em que tanto a primeira quanto as outras o constituem. Entretanto, olhar para esse protagonista através de um tipo de caleidoscópio sexual, é olhar para um ser sem categoria

sexual fixa e estagnada. Seus leitores se deparam, portanto, com um personagem com traços sexuais indefinidos. Seres ficcionais ou não com tais traços estão sendo chamados pelos sexólogos estadunidenses Carol Queen e Lawrence Schimel (1997) de *pomossexuais*. Acredita-se que tal protagonista (e algumas das personagens deuteragonistas) apresentam esses traços particulares. Se eles apresentam tais traços, então se percebe a possibilidade de uma nova leitura da obra nolliana.

Por isso, o primeiro capítulo dessa dissertação trata de discutir a tradição narrativa de João Gilberto Noll em relação direta à questão da sexualidade. É relevante verificar como essa relação se consubstancia. De imediato, ela expõe pontos centrais da tessitura narrativa nolliana como, por exemplo, pontos relacionados à transitoriedade (AUGÉ, 1994), à dispersão/constituição rizomática (DELEUZE & GUATTARI, 1995) e à fragmentação ontológica (BLANCHOT, 1990) de vários de seus protagonistas e personagens deuteragonistas. Além disso, esse capítulo ainda deslinda algumas das principais análises literárias sobre João Gilberto Noll, cujos focos se localizam na configuração sexual de seus protagonistas e/ou personagens deuteragonistas.

Ainda por meio desse primeiro capítulo, percebe-se a tendência da crítica literária nolliana em analisar, principalmente os protagonistas de João Gilberto Noll, pelo viés homoerótico. De fato, tais análises são importantes para a leitura de muitas de suas obras, entretanto, analisar somente homoeroticamente o protagonista, João Bastos, de *Solidão Continental* (2012), é analisá-lo apenas parcialmente, ou seja, é escamotear várias de suas facetas sexuais, empobrecendo assim a potencialidade literária desse romance contemporâneo. Tanto João Bastos quanto muitos dos personagens deuteragonistas apresentam uma configuração sexual indefinida ou, nas palavras de Carol Queen e Lawrence Schimel (1997), pomossexual.

Segundo esses autores, a pomossexualidade está ligada diretamente a várias questões pós-modernas. Não obstante, quais são as características pós-modernas que se relacionam diretamente à pomossexualidade? Esses autores ao questionar as categorias sexuais consideradas fixas e estagnadas rompem com os estudos sobre o Modernismo ou apenas o questionam? A fim de se compreender melhor esse novo termo (pomossexualidade) e atestar como ele pode ser frutífero para os Estudos Literários, o segundo capítulo dessa dissertação se centra em definir conceitos essenciais para se apreender mais profundamente nossa contemporaneidade e esse novo termo como, por exemplo, Modernidade, Modernismo e Pós-Modernismo. Tais conceitos chaves são deslindados por meio de pesquisadores importantes desses tópicos: Jean-François Lyotard (1998), Max Weber (1999), Anthony Giddens (2002), Zygmunt Bauman (2005), Antoine Compagnon (2010), Maria Lúcia Outeiro Fernandes (2011), entre outros.

A questão da sexualidade humana está também relacionada à questão da identidade. Por conseguinte, devido à impressionante potencialidade questionadora desse tema, ele vem sendo tratado em inúmeros trabalhos acadêmicos que perpassam diversas esferas

das consideradas Ciências Humanos, chegando até mesmo às Ciências Biológicas e às Ciências Exatas. O segundo subitem desse capítulo lida com questões centrais referentes à identidade. Primeiro, colocam-se as diferenças substancias para as Ciências Humanas entre os termos indivíduo e sujeito. Tendo feito isso, esse subitem trata das classificações importantes entre os três tipos de sujeito (sujeito do Iluminismo, sujeito Sociológico e sujeito pós-moderno) conforme Stuart Hall (2005).

Por fim, esse segundo capítulo chega ao seu coração e relaciona os principais pontos expostos até então pelos subitens anteriores (pós-modernismo e sujeito pós-moderno (HALL, 2005)) com o tema central desse capítulo: a pomossexualidade. Nesta parte da dissertação, a obra basilar a ser o guia das discussões é a de Carol Queen e Lawrence Schimel (1997). Isso por serem os primeiros sexólogos a discorrerem e cunharem um termo específico a respeito das sexualidades sem definição clara, fixa e estagnada, mas, na verdade, transitórias, dispersas e fragmentárias.

Já no terceiro capítulo, chega-se ao coração da dissertação. É neste momento que se lida diretamente com a análise literária da obra *Solidão Continental* (2012) de João Gilberto Noll. O foco desse trabalho se dá na compreensão de dois pontos analíticos centrais: a relação do narrador com o protagonista e a relação do protagonista com as personagens deuteragonistas, dividindo-se assim esse terceiro capítulo em dois subitens.

Para isso, o instrumental teórico sociológico a auxiliar tal percurso engloba questões relacionadas às características pós-modernas identificadas com a pomossexualidade (QUEEN & SCHIMEL, 1997) tais como a transitoriedade (AUGÉ, 1994), a dispersão/constituição rizomática (DELEUZE & GUATTARI, 1995) e as complexidades ontológicas do sujeito pós-moderno (HALL, 2005). Esse instrumental é utilizado diretamente com o seguinte instrumental literário: sobre o modo e voz do narrador (REIS & LOPES, 1988), sobre o espaço do texto (BLANCHOT, 1990), sobre o espaço da narrativa (NUNES, 1988), sobre o tempo nolliano (SANTOS, 1998) e sobre o protagonista e personagens deuteragonistas (CANDIDO, 1976).

Tratar substancialmente de seres ficcionais sexualmente indefinidos é um tema complexo e de difícil apreensão analítica. Por isso, é crucial percorrer esses caminhos epistemológicos a fim de se poder compreender melhor tanto a localização do autor João Gilberto Noll dentro da literatura brasileira quanto das pesquisas literárias a seu respeito, a respeito da contemporaneidade e sobre novas teorias. Além disso, é também importante estar aberto às novas leituras para conseguir olhar diferentemente para um mesmo texto literário e, assim, atestar que um texto lido e relido várias e várias vezes pode ser mais rico do que se pensa.

A NARRATIVA NOLLIANA E A REPRESENTAÇÃO DA SEXUALIDADE HUMANA

O autor gaúcho João Gilberto Noll é considerado, por inúmeros críticos literários e pesquisadores de literatura, como um dos principais romancistas (e também cronista) da chamada *Geração 90*. Ele angariou cinco vezes um dos principais prêmios literários do Brasil, o prêmio Jabuti, além de já ter sido premiado duas vezes pela Associação Paulista de Críticos de Arte e uma vez pela Academia Brasileira de Letras (isso apenas para citar alguns dos principais, pois há muitas outras honrarias, inclusive internacional).

Segundo Beatriz Resende (2008), a *Geração 90* é composta por autores contemporâneos brasileiros localizados entre 1990 e começo de 2000. Autores como, por exemplo, Bernardo Carvalho e Milton Hatoum. Entretanto, Resende (2008) atesta, devido às temáticas similares (violência, identidade e personagens marginalizados, entre outras), a inclusão de autores anteriores a esse período como: Antônio Torres, Lygia Fagundes Telles, Moacyr Scliar, Nélida Piñon e João Gilberto Noll. Ainda segundo Resende (2008), esses autores aparecem num momento crucial da história brasileira:

> Os anos 80, no Brasil, terão uma feição bem definida. O regime militar se esgota, inicia-se a abertura negociada que tem 1984 como marco. Os princípios do Modernismo, que foram revitalizados nos anos 60, estavam longe de serem discutidos. O que caracteriza o período é uma exacerbada preocupação com a afirmação da identidade nacional. Antônio Callado, Darcy Ribeiro (com seu segundo romance O Mulo) - os dois maravilhosos utopistas que acabamos de perder - e mesmo Jorge Amado (com Tocaia Grande) mas sobretudo João Ubaldo Ribeiro, com Viva o Povo Brasileiro, ocupam-se da questão da brasilidade, confiantes de que a afirmação da identidade é uma atitude libertária, necessária à afirmação e independência de um povo. (RESENDE, 2008, p. 10)

Vale a pena lembrar aqui que é publicado em 1980 o livro de estreia de João Gilberto Noll: *O cego e a dançarina*. Pela citação de Resende (2008), percebe-se que é um momento de abertura e maior liberdade artística. Por isso, a grande maioria dos autores da *Geração 90* começam a questionar pontos importantíssimas relacionadas à configuração identitária como, por exemplo, o regionalismo, a territorialidade, o nacionalismo, a representabilidade artística e a sexualidade humana. É um momento também relevante para questões acerca da globalização e do capitalismo tardio (JAMESON, 1997).

Segundo Rejane Cristina Rocha (2011), a ficção de João Gilberto Noll deve ser vista como intersticial, já que tanto o contexto histórico-social quanto o cultural podem evidenciar tal definição. Para Rocha (2011), o leitor, para compreender mais profundamente a riqueza literária nolliana, deve levar em conta:

> (...) a inserção do livro nos esquemas da indústria cultural, a influência da imagem televisual sobre as estratégias narrativas, o esfacelamento das utopias políticas e a sua substituição por um pragmatismo econômico sem

> precedentes, acompanhado de um funesto "darwinismo social", não para decretar a sua decadência temático-formal, mas para refletir sobre como tais contingências, ao invés de levar de roldão a produção literária, a ela ofereceu novos desafios em termos de representação. (ROCHA, 2011, p. 48)

Percebe-se que tanto para Resende (2008) quanto para Rocha (2011), o início da produção do autor João Gilberto Noll coincide com um momento de transição, um momento renovador no contexto histórico-social e cultural do Brasil. Momento esse em que vários autores e pesquisadores (antropológicos, sociológicos, psicanalíticos, literários, etc..) começam a aprofundar as discussões acerca de uma das principais questões sobre a contemporaneidade: ***a identidade do sujeito pós-moderno***[1]. A fim de se entender melhor o que este trabalho chama de sujeito pós-moderno, o leitor deve entender bem as três concepções de identidades, tomadas aqui como ponto de partida, indicadas por Stuart Hall (2005): sujeito do Iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno.

Segundo Hall (2005), o sujeito do Iluminismo é um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação. Ele apresenta "centro" fixo e imutável, ou seja, ele nascia e, embora pudesse se desenvolver, seu "centro" permanecia "intacto" com ele por toda a vida, já que seu "centro" é a sua essência, sua identidade. A alteração desse centro era vista como improvável e impossível. Esse sujeito é baseado no sujeito cartesiano. Ele recebe esse nome por se basear na famosa expressão de René Descartes: "*Cogito, ergo sum*" ("Penso, logo existo").

A afirmação de Descartes aponta para uma nova forma de análise. Para ele, as coisas devem ser explicadas através de uma redução dos seus elementos essenciais à quantidade mínima, ou seja, seus elementos irredutíveis. No centro da "mente" ele colocou o sujeito individual, constituído por sua capacidade para raciocinar e pensar, logo se eu penso, eu existo. O sujeito cartesiano é distinto e indubitável. Ele é ponto de referência e de discernimento para se compreender o mundo ao seu redor e a si mesmo. Portanto, ele é o centro. John Locke (1997) também corroborou essa ideia ao identificar o indivíduo em termos de "mesmidade (*sameness*) de um ser racional", em outras palavras, ele se refere a uma identidade permanente, contínua, inalterável ao longo do tempo.

A noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que esta "essência", esse "centro", não era autônomo e autossuficiente, mas era formado em relação ao outro, em relação à alteridade. Esse "outro" mediava seus valores, desejos, sentidos, e símbolos, em outras palavras, a cultura, o mundo onde ele habitava. Portanto, a identidade é formada na "interação" entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o "eu real", mas este é formado e modificado constantemente num diálogo contínuo com os mundos culturais "exteriores" e as identidades que esses mundos oferecem.

1 A questão do pós-modernismo será trabalhada mais a fundo no próximo capítulo.

Entretanto, discute-se, nos dias de hoje, que são exatamente essas ideias de imobilidade, universalidade, totalidade e essencialidade, tanto do sujeito do Iluminismo quanto do sujeito sociológico, que estão mudando recorrente e velozmente. O sujeito, aprioristicamente apreendido com uma identidade unificada e estável, está sendo representado de forma fragmentária, descentralizada, amorfa ou polimorfa, opaca e dispersa. Ele seria constituído não apenas de uma única, mas de várias identidades, muitas vezes, identidades disjuntivas.

A humanidade vem sendo bombardeada constantemente por informações, influenciada por diferentes meios de comunicação e pela utilização de novas tecnologias. As diferentes mídias desenvolvem e instigam novas demandas de consumo, demandas essas, muitas vezes, sem grande conexão com as necessidades do sujeito. Entretanto, isso não deixa de oferecer ao indivíduo diversas chances de identificações, além de exercer o papel de formadora do EU. É interessante perceber que tudo isso coloca o sujeito na posição de mero espectador. Nunca, na história da humanidade, o local e o global estiveram tão intimamente ligados à formação de sua identidade. Cabe ao sujeito pós-moderno construir uma identidade estável e que se sustente na trama histórica que se desenrola no tempo e no espaço.

Ele (o sujeito pós-moderno) interage diretamente com o mundo ao seu redor e é, por consequência, modificado por ele, não obstante, ele também o modifica. Isso tudo ocorre no mesmo tempo que esse mundo exterior está entrando em colapso, suas ideologias, outrora consideradas universais e totalizantes, estão se esfacelando e suas bases ruindo. Isso faz com que as identidades culturais se tornem provisórias, variáveis e densamente problemáticas.

Todo esse novo processo acaba por produzir um novo sujeito, o sujeito pós-moderno. Ele não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma "celebração móvel": formada transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (HALL, 2005). Além disso, ela é definida pelo discurso historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro do sujeito pós-moderno há identidades contraditórias, empurrando-o em diferentes direções, de tal modo que sua identidade é constantemente resignificada.

Como já indicado previamente, a partir do início da década de 1980, inúmeras estudos acerca de identidade do sujeito pós-moderno começam a emergir tanto na cena internacional quanto na nacional. São estudos de cunho antropológico, sociológico, psicanalítico, entre muitos outros, inclusive de cunho literário. Diversos autores "componentes" da chamada *Geração 90* narram, dentre várias temáticas, temáticas relacionadas diretamente à configuração do sujeito pós-moderno tais como a ***transitoriedade***, a ***dispersão*** e a ***fragmentação*** nas suas mais diferentes formas existentes no mundo contemporâneo ou

como o sociólogo polonês, radicado na Inglaterra, Zygmunt Bauman (2005) denomina: na Modernidade Líquida[2].

Esses três temas, sublinhados no parágrafo anterior, auxiliam a compor um dos pontos principais relacionados ao pós-modernismo, às questões relacionadas às sexualidades contemporâneas e à própria Modernidade Líquida: ***a indefinição***. Ademais, tais temas são delineados literariamente por João Gilberto Noll na obra *Solidão Continental* (2012), objeto central de análise dessa dissertação. Entretanto, antes de tentarmos entender como João Gilberto Noll configura tais temáticas na obra em destaque, é importante deslindarmos mais claramente os elementos "subcomponentes" (***transitoriedade***, ***dispersão e fragmentação***) da "ideia-maior": ***indefinição***.

Segundo Resende (2008), percebe-se que a questão da ***transitoriedade***, da ***dispersão*** e da ***fragmentação*** (principalmente do texto literário) cria espaços indefinidos, ruas ermas, cidades sem nomes, ou seja, o ***não-lugar*** é o espaço preferido para as deambulações tanto dos protagonistas quanto das personagens circundantes existentes nas obras literárias dos autores da *Geração 90*. Ainda sobre a *Geração 90*, Manuel da Costa Pinto (2004) comenta que são autores reunidos à periferia, à marginalização e ao marginalizado, ou seja, ao ex-cêntrico (HUTCHEON, 1990). O não-lugar indicado por Resende (2008) é, portanto, frequentado literariamente tanto pelos autores à margem quanto pela *Geração 90*, ou seja, a *Geração 90* é composta por autores que falam do centro a respeito da margem. João Gilberto Noll é bacharel em Letras, Miltom Hatoum é tradutor, Moacyr Scliar é médico, Lygia Fagundes Telles é bacharel em direito e educação física.

Entretanto, tal posicionamento "centrista" não os impede de retratar as mazelas de uma sociedade desigual como a brasileira. Eles narram sobre lugares inóspitos, vielas desérticas, casas demolidas, pontos de desempregados, desvãos sociais diversos, prédios esquálidos, no todo, espaços transitórios, desterritorializante, fragmentados, ou seja, indefinidos. Muitos desses espaços (se não todos) podem ser encontrados nos romances nollianos.

E é nesse tipo de espaço que se deve compreender e localizar a narrativa nolliana. O espaço do *não-lugar*, do mutável: "Aqui ou ali eu me adiantava meio à cata de uma clara finalidade" (NOLL, 2012, p. 10). O *não-lugar* deve ser entendido aqui por meio da acepção do seu próprio cunhador, o antropólogo francês, Marc Augé. Para Augé (1994), o não-lugar é um espaço de passagem incapaz de formatar qualquer tipo de identidade, ou seja, é

2 Bem brevemente, Modernidade Líquida deve ser entendida como o período atual. Conforme Zygmunt Bauman (2010), é uma época de total liquidez, fluidez, volatilidade, incertezas e inseguranças. Ela não possui mais a estagnação identitária do período anterior, denominado também pelo autor como Modernidade Sólida. Suas referências são fragmentárias e escorregadias. O que se vê agora é a lógica do momentâneo, do espontâneo, do consumo exacerbado, da diversão intensa e da artificialidade comunitária. As relações pessoais são frágeis, embora as conexões predominem. O termo conexão é uma das principais contribuições de Bauman (2010) para as ditas Ciências Humanas, pois envolve a noção de que, em uma conexão, a vantagem não está em só ter várias conexões mas principalmente em conseguir se desconectar sem grandes perdas ou custos.

um espaço transitório onde o sujeito não consegue desenvolver qualquer tipo de vínculo emocional ou afetivo. Além disso, ele é também um lugar anônimo, descaracterizado e impessoal, portanto, sem história nem significado fixo.

O próprio João Gilberto Noll define sua narrativa como transitória:

> O homem não é um bicho estagnado. E só existe ficção por isso e não para usar a ação como uma peripécia atordoante que valha por si mesma. Mas o que vai me levar a essa ação, a essa verdade humana que é o momento, é a linguagem. Ela é o abre-te sésamo deste novo mundo.[3]

Karl Erik Schollhammer (2011) ainda percebe que a transitoriedade é "a consequência geral de uma experiência de fragmentação, heterogeneidade e perda de coerência – espacial e temporal e, portanto, histórica (...)" (2001, p. 37). Verifica-se essa consequência em vários romances nollianos. Por exemplo, em *Canoas e marolas* (1999), a história se desenvolve em uma ilha não-nomeada, até sua localização geográfica é indeterminada. Há uma guerra em *Harmada* (1993), mas o leitor não consegue saber onde ela ocorre. Mesmo quando o narrador nomeia as localizações, tais localizações são opacas, suas descrições são rarefeitas e descentralizadas haja vista a Porto Alegre de *Rastros do Verão* (1986), a Califórnia de *Berkeley em Bellagio* (2002) ou a cidade de Londres presente em *Lorde* (2004).

As narrativas nollianas são literariamente bem edificadas, embora indefinidas, despedaçadas e movediças, estrutural e conteudisticamente. Há trama, mas o leitor não consegue deslindá-la clara e fixamente. Há espaço, mas sobre qual espaço escreve Noll? Há narrador, protagonista e personagens deuteragonistas[4], entretanto, muitas vezes, é difícil separá-los distintivamente, em outras palavras, é complicado identificar quem está sendo caracterizado, quem está falando ou por meio de qual ponto de vista se fala.

O tempo é também transitório e *omnitemporal* (também denominado gnômico). Para se compreender melhor a definição de tempo omnitemporal, é necessário compreender outros dois tipos de tempo: *imperfectivo* e o *perfectivo*. O primeiro indica a duração, é semanticamente marcado e demonstra uma temporalidade interna, como um fragmento de tempo que se desenrola; já o segundo indica uma ação decursa, ou seja, a ação já determinada ou marcada de alguma forma em sua temporalidade e não é marcado semanticamente. Por sua vez, o tempo omnitemporal é iterativo é intermediário desses dois tipos de tempo, pois indica a frequência, a repetição do ato, reforçando, portanto, a ideia de imprecisão e dispersão temporal. É um tipo de tempo aparentemente constante e infindável.

O tempo omnitemporal é o mais recorrente nas obras de João Gilberto Noll. O tratamento especial dado ao passado é de extrema relevância para se compreender as copiosas mutações desse próprio tempo e das outras instâncias narrativas. Conforme

3 Disponível em http://www.joaogilbertonoll.com.br/. Acesso em 25 out. 2013.

4 Na tragédia grega, deuteragonista era o ator possuidor do papel secundário dentro da peça teatral, já que o ator com o papel principal recebia o nome de protagonista.

Josalba Fabiana dos Santos (1998), o presente nolliano tem caráter imediatista, de ação e de ausência de reflexão. O passado é, em vários momentos, negado ao leitor, mas sempre acaba aparecendo em um desvão narrativo que se abre ao presente. Por usa vez, para Santos (1998), o futuro recebe pouca atenção na medida em que os personagens nollianos não têm projetos, a não ser o de sobreviver mais um dia aparentemente infindável, em outras palavras, sobreviver ao presente omnitemporal.

Essa equação, ainda segundo Santos (2006), pode ser verificada em vários romances de João Gilberto Noll tais como: *A Fúria do Corpo* (1981), *Bandoleiros* (1985), *Rastros do Verão* (1986), *O Quieto Animal da Esquina* (1991), *Harmada* (1993) e *A Céu Aberto* (1996). Por exemplo, no caso de *A Céu Aberto* (1996), seu narrador recorda ter cometido um crime (presença do passado), não obstante, essa história é colocada em dúvida no momento do relato (presença do presente). O presente gnômico em Noll é tão forte que ele enfraquece o tempo verbal, ou seja, o leitor tem a impressão do assunto narrado ser desenvolvido sempre no agora, no imediato mesmo quando o narrador trata das memórias do protagonista, por exemplo. É um presente infindável, mas sempre em constante formação (ou seria deformação?).

A configuração do enredo, do protagonista e das personagens deuteragonistas está em consonância com a configuração do espaço e do tempo narrativo nolliano, portanto, eles também são transitórios, dispersos e fragmentários, ou seja, eles necessitam de uma atenção maior a fim de serem apreendidos, por parte do leitor. Conforme Jacobsen (2013), depois da publicação de *Canoas e marolas* (1999), “seria um exagero falar em trama e quase uma liberdade poética falar em personagem (...)”[5]. Por meio dessa citação, Jacobsen (2013) expõe a complexidade e a problemática em definir o enredo nolliano assim como seus personagens. De fato, definir as tramas e personagens nollianas é uma tarefa difícil, mas necessária para compreender mais profundamente muitas das temáticas presentes em seus romances e a entender como as instâncias narrativas auxiliam na construção diegética.

Outro subcomponente importante para compreender melhor a “ideia-maior” (indefinição) é a ***dispersão***. Mas o que este trabalho entende por dispersão? Deve-se tomar essa ideia por meio da concepção de Bauman (2010) sobre as relações pessoais no mundo contemporâneo. Bauman (2010) aponta que há relações pessoais atualmente, entretanto, tais relações são extremamente frágeis. Ele utiliza o termo conexão para desenvolver mais profundamente essa ideia de fragilidade. Segundo Bauman (2010), as pessoas até conseguem se conectar emocionalmente, entretanto, tal conexão não se sustenta por muito tempo. Portanto, para elas é mais fácil se desconectar e procurar novas conexões do que permanecerem conectadas, ou seja, as relações atuais estão dispersas, sem um ponto fixo.

---

5 Disponível em <http://www.amalgama.blog.br/04/2013/solidao-continental-joao-gilberto-noll/>. Acesso em 02/10/2014.

Ainda segundo Bauman (2010), uma relação frágil pressupõe a transformação do ser humano em mercadorias que, por sua vez, podem ser consumidas e jogadas no lixo a qualquer instante, em outras palavras, os seres humanos podem ser descartados a qualquer momento. O sujeito líquido (sujeito pós-moderno para Stuart Hall (2005)) vive em um mundo de consumo e opções. Esse mundo não apresenta mais referenciais de ação, ou seja, qualquer autoridade de referência é colocada em xeque e o sujeito líquido tem que lidar com suas próprias ações, ele é responsável por seus atos.

Outro ponto interessante a perceber é como se dão os encontros sexuais na Modernidade Líquida. Elas não deixam de ser um tipo de relação pessoal, pois para Bauman (2010) o sexo é uma força de atomização, não de união. As conexões sexuais fortalecem a noção de indivíduo isolado na medida em que é parte da acumulação de sensações que o sujeito líquido foi desenvolvido para buscar. O sexo é sempre visto como satisfação instintual e, novamente, sem qualquer responsabilidade ou ligação com o outro. É um sexo líquido para uma sociedade líquida.

É importante também notar que líquido não é sinônimo de frágil. Na verdade, conforme Bauman (2010) expõe muito bem, o líquido é bem mais do que o frágil. Portanto, deve-se apreender a relação líquida não como um tipo de escolha entre ambas as partes que, coincidentemente ou não, apresentam dificuldade em estabelecer laços afetivos profundos e estáveis. Nesse momento, esse trabalho discorda de Bauman (2010), pois se acredita que essa relação vá além da "não-escolha" na medida em que ela emerge em um conjunto de instituições, regras, lutas e sistemas simbólicos, políticos e econômicos contidos em uma estrutura social particular.

De fato, há dispersão, ou seja, afastamento de pessoas ou de coisas em diferentes direções e sem um centro monopolizador ou algum tipo de forma fixa, mas há também o livre-arbítrio, quer dizer, há o direito à escolha, mesmo sem se saber qual será o resultado desse processo. Portanto, são relações também de caráter ***rizomático***[6]. Segundo Foucault (1994), a sexualidade nos dias atuais deve ser vista não mais como um tipo dispositivo de aliança financeira e de status social (transmissão de bens e nomes), mas um tipo de aliança sensorial e corporal, ou seja, há a nítida procura pelo prazer carnal.

Em suma, para Bauman (2010), a sociedade atual é líquida, pois seus valores mudam rapidamente, como o soprar do vento. Isso provoca insegurança, medo nas pessoas. Na tese de Bauman (2010), as identidades estão dispersas e/ou dissolvidas no emaranhado da contemporaneidade. As pessoas se voltam para o consumo como uma forma de tentar se definir. Entretanto, mais importante do que hiperconsumir, é descartar o hiperconsumido. Parece que as pessoas compram, para "descomprar". As conexões sexuais existem, mas são frágeis. Para Bauman (2010), não há escolha do individuo nesse processo. Entretanto, esse trabalho concorda com Foucault (1994), há escolha sim, pois embora essas conexões não apresentem um centro, uma forma fixa ou uma direção clara, elas são motivadas pela realização das vontades sensoriais e corporais.

6 Esse termo será tratado melhor no capítulo 2.

Por fim, o terceiro subcomponente da “ideia-maior” se refere à questão da ***fragmentação***. Manuel da Costa Pinto (2004) ao comentar a reedição de *O Quieto Animal da Esquina* (1991) atesta que ele se trata de um “romance de deformação” (comparando-o diretamente ao romance de formação da literatura romântica), pois “a linguagem perambula junto à personagem sem jamais encontrar um lugar de repouso, em que a experiência não leva ao aprendizado ou à transformação – mas a um mergulho metódico em relações sociais e afetivas deterioradas” (2004).

Sob a égide de Pinto (2003), o romance *Solidão Continental* (2012) pode ser visto como um “romance de deformação” ou, pelo menos, um “romance caleidoscópico”. A cada novo olhar, o leitor visualiza uma nova imagem. E mesmo se o leitor não quiser olhar novamente, o narrador faz com que ele olhe, deformando o enredo, a caracterização do protagonista, das personagens deuteragonistas, do tempo e do espaço.

Italo Moriconi (2003), acerca de *Berkeley em Bellagio* (2002), comenta que:

> Somente a poesia pode sustentar o trajeto de um homem pelo deserto asfaltado da existência aparentemente desprovida de sentido. O sentido é dado ***a posteriori***, recolhido no que foi tecido pela escrita do durante. O imperativo da vida é o imperativo da escrita. No trajeto da escrita, o eu oscila entre celebrar e sustar sua autodissolução. O eu se constrói e se dissolve, ao mesmo tempo (MORICONI, 2003, P. 26)

Moriconi (2003) nota algo importantíssimo a respeito da narrativa nolliana: a luta entre o ser e o não-ser: “O imperativo da vida é o imperativo da escrita. No trajeto da escrita, o eu oscila entre celebrar e sustar sua autodissolução”. Sua citação retoma o jogo simbólico do *fort-da* de Freud (1992). Para o protagonista de *Solidão Continental* (2012), a sustentação de apenas uma identidade fixa é muito custosa e cansativa. Esse ser ficcional parece ser edificado de forma a não manter uma identidade sólida por muito tempo. Sua constituição ontológica se encontra constantemente em fragmentos. E mesmo esses fragmentos não conseguem permanecer os mesmos por muito tempo e são fragmentados novamente. Depois disso, o narrador parece recolhê-los, colá-los, para, logo em seguida, esfarrapá-los em pedaços tudo de novo.

Não importa qual seja a caracterização dada, ela nunca é a caracterização do objeto dado. Ela é uma luta sem vitória, um jogo sem fim, em outras palavras, a caracterização das instâncias narrativas são atualmente líquidas. Para Bauman (2010), a sociedade atual é líquida, pois seus valores mudam rapidamente, com o soprar do vento. Isso provoca insegurança, medo nas pessoas. Na tese de Bauman (2010), as identidades estão dispersas e/ou dissolvidas no emaranhado da contemporaneidade. As pessoas se voltam para o consumo como uma forma de tentar se definir. Entretanto, mais importante do que hiperconsumir, é descartar o hiperconsumido. Parece que as pessoas compram, para “descomprar”.

O narrador de *Solidão Continental* (2012) narra, para “desnarrar”. Ele caracteriza o espaço, o tempo, o protagonista e as personagens deuteragonistas para, em seguida,

descaracterizar. Isso talvez ocorra, pois essas instâncias narrativas são e não são o que o narrador imprime na página ao mesmo tempo. Elas são, por ele, configuradas com o propósito de serem “desconfiguradas”. Tal “desconfiguração” demonstra o quão o sujeito pós-moderno (HALL, 2005) é desconcentrado, fugidio e desbandado.

O sujeito pós-moderno é caracterizado por João Gilberto Noll em *Solidão Continental* (2012) por meio de uma configuração transitória, dispersa e fragmentária de vários de seus personagens deuteragonistas, mas, primordialmente, por seu protagonista, por meio da linguagem específica de seu narrador autodiegético. Em entrevista concedida ao jornal *Rascunho*, o próprio Noll (2012) comenta, o seguinte, sobre o seu protagonista:

> Eu quero falar de todo mundo e ninguém através desse meu protagonista que é sempre o mesmo homem. Só descobri isso há pouco tempo. Ele é sempre o mesmo homem. Ele vai continuar comigo. Tenho plena certeza disso. Ele habita em mim. E, se ele se for, eu vou junto. Então, realmente, quero que ele fique vivinho e com saúde dentro de mim.[7]

Por meio da fala de Noll, nota-se mais uma confirmação de sua predileção pelos seres ficcionais indeterminados. Falar de todos é, ao mesmo tempo, falar de ninguém e vice-versa. Vale a pena perceber aqui que, embora Noll afirme que seu protagonista é sempre o mesmo “homem”, esse “homem” não é baseado no autor. Em entrevista ao jornal paulistano *O Estadão*, o próprio autor assevera que:

> Esse homem que protagoniza os meus romances eu não o projetei desde o início da minha atividade literária. Hoje eu sei que ele está aí e que não é exatamente o meu eu biográfico, o cidadão João. Não, é diferente: ele pode até ter vindo da minha natureza, mas é um segundo personagem que não o da minha cidadania exercida no dia a dia social. Ele habita em mim, tá certo, eu o abrigo com certo desvelo, ok, mas se eu fosse viver a sua intensidade coragem na vida real, eu hoje não passaria de uma lápide[8].

O protagonista nolliano é muitos e ninguém. Ele não é o autor, com certeza, mas apresenta várias qualidades constitutivas da natureza ontológica do seu autor. Como o próprio Noll indica, ele o abriga. Esse homem protagonista de suas obras literárias vive dentro dele, além de expor certos pensamentos e vontades. Ele não expõe todos, corroborando assim com a ideia de exotopia proposta por Mikhail Bakhtin (2003)[9].

---

7 Disponível em <http://rascunho.gazetadopovo.com.br/joao-gilberto-noll/>. Acesso em 02/10/2014.

8 Disponível em <http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,joao-gilberto-noll-fala-de-imprecisoes-em-solidao-continental,927367>. Acesso em 02/04/2014.

9 Exotopia do autor é seu próprio apagamento amoroso fora do campo existencial do herói e o afastamento de todas as coisas no intuito de deixar este campo livre para o herói e para sua vida. É a compreensão que participa no acabamento do acontecimento da vida do herói, exercendo-se a partir do ponto de vista real-cognitivo e ético de um espectador que não toma parte do acontecimento. E, mais a frente, de acordo com uma relação simples, o autor deve situar-se fora de si mesmo, viver a si mesmo num plano diferente daquele em que vivemos efetivamente nossa vida. Ele deve tornar-se outro relativamente a si mesmo, ver-se pelos olhos de outro. É uma questão de alteridade. A própria noção de alteridade possui uma perspectiva plural e híbrida, que não se enquadra em esquemas explicativos generalizantes, encadeados de modo inflexível. É importante destacar aqui que esse conceito se deu, inicialmente, pelas próprias imposições da ordem capitalista, sendo sua necessidade sentida cotidianamente nas relações socioculturais devido as fortes tensões entre os grupos étnicos, sexuais e assim por diante.

No tocante à configuração da sexualidade, ela também não é toda explorada, deslindada, o narrador nolliano tende a deixar mais perguntas acerca desse tópico do que respostas aos seus leitores. Por exemplo, o protagonista de *A Fúria do Corpo* (1981) se sente atraído sexualmente tanto pelos personagens deuteragonistas femininos quanto masculinos, o mesmo ocorre em *Bandoleiros* (1985), *Rastros do Verão* (1986), *O Quieto Animal da Esquina* (1991), *Harmada* (1993), *A Céu Aberto* (1996) e *Lorde* (2004). Dependendo do contexto em que o protagonista se encontra, um vontade é aflorada mais do que o outra. Entretanto, ambos estão presentes em sua configuração, pois em nenhum momento, nas narrativas acima, ele se categoriza sexualmente como heterossexual ou homossexual. Ambas as sexualidades são tratadas pelo narrador de forma natural.

Em *Solidão Continental* (2012) os desejos sexuais do protagonista são ainda mais complexificados. João Bastos expõe ao leitor suas vontades homoeróticas por Bill Stevens, o recepcionista do hotel Bismark, o mórmon Tom, o combatente brasileiro Rogério e seu aluno Frederico Drago. Conquanto, ele também compartilha suas vontades sexuais por um ser aparentemente andrógino, Mira/o, e por uma relação poliamorosa, Amanda e Roberto, além de incitar a imaginação do leitor ao rememorar seu casamento heterossexual com Elvira e finalizar o enredo com um possível encontro heterossexual com Daiane. Por conseguinte, percebe-se que esse protagonista detém diferentes vontades sexuais em seu ser. Tais vontades são exponenciadas na medida em que a situação se faz presente, e são esmorecidas (ou até mesmo escondidas) a seu bel-prazer.

Ser e também não ser, estar e também não estar, mudar e seguir mudando, sexualidades fragmentárias são características narrativas corriqueiras em diversos autores contemporâneos como, por exemplo, Bernardo Carvalho, João Silvério Trevisan, Silviano Santiago, (entre muitos outros). Uma narrativa transitória e dispersa é também fragmentada ou seria melhor apenas chamá-la fragmentária? Conforme Maria Luzia Oliveira Andrade (2007), a fragmentação é uma especificidade do texto literário pelo motivo de que:

> A fragmentação (...) toma forma na sintaxe textual, mediante a não-linearidade discursiva. Também nos remete ao elemento ***fragmentário***, que pode manifestar-se de formas distintas: no esfacelamento de perspectivas, na memória/digressão, no recurso da intertextualidade – prosa/poesia/drama ou literatura/cinema/ teatro – na linguagem sintomática, ou ainda, na coexistência de alguns desses aspectos presentes no mesmo texto. (ANDRADE, 2007, p. 05)

Ainda segundo Andrade (2007), a discussão acerca da fragmentação do texto literário já perpassou as reflexões de vários pesquisadores contemporâneos como, por exemplo, Anatol Rosenfeld (2005), Júlia Kristeva (1989), Roland Barthes (2003 e 2004) e Jacques Lacan (1996, 1998 e 2005). Muitas de suas reflexões tangeram a seguinte pergunta: É possível haver fragmentação do texto literário sem ele mesmo ser fragmentado? A fragmentação é um fenômeno moderno, entretanto, ela é bem recorrente em textos considerados pós-modernos.

Segundo Ernest Fischer (2002), a fragmentação do texto literário é um processo de *mimese* do real, pois a Primeira Revolução Industrial e a consequente mecanização das fábricas forçou a sociedade moderna a olhar para o mundo de uma forma diferente, sem inteireza, sem concretude, enfim, em frangalhos, fragmentariamente. Para Roland Barthes (2003), a questão *perspectívica* também auxiliou esse olhar fragmentado jogado ao real. Baseando-se diretamente em Joyce e Proust, Barthes (2003) comenta que toda linguagem literária é (re)organizada pelo olhar de seu respectivo autor.

Por isso, os estudos acerca do *tempo* e da *memória* na literatura vêm se tornando cada vez mais relevantes para se compreender mais profundamente a literariedade contida nos textos. Ao levar em conta a existência de várias percepções, levam-se também em conta as diferentes possibilidades de análise do texto literário, coadunando com Derrida (1973) tratado anteriormente.

Conquanto, ainda permanecem as seguintes questões centrais: O que é fragmentação? E é possível haver fragmentação do texto literário sem ele mesmo ser fragmentado? Ambas são perguntas complexas de serem respondidas, mas de grande relevância para se apreender melhor inúmeros textos contemporâneos, inclusive vários textos de João Gilberto Noll.

Segundo Andrade (2007), qualquer leitor contemporâneo deve compreender que a fragmentação do texto literário se dá estrutural e conteudisticamente, ou seja, um texto literário fragmentado é um texto sem linearidade, sem começo, meio e fim, repleto de histórias incompletas e despedaçadas. Entretanto, ainda para Andrade (2007), o leitor tem que ter em mente a diferença entre *fragmentação* e *fragmentário*. O primeiro é a definição dada inicialmente neste parágrafo enquanto que o segundo deve ser apreendido como abarcante das características do primeiro, embora o leitor deva ainda acrescentar a esta significação os seguintes elementos: a construção de múltiplos planos, a configuração da memória, a edificação da linguagem sintomática com perspectivas esfaceladas e a explicita presença da intertextualidade.

Portanto, conforme Andrade (2007), o texto literário nolliano é mais bem compreendido pelo viés fragmentário, já que apresenta ao seu leitor uma profundidade estrutural e conteudística maior, além de também abraçar os pontos adicionais indicados por Andrade (2007). Baseando-se nas explicitações compartilhadas até esse momento, este trabalho então formula a seguinte pergunta: Se o texto literário de João Gilberto Noll é transitório, desterritorializante e fragmentário, ou seja, indefinido, como é possível falar em categorias (espaciais, temporais, diegéticas, sexuais, etc..) fixas? Como o foco deste trabalho é sexual, ele tentará responder tal questão por esse viés.

A DIREÇÃO DAS PESQUISAS ACADÊMICAS ACERCA DE JOÃO GILBERTO NOLL

Uma pletora de pesquisas, mormente literárias, vem tratando primordialmente da homoafetividade dos protagonistas nollianos haja vista os trabalhos de Marcos de Jesus Oliveira (2008), Fábio Figueiredo Camargo (2008), Nelson Eliezer Ferreira Júnior (2008), Sandro Adriano da Silva (2010), Giuliano Hartmann (2011) e Rafael Martins da Costa (2013), para nomear apenas alguns pouquíssimos inseridos no grupo acadêmico de João Gilberto Noll. De fato, percebem-se diversos traços homoeróticos em *Solidão Continental* (2012) assim como em outras obras de Noll: *A Fúria do Corpo* (1981), *Rastros de Verão* (1986), *A céu aberto* (1996), *Acenos e Afagos* (2008), *Berkeley em Bellagio* (2002) e *Lorde* (2004).

Oliveira (2008) desvela como os encontros, primordialmente, sexuais homoeróticos em *Berkeley em Bellagio* (2002) desconstroem as formas tradicionais de sociabilidade, de política e de identidade. Ele também critica os copiosos paradigmas dominantes de leitura e interpretação do texto literário, bem como os parâmetros de dominância canônica da literatura.

O homoerotismo é também discutido, sob a égide da obra *O Erotismo* (1988) de Georges Bataille, em *A Fúria do Corpo* (1981) por Fábio Figueiredo Camargo (2008). Camargo (2008) analisa como João Gilberto Noll edifica as relações eróticas, mormente entre personagens do mesmo sexo, de forma explícita e implícita contida na diegese, além de demonstrar a representação dos corpos desses personagens e como eles são produtos de uma escrita, considerada por Camargo (2008), pulsional.

Nelson Eliezer Ferreira Júnior (2008) discorre sobre a mesma temática em sua tese de doutorado. Nela, Júnior (2008) não analisa apenas as obras nollianas. Na verdade, ele compara literariamente *Berkeley em Bellagio* (2002) de João Gilberto Noll com as obras, de outros autores brasileiros contemporâneos, *Stella Manhattan* (1985) de Silviano Santiago e *Bem Longe de Marienbad* (1996) de Caio Fernando Abreu. Segundo Júnior (2008), a homossexualidade (termo preferido por esse pesquisador, embora já abolido em vários trabalhos acadêmicos por sua alta carga preconceituosa e patológica) deve ser percebida como uma narratividade exterior à obra literária, pois ela se edifica se contrapondo à heteronormatividade do mundo contemporâneo.

Já Sandro Adriano da Silva (2010) tenta ler *Acenos e Afagos* (2008) de Noll pelo viés da teoria *queer*[10]. Ao fim e ao cabo, seu foco acaba sendo mais centralmente na questão homoerótica e no que esse autor chama de homomemória[11]. Conforme Silva (2010), em *Acenos e Afagos* (2008), há uma tecelagem literária *sui generis* que articula relações de metamorfose ontológica com memórias homoeróticas singulares inscritas nos corpos das

10 Bem brevemente, as pesquisas da teoria *queer* afirmam que a orientação sexual e a identidade sexual ou de género são o resultado de um constructo social, logo não há papéis sexuais, *a priori*, essencial ou biologicamente inscritos na natureza humana, mas, na verdade, eles socialmente variáveis.

11 Segundo Silva (2010), em suma, homomemória é a memória homoerótica contida nas personagens ficcionais.

personagens nollianas da obra em questão. Tais "inscrições" revelam seus desejos e características homoeróticas dispersas no tempo e no espaço narrativo.

Ainda sobre *Acenos e Afagos* (2008), Rafael Martins da Costa (2013) também analisa a mesma obra literária sob o viés homoerótico. O trabalho de Costa (2013) é mais simples (mas não simplório) e centraliza seus esforços analíticos na configuração da linguagem tipicamente nolliana presente nesse romance que auxilia na construção das relações afetiva-sexuais homoeróticas entre o protagonista e as personagens circundantes.

Em menor escala temática, em sua dissertação de mestrado, Giuliano Hartmann (2011) não trata apenas do homoerotismo, mas das problemáticas relacionadas à constituição identitária, tanto do narrador autodiegético quanto das personagens deuteragonistas, em *A céu aberto* (1996). Sob o olhar ensaístico baumaniano (2005), Hartmann (2011) contrapõe as questões sobre o aniquilamento do sujeito pós-moderno, refutando-os de certa forma, e relê Noll por meio de resgates das subjetividades perdidas diante dos simulacros ideológicos existentes na modernidade líquida.

Há também grande teor homoerótico em *Solidão Continental* (2012). Logo no introito, o narrador deixa claras as intenções centrais de seu protagonista, João Bastos, durante sua visitação do hotel Bismark (outrora Allegro), ou seja, encontrar o que parece ter sido o grande amor de sua vida: Bill Stevens. Nesse interim, João parece manter relações homoeróticas não somente com Bill, mas também com o recepcionista do hotel. Nos capítulos seguintes, o narrador compartilha com seus leitores o desejo homoerótico de João pelo mórmon, Tom, pelo soldado brasileiro, Rogério, e por seu aluno, Frederico Drago.

Novamente, de fato, o homoerotismo está presente, em maior ou menor grau, em todas as obras literárias comentadas acima. Entretanto, seus protagonistas não se relacionam apenas homoeroticamente com as personagens deuteragonistas, eles também apresentam relações sexuais heterossexuais, bissexuais (relações sexuais com ambos os gêneros, mas em momentos distintos), poliamorosas (relações sexuais com ambos os gêneros ao mesmo tempo) e, até mesmo, andróginas e incestuosas.

O protagonista de *A Fúria do Corpo* (1981) se relaciona heterossexualmente, na maior parte do livro, com a personagem Afrodite, embora no meio do enredo, há uma rápida investidura homoerótica no personagem "bicha". A bissexualidade parece estar mais presente em *Berkeley em Bellagio* (2003) por meio dos encontros com Léo e Mana em momentos distintos. Em *Harmada* (2013), o protagonista mantém relações poliamorosas com Bruce e Jill. O desejo pelo andrógino e pelo incestuoso é inferido, mas não concretizado em *A Céu Aberto* (1996) por meio das transformações de gênero do irmão do protagonista.

O protagonista de *Solidão Continental* (2012), João Bastos, também apresenta tamanha diversificação sexual, haja vista o deslindamento, por meio da linguagem específica do narrador, de seus desejos homoeróticos, heterossexuais, poliamorosos e, até mesmo, de sua atração sexual por um ser aparentemente andrógino. Tal diversificação corrobora

diretamente com as características literárias de João Gilberto Noll destacadas previamente, ou seja, a sexualidade do protagonista de *Solidão Continental* (2012) parece ser transitória, desterritorializante e fragmentária. Tal diversificação não permite ao leitor categorizar monoliticamente a sexualidade de João Bastos. Ele é heterossexual, gay ou bissexual? Ele se sente atraído apenas pelo gênero sexual oposto, por ambos os gêneros ou até por transgêneros? Conquanto, há necessidade de classificar suas vontades (ou predileções) sexuais em apenas uma categoria sexual? Será que não é melhor compreendê-lo em suas diferentes facetas sexuais, ou seja, em sua indefinição sexual?

Segundo Carol Queen e Lawrence Schimel (1997), todos os serem sexualmente indefinidos (ou autoconsiderados como tais) deveriam ser chamados de *pomossexuais*. Ambos os autores cunharam essa palavra-valise em seu livro *Pomosexuals: Challeging Assumptions about Gender and Sexuality* (1997). Nele, eles a propõem por acreditarem que a sigla LGBTTTs[12] não vem comportando mais a gama prolífica das chamadas “minorias sexuais” existentes até então, muito menos daqueles em trânsito sexualmente falando ou que se classificam como indefinidos.

Eles levantam diversas questões relevantes para se compreender mais profundamente a sexualidade humana no mundo atual. Um ser pomossexual parece negar, evitar e/ou não se enquadrar em apenas uma “etiqueta sexual” por se sentir aprisionado nela. Outro ponto importante desses autores se refere exatamente ao “aprisionamento” do ser humano em apenas uma “etiqueta”. Segundo Carol Queen e Lawrence Schimel (1997), tal aprisionamento limita as vontades sexuais de seus integrantes (ou seria melhor falar em prisioneiros?), forçando-os a seguirem as características condizentes a uma determinada categoria sexual. Entretanto, isso acaba por abrir um vasto leque de indagações e problemas (muitos sem resposta).

Se todo ser humano deve se enquadrar em uma categoria sexual clara e definida, como categorizar seres que parecem ter uma sexualidade transitória, dispersa e fragmentária? Onde colocar um transexual feminino que opta por manter a sua barba? E aqueles que se definem heterossexuais, mas “atuam” homossexualmente na indústria pornográfica a fim de ganhar dinheiro (os chamados gay for pay)[13]? E as lésbicas que se sentem atraídas por gays sadomasoquistas? E os heterossexuais que se sentem atraídos por transexuais? Outro ponto interessante de se questionar é o seguinte: Mesmo dentro das categorias sexuais consideradas fixas como a homossexualidade, por exemplo, é possível definir monoliticamente um ser homossexual, ou seja, todos os homossexuais são iguais e consubstanciam suas vontades homoeróticas da mesma forma?

Humoristicamente falando, o blog *Dois perdidos na noite* indica, pelo menos, vinte e cinco (25) tipos diferentes de gays masculinos que seriam nomeados da seguinte maneira:

12 Essa abreviatura se refere aos seguintes termos: Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros. O *s* minúsculo significa “simpatizantes”, ou seja, heterossexuais, na maioria, que respeitam as diferenças das orientações sexuais.
13 Em nossa tradução: “gays se pagarem”.

afetado, ativista, barbie, bicha burra, bofão, caiu do trem, complicada, culto, drogada, enrustido, fashionista, fina, homofóbica, incubado, jura que é bofe, midiática, moderninho, monógamo, muito franca, pegatrix, quá-quá, si-si, suburbana, zen e urso[14]. Já o website gay de João Pessoa[15] indica cinco a menos, ou seja, quinze (15) tipos na medida em que o website da drag queen Thânya TULmutlo[16] apresenta apenas dez (10). Muitos desses "tipos" recebem o mesmo nome e apresentam as mesmas características (barbie, por exemplo, aparece unanimemente nesses três websites), outros recebem um nome diferente, entretanto, apresentam as mesmas características (pegatrix e bicha pegadeira) e outros possuem nome e características diferentes (Edwiges, Jura que é bofe, Paola Bracho e monógamo).

Independente de essas nomeações serem plausíveis ou não, há um ponto mais importante de se perceber: a questão da ***diferença***. No mundo contemporâneo, não é mais possível falar de apenas uma sexualidade existente, na verdade, há várias. Mesmo dentro das categorias sexuais consideras fixas e imutáveis (como a heterossexualidade, por exemplo), também não é mais possível falar em uma única heterossexualidade, e a mesma questão pode ser feita sobre as outras categorias: Só há uma única homossexualidade? Uma única bissexualidade? Uma única pansexualidade? (E assim por diante).

Pelo que se verifica por meio dos websites humorísticos tratados acima, de fato, há diferenças mesmo dentro de uma "única categoria". Tais diferenças nos faz questionar o próprio significado da palavra diferença. Sendo assim, o que esse trabalho acadêmico chama de ***diferença***? Bem brevemente, diferença nada mais é do que a qualidade que permite distinguir uma coisa da outra. Etimologicamente falando, esse termo é proveniente do latim *differentĭa*[17] e pode ser usado para tratar da variedade de coisas de uma mesma espécie.

Conforme José D'Assunção Barros (2010), *"(...) pensar Diferenças significa se render a própria Diversidade Humana" (BARROS, 2010, p. 49) e "(...) se cola no âmbito do Ser"* (BARROS, 2010, p. 49). Para esse pesquisador, tratar das diferenças é tratar de toda a multiplicidade existente e constituição ontológica do sujeito pós-moderno (HALL, 2010). Isso porque, ainda segundo Barros (2010), essas são as características distintivas entre diferença e desigualdade, já que a desigualdade implica em considerar a multiplicidade de espaços em que esta pode ser avaliada, ou seja, ela pertence totalmente ao mundo da Circunstância. Semioticamente falando, a diferença se relaciona diretamente ao plano das essências na medida em que a Desigualdade se refere ao plano das circunstâncias, embora a diferença também se relacione diagonalmente com a Desigualdade.

---

14 Disponível em <http://doisperdidosnanoite.blogspot.com.br/2010/12/25-tipos-de-gays.html>. Acesso em 06/01/2015.
15 Disponível em <http://www.bafonique.com/2011/11/15-tipos-de-gays-qual-o-seu-ou-do-seu.html>. Acesso em 06/01/2015.
16 Disponível em <http://www.thanyatulmuto.com/blog/blog1.php/10-tipos-de-gays>. Acesso em 06/01/2015.
17 Disponível em < http://www.dicionarioetimologico.com.br/>. Acesso em 06/01/2015.

Ao se nomear algo, o ser humano toma posse desse algo. Michel Foucault (1990) percebeu isso ao tratar da sexualidade, mas especificamente, da homossexualidade. O termo homossexualidade foi criado no século XIX, mais precisamente em 1869 pelo escritor húngaro Károly Mária Kertbeny. Sua intenção primordial era estudar os seres que possuíam seu impulso sexual dirigido ao mesmo sexo. Ao nomear um ser homossexual, Kertbeny transforma esse ser em objeto e pode assim conclamá-lo. Segundo Foucault (1990), os estudos sobre a homossexualidade se intensificaram exatamente porque a sociedade se viu obrigada a tratar mais objetivamente sobre o sexo a fim de poder estabelecer um controle maior sobre ele.

Para os teóricos sobre a pomossexualidade (como, por exemplo, Carol Queen e Lawrence Schimel (1997)), nomear um ser em uma categoria sexual considerada única e imutável é um ato de poder e um tipo de violência contra esse ser. Se vivemos em um mundo líquido, ou seja, transitório, disperso e fragmentário (entre muitas outras características que não serão tratadas nesse trabalho acadêmico por questão de exequibilidade temporal), como é possível falar em binarismos totalizantes e universais como, por exemplo, heterossexual/homossexual, homem/mulher, masculino/feminino, ativo/passivo, entre muitos outros. Se há um mundo, há vários (HUTCHEON, 1990). O que se ganha (ou quem ganha) ao se enquadrar um ser em apenas um uma categoria sexual?

MODERNIDADE, MODERNISMO E PÓS-MODERNISMO

Os autores Carol Queen & Lawrence Schimel (1997) ao tentarem deslindar mais profundamente os conceitos subjacentes das palavras-valises: pomossexual/ pomossexualidade questionam diretamente o Modernismo pelo viés Pós-Moderno. Entretanto, o que esses autores compreendem como um e como outro? Eles os apreendem como manifestações artísticas distintas ou interconectadas? Ainda segundo esses autores, o Pós-Modernimos rompe totalmente com o Modernismo ou apenas levanta questões pertinentes (mas deixadas de lado) a seu respeito? Como o termo Pós-Modernismo se relaciona substancialmente com essas palavras-valises? Tratar de Modernismo é o mesmo que tratar de Modernidade?

A Modernidade é antitradicionalista, ou seja, contra as convenções, costumes, crenças e particularismos na medida em que é a favor do universalismo e da entrada da razão como "forma-mestra" de pensamento a respeito do mundo. O início de seu período é ainda muito discutido e analisado. Segundo a historiadora Hannah Arendt (2002), seu surgimento é constantemente associado ao Iluminismo Europeu, sendo assim, seu "nascimento" teria ocorrido a partir de meados do século XVIII. Para Hannah Arendt (2002):

> (...) a época moderna começou quando o homem, com auxílio do telescópio, voltou seus olhos corpóreos rumo ao universo, acerca do qual especulara durante longo tempo e aprendeu que seus sentidos não eram adequados para o universo, que sua experiência quotidiana, longe de ser capaz de constituir o modelo para a recepção da verdade e a aquisição de conhecimento, era uma constante fonte de erro e ilusão. Após esta decepção, as suspeitas começaram a assediar o homem moderno de todos os lados. Sua consequência mais imediata, porém, foi o espetacular ascenso da ciência natural, que por longo período pareceu liberar-se com a descoberta de que nossos sentidos, por si mesmos, não dizem a verdade [...] Desde que o ser e a aparência se divorciaram, quando já não se esperava que a verdade se apresentasse, se revelasse e se mostrasse ao olho mental do observador, surgiu uma verdadeira necessidade de buscar a verdade atrás de aparências enganosas. Para que tivesse certeza, o homem tinha que "verificar". A verdade científica não só não precisa ser eterna, como não precisa sequer ser compreensível ou adequada ao raciocínio humano. (ARENDT, 2002, p. 85-86)

O trabalho em questão coaduna com o entendimento de Maria Lúcia Outeiro Fernandes (2011):

> Apesar dos diversos sentidos da palavra "modernidade", abordados em vários momentos deste livro, o termo vai ser utilizado com o significado que tem para alguns filósofos contemporâneos, sobretudo Jean-François Lyotard (1988). Envolvendo questões filosóficas de interpretação da sociedade, da arte e da cultura, de concepção do tempo e da história, a modernidade, inaugurada com o Renascimento, tem sua principal expressão no Iluminismo do século XVIII, implicando sobretudo a crença na ciência, no progresso e na razão. Já o termo "modernismo" é tomado como o amplo movimento de renovação artística verificado em diversos países do Ocidente, em momentos diferentes, mas quase sempre antes e durante o período das duas grandes guerras. (FERNANDES, 2011, p. 13)

É importante ressaltar aqui que Modernidade não é Modernismo. Embora ambos os termos estejam relacionados e, muitas vezes, sejam usados sub-repticiamente como sinônimos, eles não são a mesma coisa. Portanto, é importante estabelecer o que esse trabalho chama de um e de outro: Modernidade deve ser compreendida como um ideário acerca do projeto de ruptura da tradição herdada, "iniciado" pelo filósofo, físico e matemático francês René Descartes. Sua consolidação se dá graças à Revolução Industrial e se relaciona diretamente ao desenvolvimento do capitalismo. Por sua vez, Modernismo (ou movimento modernista) deve ser compreendido como o conjunto de movimentos culturais, escolas e estilos artísticos consubstanciados a partir de meados do século XX. Ele questiona diretamente a tradição e a vida cotidiana tomada como ultrapassada a fim de propor algo novo, uma nova cosmovisão.

Por conseguinte, Modernismo se refere às diversas representações artísticas referentes à Modernidade, entretanto, como já indicado acima, eles não são a mesma coisa, muito menos sinônimos. Tal distinção será de grande valia, principalmente mais a diante, ao se discutir sobre o Pós-Modernismo. Além do mais, para Habermas (2002), a Modernidade está relacionada também ao conceito de modernização:

> O conceito de modernização refere-se a um conjunto de processos cumulativos e de reforço mútuo: à formação de capital e mobilização de recursos; ao desenvolvimento das forças produtivas e ao aumento da produtividade do trabalho; ao estabelecimento do poder político centralizado e à formação de identidades nacionais; à expansão dos direitos de participação política, das formas urbanas devidas e da formação escolar formal e, à secularização de valores e normas. (HABERMAS, 2002, p. 05).

A Modernidade, como aponta Habermas (2002), configura-se por sua rejeição à tradição e sua valorização da razão e da experimentação frente ao mundo. Logo no início do século XX, Max Weber (1999) já caracterizava o advento da modernidade como um processo crescente de "racionalização intelectualista", intimamente ligado ao progresso científico. Segundo Habermas (2002) a respeito de *Max Weber* (1999):

> Max Weber caracterizou a modernidade cultural, mostrando que a razão substancial expressa em imagens de mundo religiosas e metafísicas se divide em três momentos, os quais apenas formalmente (mediante a forma de fundamentação argumentativa) ainda podem ser mantidos juntos. Uma vez que as imagens de mundo se desagregam e os problemas legados se cindem entre os pontos de vista específicos da verdade, da justeza normativa, da autenticidade ou do belo, podendo ser tratados, respectivamente como questão de conhecimento, como questão de justiça e como questão de gosto, ocorre nos tempos modernos uma diferenciação de esferas de valor: ciência, moral e arte. (HABERMAS, 2002, p. 109-110)

Essa diferenciação de esferas de valor (ciência, moral e arte) acaba por influenciar diretamente a formação de identidades nacionais. Tema de extrema relevância para se compreender mais profundamente não só a Modernidade, mas também o próprio sujeito iluminista indicado aqui previamente por Stuart Hall (2005). Portanto, pela citação

habermiana acima, percebe-se a existência de um certo dinamismo, desagregação e transitoriedade incessantes na constituição da Modernidade, pois tudo pode ser analisado e reanalisado por meio da ótica racional quantas vezes se julgar necessário, inclusive seus sujeitos.

Logo, Modernidade deve ser vista como sinônimo de sociedade moderna (ou, até mesmo, de civilização industrial) por estar associada a várias práticas perante o mundo contemporâneo como, por exemplo, uma visão passível de transformação desse mundo pelas mãos humanas, a intensa produção industrial relacionada diretamente à economia de mercado, uma pletora de instituições políticas (Estado Nacional, Democracia de massa, etc..), a centralidade do indivíduo e não do grupo como sujeito de direitos e decisões, o reinado das subjetividades, a relevância da ciência na vida cotidiana, entre muitas outras práticas.

Conforme o *Dicionário de termos literários* (2013) de Massaud Moisés, a diferença entre esses dois termos já se evidencia etimologicamente. Modernidade vem do latim e significa: estado, situação ou quantidade do que é moderno (lat. *modernus*, recente, novo, moderado + lat. *tati*, hoje *dade*, estado, situação ou quantidade) e Modernismo se refere à ideia, à concepção do que é moderno (lat. *modernus*, recente, novo, moderado + lat. *ismo*, doutrina, tendência, corrente). Embora seja raro ver o vocábulo “modernista” antes dos fins do século XIX, o culto da novidade seria tão remoto quanto o individualismo romântico, de modo que o Modernismo pode ser compreendido como uma de suas mutações.

Vale a pena lembrar que Modernismo é um vocábulo considerado extremamente instável assim como “moderno”, “modernista”, etc. O sufixo “ismo” auxilia sua significação na medida em que seu emprego se relaciona aos vários “ismos” da linguagem crítica. Tal sufixo vem designando corrente literária dominante em uma época ou a um longo processo histórico. Por sua vez, “moderno” é uma categoria de tempo e depois uma categoria estética. Quando “moderno” é aplicado com referência direta ao “presente” se adicionam as propostas estéticas, originando os termos: “modernista” e “modernismo”.

É difícil encontrar um núcleo semântico coeso e coerente para a ideia de “moderno” ou seus derivados, entretanto, eles tem em comum o que se deseja *novo*, ou o que cultiva a novidade em repúdio à herança do passado. Por isso, Modernidade e Modernismo, etimologicamente falando, vinculam-se ao conceito de *moda* que, por sua vez, também significa uma maneira ou costume mais predominante em um determinado grupo em um determinado momento.

A Modernidade apresenta diversas conquistas na medida em que ajudou a estabelecer um mundo mais democrático, combateu despotismos e fortaleceu o discurso progressista do Iluminismo (Liberdade, Igualdade e Fraternidade para todos). Fora isso, o pensamento moderno ainda auxiliou substancialmente nos diversos avanços técnico-científicos os quais melhoraram (e bastante) o bem-estar da sociedade. Entretanto, tais mudanças não foram aplicadas a todas as camadas da sociedade. Uma grande parcela da

população ocidental ainda não tem acesso a esses benefícios. Vários Estados ainda são ditaduras explícitas ou implícitas e muitos sujeitos ainda são mais iguais perante a lei do que outros. Segundo Giddens (2002, p. 25): "O mundo moderno se apresenta ao mesmo tempo poderoso e débil, capaz de realizar o ótimo e o péssimo, por quanto se lhe abre o caminho da liberdade ou da escravidão, do progresso ou do regresso, da fraternidade ou do ódio".

De acordo com Giddens (2002), verifica-se que o mundo moderno apresenta tanto pontos positivos quanto negativos. Isso é considerado paradoxal por Antoine Compagnon (2010, p. 10), pois a "tradição moderna é uma tradição voltada para si mesma, e esse paradoxo anuncia o destino da modernidade estética, contraditória em si mesma", ou seja, nota-se sua afirmação e negação simultânea da arte, de sua insurgência e possível declínio. Para Compagnon (2010), o que se averigua é um tipo de aliança dos opostos, é a tradição da negação, em outras palavras, é a negação de si mesma enquanto tradição, desvelando assim sua aporia, seu impasse lógico. Além disso, é um absurdo, ainda segundo Compagnon (2010), "fanal obscuro" em termos baudelairianos, aplicar a ideia de progresso à arte.

Entretanto, ainda se pode usar tais conceitos para se tratar da nossa contemporaneidade? E que posição ocupa o saber nas sociedades mais desenvolvidas? Segundo o filósofo francês Jean-François Lyotard (1988), o Pós-Modernidade se caracteriza como sendo uma decorrência da morte das "grandes narrativas", fundadas diretamente na crença progressista do ideário iluminista. O termo Pós-Modernidade deve ser empregado para se entender melhor o "estado da cultura após as transformações que afetaram as regras dos jogos da ciência, da literatura e das artes a partir do final do século XIX". (LYOTARD, 1998, p. 15)

A pletora de problemas derivados das duas grandes guerras mundiais deslindou a crise dos principais valores acerca da Modernidade. A total crença na razão, no progresso, no nacionalismo, no capitalismo e no socialismo fracassara. Por sua vez, a Europa pagava altamente pelas idealizações de raça e classe do fascismo, do nazismo e do comunismo. A Primeira Guerra Mundial intensificou a revolução global que, por sua vez, explicitar-se-ia na Segunda Guerra Mundial com a alteração do paradigma eurocêntrico claramente colonialista, imperialista e capitalista. Por meio desse quadro, percebe-se o advento de um novo paradigma, o paradigma do Pós-Moderno, que seria transitório, rizomático e fragmentário. Todos esses fatores influenciaram incisivamente a arte. Por isso é importante definir o que esse trabalho entende como Pós-Modernismo.

Conforme Perry Anderson (1999), o surgimento do Pós-Modernismo se deu na década de 1930, no mundo hispânico, e depois viajou para a Inglaterra e para os Estados Unidos, países que auxiliaram seu florescimento. Ainda segundo Anderson (1999), esse termo foi criado por Frederico Onís em *Antologia de la poesia hispanoamericana* (1934), ao descrever um refluxo conservador dentro do próprio Modernismo. Conquanto, foi Jean-

François Lyotard com a publicação de *A Condição Pós-Moderna* (1979) que expandiu o uso de tal conceito. Originalmente, Pós-Modernismo se referia à perda da historicidade e o fim das "grandes narrativas". Vale a pena lembrar-se da máxima de Dostoiévski: "Se Deus não existe, tudo é permitido" e mesmo da concepção durkheimiana do comportamento associal com o esmorecimento do consenso coletivo. Para o campo estético, seria o fim de uma tradição, o apagamento da fronteira entre alta cultura e cultura de massa e a prática da apropriação de obras do passado. Portanto, o Pós-Modernismo seria uma reação, ou melhor, uma ruptura com o Modernismo.

Tal ideia é corroborada pelo sociólogo escocês David Lyon (1992), pois, segundo esse pesquisador, o pós-moderno indica o esgotamento da Modernidade, em outras palavras, o pensamento moderno morreu e foi substituído pelo pensamento pós-moderno. Por isso, Lyon (1992) acha importante diferenciar bem o termo pós-modernismo do termo pós-modernidade. A ênfase do primeiro recai diretamente sobre os mais diversos fenômenos culturais e intelectuais, na medida em que a ênfase do segundo está nos fenômenos sociais. Sendo assim, o pós-modernismo questiona aspectos básicos do Iluminismo, o colapso das hierarquias de conhecimento, o interesse pelo local em lugar do universal, a substituição da leitura clássica pelo regime interpretativo dos signos imagéticos e a migração do discurso para a representação. Por outro lado, a pós-modernidade foca nos aspectos sociais, tais como, a cultura do consumo, o niilismo, a *desreferencialização* do real, a crise de identidade, a *performatividade* do sistema social, o sincretismo, a fragmentação, o pluralismo, entre outros.

Entretanto, Lyotard (1998) não identifica o Pós-Modernismo como um processo de ruptura completa da Modernidade, pois segundo esse filósofo (LYOTARD, 1998, p. 24): "Uma obra só pode tornar-se moderna se primeiro for pós-moderna. O pós-modernismo, entendido assim, não é a Modernidade no seu estado terminal, mas no seu estado nascente, e esse estado é constante". Não obstante, ele mantem as ideias referentes ao fim das "grandes narrativas", mas ele não compreende o Pós-Modernismo como um movimento de quebra, de ruptura total com a Modernidade, mas de questionamento dos chamados fracassos desse movimento. Por isso, é importante aqui discorrer sobre o que Lyotard (1998) denomina de "grandes narrativas".

Um exemplo de grande narrativa (ou metanarrativa) é a filosofia iluminista, que acreditava fielmente na razão e nos seus respectivos produtos. Segundo os preceitos do Iluminismo, o progresso científico e a tecnologia levariam o homem à felicidade, emancipando a humanidade dos dogmas, mitos e superstições dos povos primitivos. O marxismo é outro exemplo de metanarrativa. Para os marxistas, a história era impulsionada pelo confronto entre duas classes contraditórias, a burguesia e o proletariado, que resultaria, ao fim da revolução do proletariado, numa sociedade sem classes, de plena liberdade e igualdade: o comunismo.

Por outro lado, a experiência histórica demonstrou que essas grandes narrativas não funcionaram pragmaticamente. De fato, a razão e a ciência melhoraram as condições de vida das pessoas, promovendo a cura para inúmeras doenças e a alfabetização em larga escala. Entretanto, a mesma razão e a mesma ciência oportunizaram a criação, em larga escala, de armas de destruição em massa, como a bomba atômica lançada em Hiroshima em 1945, ao final da Segunda Guerra Mundial. Ademais, segundo vários ambientalistas, a mesma razão e a mesma ciência são culpadas pelas diversas alterações no clima global provocadas pela poluição, avanço tecnológico, explosão populacional, colapso do câmbio econômico, urbanização caótica, desemprego em massa, especulação financeira desenfreada, movimentação financeira movida exclusivamente pelo lucro, prática corporativista da política, desmobilização das estruturas reguladoras do Estado, medicina espoliadora da dignidade humana, entre muitos outros problemas.

Devido a isso, conforme Lyotard (1998), vive-se atualmente uma realidade questionadora da razão, ou seja, há uma clara desconfiança nas "grandes narrativas", um tipo de desencanto ante os ideais não realizados pela Modernidade. Já não é mais possível falar em ideários fixos e universais, mas se percebe o advento do agnosticismo, pluralidade de verdades e subjetivismos diversos. Vive-se hoje cosmovisões fragmentárias e uma dissolução do sentido totalizador e único da história. Entretanto, essas novas cosmovisões não rompem completamente com a Modernidade. Esses novos modos de olhar o mundo é o que se pode chamar de Pós-Modernidade. Não somente esses novos olhares, mas também quem olha parece estar mudando. Quem são essas pessoas que estão vendo o mundo de forma diferente? Elas possuem uma identidade? Em caso afirmativo, como ela se configura?

A própria questão identitária é uma grande narrativa e também vem sendo questionada. Há só uma identidade fixa e imutável? Quais são seus conceitos ontológicos? Quem estabelece esses conceitos? A quem esses conceitos são dirigidos? Afinal de contas, o que é identidade? Essa última pergunta talvez seja uma das mais difíceis de se encontrar respostas plausíveis. Segundo Stuart Hall (2005), todas essas questões são de extrema pertinência, pois ele vem percebendo não só a dificuldade em definir seus conceitos, mas também o que ele chama de "crise de identidade".

Segundo Hall (2005), o ser humano, aprioristicamente falando, era visto como um indivíduo centrado, unificado e dotado das capacidades de razão, de consciência e, também, de ação. Portanto, esse indivíduo apresentava um "centro" que, embora se desenvolvesse concomitantemente com ele, esse "centro" acabava permanecendo essencialmente o mesmo ao longo de sua vida. Hall (2005) o chama de sujeito do Iluminismo. É importante, para se entender melhor os conceitos de Hall (2005), diferenciar o termo indivíduo de sujeito. E, também, revisar suas classificações de sujeito, além de verificar como eles são apreendidos na Modernidade e, depois, na Pós-Modernidade.

IDENTIDADE E SUJEITOS MODERNOS E PÓS-MODERNOS

A concepção do termo *identidade* vem sendo visitado e revisitado constantemente pelos mais diversos teóricos, principalmente por aqueles pertencentes aos estudos a respeito da Modernidade (ADORNO, 1993, BUTLER, 2003, HALL, 2005, BAUMAN, 2005 e FOUCAULT, 2006, apenas para pontuar alguns poucos renomados). Tais visitações estão sendo cada vez mais frequentes haja vista a importância desse termo para os estudos acerca do próprio conceito de identidade, da compreensão do mundo contemporâneo, da concepção do termo *indivíduo* e da concepção do termo *sujeito*, além da concepção do termo *nação* que não será tratado profundamente nesta dissertação.

Ademais, é relevante verificar a dinamicidade desse termo (identidade) na medida em que é adotado frequentemente a fim de se compreender a inserção do sujeito no mundo circundante e sua relação com o outro (alteridade). Como já indicado no parágrafo acima, as discussões sobre esse termo perpassam a análise de vários outros termos tão importantes quanto como, por exemplo, o conceito de *gênero*. Conforme Judith Butler (2003): "(...) o gênero não é algo constituído sempre de maneira coerente ou consistente (…) o gênero interage com modalidades raciais, de classe, etnossexuais e regionais de identidades constituídas discursivamente" (BUTLER, 2003, p. 12).

Por meio da citação acima, Butler (2003) evidencia dois pontos fundamentais para se entender o conceito de identidade (e também sexualidade) no mundo contemporâneo: a) a instabilidade das relações de gênero, característica inerente e diretamente condicionada a fatores culturais e sociais, b) a constante interação do gênero com outros fatores determinantes das relações sociais. Sendo assim, no lugar de apenas apresentar como uma categoria fixa e preestabelecida, como inicialmente foi compreendida, o gênero se constitui, portanto, por ser algo dinâmico e inter-relacional. Segundo Butler (2003), o famoso trinômio "gênero, linguagem e identidade" está intimamente atrelado a questões sociais, históricas e discursivas e não pode, consequentemente, ser pensado ou teorizado de maneira isolada.

Ainda de acordo com Butler (2003), a noção de diferença sexual, por séculos, foi sempre vista por meio dos conceitos *biológicos essencializantes*. Esses conceitos agrupavam simploriamente as diferenças de gênero às funções e capacidades biológicas dos indivíduos. Simploriamente falando, o homem tem pênis e a mulher tem vagina. Butler (2003) verifica essas afirmações como sendo uma lógica completamente perversa, pois reforça conceitos sexistas e misóginos. Os homens, por sua constituição e força físicas, estariam em posição de superioridade, atuando, assim, como provedores únicos da família e como agentes na esfera pública. As mulheres, por outro lado, por sua função materna e suposta fragilidade física, estariam relegadas ao espaço privado, exercendo atividades estritamente ligadas ao plano doméstico, como o cuidado com a casa e os filhos.

Conforme Butler (2003) claramente problematiza, tal divisão de gênero estava automaticamente (e também simploriamente) ligada ao de sexo como categoria única que determinava os papéis sexuais dos indivíduos, reforçando, por conseguinte, a convicção na inferioridade feminina frente à superioridade masculina. Entretanto, um dos pontos mais importantes de se perceber em seus questionamentos é de que se tem uma metanarrativa excludente e opressora dos mais diferentes sujeitos, na medida em que corrobora a crença em identidades fixas e padrões de comportamento e interações sociais com base em qualidades supostamente inatas. Tal metanarrativa dá origem a diversos mitos estereotipados e tendenciosos que predominaram principalmente no século XIX, e que foram aos poucos sendo desconstruídos, como por exemplo, o mito da mulher monstro, da histérica, da louca e de seu oposto, igualmente estereotipado, o da mulher angelical.

Vêm se expondo até esse momento, entre vários conceitos chaves para as Ciências Humanas, os conceitos de ***indivíduo*** e de ***sujeito*** sem se delinear grandes diferenciações entre esses termos. É de extrema importância salientar que tais termos não são sinônimos e, portanto, não devem ser compreendidos (ou mesmo utilizados) como tal. Sendo assim, é importante diferenciar um do outro para um melhor entendimento desses próprios termos assim como para se entender a linha de raciocínio escolhida por esta dissertação.

De acordo com o *Dicionário Aurélio* (2012), um *indivíduo* é um ser tomado isoladamente dentre uma comunidade, sociedade ou coletividade. Etimologicamente falando, individuo é um termo latino *individŭus* e se refere àquilo que não pode ser dividido, segmentado ou fragmentado. Além disso, indivíduo é um termo também utilizado na biologia e significa aquele que faz parte de uma espécie, englobando assim todos os seres (não apenas o ser humano). Nas Ciências Humanas, o termo indivíduo apresenta inúmeras implicações, principalmente dentro dos campos da lógica e da filosofia. O indivíduo é uma face frente uma pluralidade que, nesse caso, deve-se entender pluralidade como coletivo de indivíduos, ou seja, muitos, vários indivíduos.

O conceito de *indivíduo* é um conceito amplo e bem recorrente nas áreas filosóficas e sociológicas haja vista a parte final de aforismo 97 de T. W. Adorno (1993), nesta passagem ele atesta o seguinte acerca do indivíduo:

> Se hoje os últimos traços de humanidade parecem prender-se apenas ao indivíduo, como algo que encontra-se em seu ocaso, eles nos exortam a pôr um fim àquela fatalidade que individualiza os homens tão-somente para poder quebrá-los por completo em seu isolamento. (ADORNO, 1993, p. 132)

Adorno (1993) compara *o indivíduo a uma mônada, ou seja, a uma substância simples e indissolúvel*, na medida em que ele explicita a forma de existência assumida pelo indivíduo à época de sua liquidação. Sendo assim, o autor pretende mostrar duas características básicas da individualidade na sociedade administrada e do capitalismo tardio: primeiro, sua condição de “célula” isolada do contato “ativo” (poderíamos dizer, consciente) com o meio social em que está envolvida, bem como com as demais “células”

que compõem este meio. Dessa forma, é importante perceber como seu isolamento cego, traz em sua constituição, a mediação social sob uma forma velada e, portanto, não reflexiva. Ademais, é também importante perceber que ao optar por um termo datado do século XVII, Adorno (1993) está simbolizando o indivíduo como sendo o átomo econômico singular da sociedade burguesa e sua insignificância frente a essa mesma sociedade. Adorno (1993) também tenciona expor até que ponto a existência do indivíduo e sua relação com a sociedade se devem "às formas da economia política, em particular ao mercado urbano" (Adorno, 1993, p. 130).

Adorno (1993) ainda percebe o indivíduo como sendo um ser de forma peculiar, singular, pois ele concebe a relação entre individuação e socialização. Nesse processo, verifica-se outro ponto importante para o entendimento do indivíduo no mundo contemporâneo: a sua *anulação*. Mas como ocorre essa anulação? Ela se dá completa ou parcialmente? Ainda se pode falar de indivíduo nos dias atuais? Segundo Adorno (1993), a anulação do indivíduo não se dá apenas de fora para dentro, mas como uma meta de realização individual engendrada socialmente, ou seja, o indivíduo deve aceitar os acordos preestabelecidos para o seu anulamento. Um exemplo bem recorrente disso se dá quando uma sociedade estipula a riqueza material como uma forma de conquista da individualidade e do direito a voz dentro dessa sociedade. Por conseguinte, caso esse ser não conquiste a riqueza "almejada", ele se anula perante essa sociedade.

Com o indivíduo anulado, ele então deixa de existir? A resposta para Adorno (1993) é simples e direta: não. Ele não está querendo dizer que o indivíduo deixou de existir, mesmo atestando sua anulação socialmente determinada como realização individual. Na verdade, é exatamente com o conceito de anulação que Adorno (1993) pretende denunciar o pior que poderia ter acometido a esse indivíduo, ou seja, sua morte. A consequência radical da objetivação total da subjetividade não significa a liquidação completa do mesmo (liquidação esta que ainda guardaria como possibilidade a esperança do surgimento de algo novo e que se opusesse à socialização totalitária), mas a permanência perversa de um modelo historicamente condenado.

Ainda segundo Adorno (1993), é ingênuo acreditar que o conceito de indivíduo está sendo totalmente eliminado, pois mesmo na sua negação pura e simples, na supressão da mônada através da solidariedade, estaria plantada ao mesmo tempo a salvação do ser singular, que apenas na sua relação com o universal tornar-se-ia um ser particular. Na verdade, a compreensão atual do indivíduo se distância (e muito) da ideia de eliminação total. Para Adorno (1993), o indivíduo ainda se visualiza como um ser singular e de razões particulares. Entretanto, a realidade se mostra adversa, contrária à própria concepção de singularidade, ou seja, à própria percepção do indivíduo como ser singular, particular. "A desgraça não ocorre como uma eliminação radical do que existiu, mas na medida em que o que está historicamente condenado é arrastado como algo de morto, neutralizado, impotente, e se vê afundando de maneira ignominiosa" (ADORNO, 1993, p. 118). E tanto

sua percepção quanto seu real estado, em meio às unidades humanas padronizadas e administradas, vão perdurando. Não obstante, vale a pena destacar aqui que “ele é ainda apenas a função de sua própria unicidade, uma peça de exposição como os fetos abortados que outrora provocavam o espanto e o riso nas crianças”. (ADORNO, 1993, p. 118)

Em suma, segundo Adorno (1993), não há a total eliminação do indivíduo, mas sua anulação. Essa concepção do indivíduo nos auxilia e muito a compreender mais profundamente a própria situação do indivíduo quanto sua percepção do mundo e de si mesmo. Além disso, é importante levar em conta que sua anulação não se refere somente ao cerceamento e à impossibilidade do desenvolvimento da individualidade em todo o seu potencial humano, mas também diz respeito à manutenção de uma falsa ideia de individualidade que faz do isolamento cego a que submete as pessoas o meio de perpetuar os indivíduos, ainda que estes já estejam mortos.

Por conseguinte, ainda segundo Adorno (1993), pode-se afirmar que o indivíduo está morto, entretanto, para que ele (e sua concepção também) continue existindo sem apresentar uma verdadeira resistência, a sociedade providencia sua dispersão e propagação. Sendo assim, nota-se que “tal anulação do indivíduo só se dá em virtude da forma monadária de sua existência” (ADORNO, 1993, P. 120). Em outras palavras, é só por meio do aumento do isolamento e do falso sentimento de autossuficiência da mônada que a participação ativa dos indivíduos em sociedade pode ser reduzida até a sua nulidade completa.

Essa não é a única concepção aceitável do termo indivíduo. Enquanto para Adorno (1993), a constituição dele se dá por meio de uma via de mão dupla, ou seja, por influência tanto de fora para dentro quanto de dentro para fora (talvez mais de fora para dentro). Há concepções que o apreendem apenas por um lado dessa via. Na filosofia do pensador de Copenhague, Soren Kierkegaard (2010), a singularização ocorre apenas de dentro para fora, já que a parte do interior é própria do singular, da decisão, da possibilidade. Tal concepção do indivíduo, segundo Kierkegaard (2010), perpetua-se porque na interioridade reside a possibilidade: “A possibilidade é, por conseguinte, a mais pesada de todas as categorias (...). Na possibilidade tudo é igualmente possível (...)” (KIERKEGAARD, 2010, p. 164). O indivíduo kierkegaardiano se edifica a partir do processo de individualização interna de seus pensamentos sobre o mundo, é como ele percebe esse mundo, e não o contrário. Ele não nasce pronto, entrementes, no transcorrer da existência, “torna-se o que é”. Entretanto, ao contrário de Adorno (1993), não por influência alheia, mas por decisão própria e pela impressão formada dessa decisão, em outras palavras, é o indivíduo kierkegaardiano que influencia o mundo circundante e não o mundo que o influencia.

Para o sociólogo Marcio Gimenes de Paula (2009), Kierkegaard configura tal concepção, pois o termo indivíduo, já na antiguidade (tanto em grego quanto em latim), já significava “unidade originária e singular” (DE PAULA, 2009, p. 39). Além dessa percepção do indivíduo como uma unidade originária e singular já estar cristalizada há séculos, tal

concepção acaba permanecendo no próprio idioma de Kierkegaard. Portanto, o indivíduo kiekegaardiano é o único, é o singular que sente a vida pulsar em si, durante seu existir. Nesse sentido, “a cada indivíduo na geração [...], basta o seu tormento” (KIERKEGAARD, 2010, p. 09).

Não obstante, essa concepção de indivíduo como sendo um ser que se constrói somente de dentro para fora, sem interferência externa, não é a mais tão aceitável para os estudos filosóficos atuais. Segundo Michel Foucault (2006), o indivíduo moderno é um ser singular e essa singularidade é “(...) o fruto da disciplinarização das condutas que o modelo de sociedade inspirado nos ideais iluministas de liberdade, igualdade e fraternidade se traduziu historicamente por uma gigantesca máquina disciplinar” (FOUCAULT, 2006, P. 23). Portanto, embora o indivíduo possa ser tomado isoladamente dentro de certa coletividade, sua singularidade não é tão singular (singular no sentido de autônoma) assim, pois, como atesta Foucault (2006), sua singularidade é influenciada diretamente por vários atos controladores (disciplinadores). Em outras palavras, o indivíduo possui autonomia, entretanto, tal autonomia é influenciada diretamente por forças externas ao seu ser. Embora Foucault (2006) aceita mais a influência externa do que interna sobre o indivíduo, ele retoma a visão de mão dupla de Adorno (1993) cuja configuração do indivíduo se dá tanto de dentro para fora quanto de fora para dentro.

Se se entendemos o indivíduo como sendo um ser singular, particular, embora com autonomia, mas em constante transformação devido a várias forças externas, então como se define o termo *sujeito*? Segundo o *Dicionário Aurélio* (2012), o termo *sujeito* também tem origem latina *subiectus* e se refere a uma pessoa inominada. Quando não se quer nomear alguém ou sua própria nomeação é desimportante, opta-se por chamá-la de sujeito. Além de seu uso corriqueiro pelos gramáticos (substantivo, pronome ou sintagma nominal que preenche uma função oracional em concordância em número e em pessoa com o verbo), o termo sujeito ainda significa algo ou alguém exposto a algo. Sendo assim, sujeito nada mais é do que a ação e o efeito de sujeitar/submeter, ou seja, afirmar ou adquirir algo por meio da força.

Segundo Burrhus Frederic Skinner (1991), sujeito é um ser passível, ou seja, ele não é agente de seus atos, portanto, um agente ativo. Sendo assim, ele também não apresenta habilidades intrínsecas as quais podem imprimir objetivo a suas respectivas ações, de modo geral, a sua vida. Pela vertente skinneriana, o termo homem não é sinônimo de sujeito, pois o primeiro possui capacidade ativa, ele tanto imprime quanto é responsável por seus atos. Já o segundo deve ser visto como objeto do controle do ambiente, receptáculo de influências, mero reflexo de determinações externas e alheias a ele. Como um corolário desta concepção, a sociedade, a comunidade humana e os grupos sociais teriam como características básicas a disciplina, a ordem, o controle e a previsibilidade.

De acordo com Friedrich Nietzsche (1999), a concepção de sujeito faz parte da crença fundamental dos metafísicos: “a crença nas oposições (*Gegensätze*) de valores”

(NIETZSCHE, 1999, p. 12). Uma ficção lógica entre outras, essa concepção relaciona-se diretamente com as noções de causalidade (causa das ações humanas), substância e alma (*res cogitans*), livre arbítrio (liberdade humana), formando dualidades de opostos qualitativos absolutos: sujeito-objeto, causa-efeito, alma-corpo e liberdade-determinismo. (NIETZSCHE, 1999, p. 12). Baseado na percepção de Nietzsche (1999) se pode afirmar que há uma nova concepção de subjetividade?

A fim de se responder essa pergunta, é importante definir melhor o conceito *subjetividade*. Conforme explicita Wilson Antônio Frezzatti Jr. (2013), pelo viés cartesiano, ela é algo simples e unitária, constituinte de nossa identidade essencial, ou seja, o eu puro é consciente apenas de seus pensamentos e possui existência totalmente interna. Na vertente kantiana, por sua vez, é impossível conceber um sujeito puramente simples e unitário. Para haver subjetividade, é necessária a pressuposição de que é a experiência que contem a unicidade e, por conseguinte, é então reconhecida como tal. Em outras palavras, a subjetividade é a condição de haver um "eu" pensante e ativo, organizador e sujeito da experiência e autor da ação, unitário ou produtor de unidade e, portanto, de individualidade. Em suma, tanto o sujeito quanto a sua subjetividade se edificam perante as experiências adquiridas desse sujeito no mundo circundante. Ele é o ser ativo e organizador de sua própria subjetividade. (NIETZSCHE, 1999, p. 50).

Entretanto, ainda segundo Frezzatti Jr. (2013), Nietzsche não concorda totalmente com essas concepções de sujeito e subjetividade. Para ele (1999), vários aspectos devem ser levados em conta e, portanto, questionados:

> 1. Sujeito enquanto substância (alma): há continuidade quantitativa entre o físico, o biológico e o psicológico (moral e cultural) e não diferenças qualitativas: esses âmbitos diferem apenas pelo grau de complexidade da configuração de impulsos ou forças, segundo o filósofo alemão, não há distinção substancial; 2. Sujeito enquanto unidade: o que a tradição chama de corpo e de alma constituem multiplicidades, conjuntos de impulsos em luta por mais potência; 3. Sujeito enquanto consciência (indivíduo cognoscente): a consciência é um produto da evolução e uma pequena parte dos processos fisiológicos não é algo que dá ao homem perfeição ou superioridade; e 4. Sujeito enquanto garantia de conhecimento (fundamento epistemológico da verdade): o sujeito e a consciência não são garantias de se atingir o conhecimento verdadeiro e certo das coisas. (FREZZATTI Jr, 2013, p. 267-268)

Para Frezzatti Jr. (2013), Nietzsche tenta aprofundar seus questionamentos a respeito da concepção tanto do termo sujeito quanto do termo subjetividade que é, por sua vez, constantemente atrelado ao primeiro. Para Foucault (2006), o termo sujeito deve ser visto como um composto histórico, uma determinada identidade produzida por forças em um determinado período histórico. Por exemplo, o homem da Idade Média era configurado enquanto parte do infinito (Deus) e, por isso, sua vida, destino e cosmovisão estavam conectados a essa força. Logo, esse sujeito não possuía autonomia própria, suas ações estavam sujeitas ao julgamento dessa força maior (Deus) e/ou de sua representação na Terra (a igreja).

Na Modernidade, ainda para Foucault (2006), há uma mudança de foco e o “(...) sujeito e a sua representação passa o motivo único, e o mundo é sua própria propriedade”. (FOUCAULT, 2006, p. 10). O homem moderno se configura diferentemente, ainda é influenciado por forças externas a ele, mas essas forças são diferentes daquelas do homem da Idade Média. Primeiro, sua identidade rompe com o infinito (Deus) e ele se vê conectado às forças consideradas finitas, ou seja, mundanas. Segundo, suas relações de poder são também diferentes. O homem moderno se reconhece enquanto limite e potência de si mesmo. Terceiro, é importante também ressaltar que a percepção de si mesmo do homem moderno não vai além de seu próprio corpo. Entretanto, toda compreensão do homem moderno se dá de forma igual, ou seja, todo homem moderno apresenta as mesmas características?

A resposta, conforme Stuart Hall (2005) aponta bem categoricamente, é não. Para Hall (2005), há pelo menos três tipos diferentes de sujeito dentro da Modernidade: o ***sujeito do Iluminismo***, o ***sujeito sociológico*** e o ***sujeito pós-moderno***. A constituição do sujeito do Iluminismo é baseada na concepção de uma pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, e de ação cujo centro consistia num núcleo interior, que emergia deste o nascimento e ao longo de toda sua vida, permanecendo totalmente o mesmo. Por sua vez, o sujeito sociológico já demonstra a complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo moderno não era autônomo e autossuficiente, mas isto era formado na relação com outras pessoas importantes para ele, inclusive seu mundo circundante.

E nos dias atuais? Como se configura o homem contemporâneo? O homem pós-moderno (sujeito pós-moderno para Stuart Hall (2005)) é virtual, ou seja, ele está conectado ao computador e pode estar em vários lugares ao mesmo tempo. A constituição de sua identidade se mostra diferente em comparação às duas anteriores por apresentar uma identidade instável e totalmente mutável em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam, ou seja, atesta-se uma crise de identidade.

Essa chamada crise de identidade pode ser compreendida num processo mais amplo de deslocamento e mesmo de fragmentação do indivíduo moderno. Os quadros de referência que davam ao indivíduo certa sensação de pertinência em um universo centrado, de alguma forma, entram em crise, e passam a se constituir em algo descentrado e fragmentado. O deslocamento do sujeito, marca do período pós-moderno, tem certo caráter positivo, pois que desestrutura as identidades estáveis do passado ao mesmo tempo em que questiona tais estabilidades e proporciona o jogo de novas identidades. Segundo Stuart Hall (2005):

> Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela se tornou politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de diferença. (HALL, 2005, p.21)

A concepção de identidade também perpassa a ideia de nação. Conforme Hall (2005), nação nada mais é do que uma comunidade simbólica e, sendo assim, compartilhada por um número suficientemente grande de indivíduos capazes de dar ao homem uma significação de pertencimento. Entretanto, tal significação de pertencimento é fraca, ou melhor, nas próprias palavras de Hall (2005), diluída. Essa significação é um espelho e tal concepção vem sendo deslocada. O processo de globalização aparece como um dos fatores responsáveis por tal processo na medida em que a concepção de nacional parece estar se diluindo.

Não obstante, Hall (2005) ainda atesta que o nacional não são apenas as fronteiras: "uma cultura nacional é um discurso" (Hall, 2005, p.50). A nação, portanto, faz sentido porque tem seu sentido narrado por memórias capazes de conectar presente, passado e futuro. A construção da nacionalidade brasileira passa também por um processo narrativo. Desde os princípios da ordem e do progresso, até a concepção da mítica convivência de todas as raças ou do *em desenvolvimento*, permite construir uma identidade em torno do que seja o Brasil. De um país do qual se envergonhar a uma nação da qual se orgulhar é um processo lento, no qual muitos significantes foram explorados, em detrimento de outros, de forma a construir um suposto orgulho nacional.

Para o sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2005), o sujeito líquido (sujeito pós-moderno para Stuart Hall (2005)) é o novo estranho, o ambivalente, aquele que não pode ser localizado em nosso mapa cognitivo, que, na verdade, atrapalha seu funcionamento, que mostra suas condições errantes, sua incapacidade de abarcar o todo. Esses estranhos não possuem espaço no mundo do capitalismo tardio, eles são absorvidos e "domesticados", ou, até mesmo, completamente eliminados por aqueles que consomem.

Ainda para Bauman (2005), vivencia-se hoje um novo racismo o qual não é o da caça e da morte do estranho, mas é o da separação e da "culturalização" da essência. E, aqui, retorna-se a um dos pontos centrais da Pós-Modernidade (rapidamente esboçado no capítulo anterior): a complexidade identitária acerca do sujeito na Pós-Modernidade. Embora Bauman (2005) não acredite no termo Pós-Modernidade, e sim Modernidade Líquida a fim de reforçar a concepção de não-ruptura com a Modernidade, ele também atesta a complexidade identitária, que segundo ele:

> (...) a 'identidade' só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, 'um objetivo'; como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais — mesmo que, para que essa luta seja vitoriosa, a verdade sobre a condição precária e eternamente inconclusa da identidade deva ser, e tenda a ser, suprimida e laboriosamente oculta. (BAUMAN, 2005, p. 02)

Para Bauman (2005), a identidade nos é dada como algo a devir, ou seja, algo a ser constituído, portanto ela está em constante trânsito. A lógica da pós-modernidade valoriza o relativismo e a (in) diferença, em outras palavras, valoriza um conjunto de processos

intelectuais flutuantes e indeterminados. Portanto, tudo o que somos e pensamos advém de nosso contato com esse mundo. Entretanto, tal contato não é unidirecional, mas multidirecional, pois o mundo muda o ser humano assim como esse ser humano muda seu respectivo mundo. É uma troca irrefreável e infindável.

Sendo assim, como é possível falar sobre um "eu" verdadeiro ou um sujeito singular em meio a constantes transformações? Hall (2005) aponta que as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram a vida social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, outrora visto como unificado e universal. Não há mais uma identidade centralizada, mas um sujeito plural, heterogêneo.

A configuração da identidade do sujeito pós-moderno está sempre em transformação, a ser inventada e consubstanciada. Portanto, tal configuração ocorre sempre pelo viés instantâneo, momentâneo. Não há mais fronteiras espaciais. O avanço tecnológico expõe um mundo cada vez menor. O sujeito na contemporaneidade está diante de um mundo virtual. Ele é obrigado a lidar com a imagem, o som e o texto em uma velocidade quase instantânea. Diversos graus de complexidades são, portanto, destacados: o efêmero, o fragmentário, o descontínuo e certa predominância do caótico. Mudaram-se os paradigmas, os valores. Evidencia-se a predileção pelo novo, pelo fugidio, pelo disperso, pelo fugaz e pelo individualismo. Tudo é globalizado e intensamente comunicativo e conectado. Bauman (2005) também destaca a importância da internet na constituição desse novo sujeito:

> Hoje em dia, nada nos faz falar de modo mais solene ou prazeroso do que as "redes" de "conexão" ou "relacionamentos", só porque a "coisa concreta" — as redes firmemente entretecidas, as conexões firmes e seguras, os relacionamentos plenamente maduros — praticamente caiu por terra. (BAUMAN, 2005, p. 100)

Por meio da citação baumaniana acima, entra-se no ponto chave do trabalho em questão: a mudança dos relacionamentos outrora supostamente firmes e imutáveis, mas que estão atualmente descentralizados, fragmentários e altamente transitórios. A dinâmica acelerada transforma o consumo numa velocidade nunca antes vivenciada. Tudo é descartável acerca das relações afetivas e familiares. Não se namora mais, apenas se "fica", o amor ou afeto vira o descaso do acaso. A sexualidade humana é também dispersa e inconstante.

A identidade do sujeito pós-moderno se fragmenta a cada novo jogo estipulado. A sociedade não é um todo unificado, seguro e bem delimitado como muitos, há tempos, podiam pensar. Há constantes oscilações, mudanças de posturas, de posicionamentos, frente às novas realidades. Os jogos identitários acontecem a todo tempo e a todo o momento, portanto, ninguém está a salvo deles, nem mesmo a sexualidade humana. Se a configuração da sexualidade na Pós-Modernidade é também uma configuração a devir, como é possível falar em apenas uma sexualidade?

A tentativa de responder tal questão deu origem a copiosos estudos sobre a sexualidade humana. Entretanto, muitos desses estudos são anteriores a própria conceituação da Pós-Modernidade. Como o trabalho em questão se centra na sexualidade, ou melhor, nas sexualidades do sujeito pós-moderno, opta-se aqui por utilizar o termo pomossexualidade por ser mais coerente ao foco analítico proposto até esse momento. Mas, afinal de contas, o que é pomossexualidade?

PÓS-MODERNISMO E POMOSSEXUALIDADE

A palavra pomossexual foi cunhada por Carol Queen e Lawrence Schimel (1997) em seu livro *Pomosexuals: Challeging Assumptions about Gender and Sexuality.* Nele, ambos propõem essa palavra-valise por acreditarem que a sigla LGBT[1] não vem comportando mais a gama prolífica das chamadas "minorias sexuais" existentes, muito menos daqueles sujeitos em trânsito ou que se classificam sexualmente como indefinidos. Conquanto, os autores deixam claro, logo no prefácio, que essa palavra não é uma substituição simplória dessa notória sigla usada, às vezes, desnorteadamente, mas sim uma adição contrapontística:

> Não propomos que a palavra 'pomossexual' substitua a sigla LGBT. Este termo faz referência tanto à homossexualidade quanto à descrição daqueles à margem desta comunidade, os ***queers***, que parecem não conseguir se enquadrar em uma só identidade, simples e agradável. (...) nós reagimos contra estes pressupostos, do mesmo modo que o pós-modernismo da arte foi uma reação contra o modernismo (QUEEN & SCHIMEL, 1997, p. 10, tradução nossa).[2]

Conforme Queen & Schimel (1997) explicitam no trecho acima, a configuração pomossexual (e o estado de ser pomossexual, traduzido livremente aqui por pomossexualidade) é uma reação questionadora das categorias sexuais solidificadas, quer consciente quer inconscientemente, pelos teóricos *queer*, Julia Kristeva (1982), Eve K. Sedgwick (1991), Judith Butler (1988), entre outros, da mesma forma que, segundo Queen & Schimel (1997), o Pós-Modernismo pode ser visto como uma reação questionadora frente ao Modernismo.

Por isso, esses autores optam pelo prefixo *pomo* que, em inglês, é a abreviatura de Pós-Modernismo. Sob a égide de Queen & Schimel (1997), a pomossexualidade abarca diversas características pós-modernas, mas se centrando na questão da sexualidade humana. Entretanto, o Pós-Modernismo apresenta inúmeras características o que nos deixa as seguintes perguntas: Será que todas as características consideradas pós-modernas

1 Lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros.

2 We don't propose that "pomosexual" replace LGBT&F. We're not interested in adding another name to the slew we already have, though we acknowledge the usefulness of having one name by which all LGBT&Fs might be called. "Pomosexual" references homosexuality even as it describes the community's ousiders, the *queer* queers who can't seem stay put within a nice simple identity. (…) We react against these assumptions in the same way that in the art world Postmodernism was a reaction against Modernism. (QUEEN & SCHIMEL, 1997, p. 10).

são abarcadas pela pomossexualidade? Se não, quais das características pós-modernas auxiliam na constituição ontológica de um ser pomossexual (ou seria melhor falar em seres pomossexuais)? Os seres pomossexuais apresentam as mesmas características ou se deve compreender cada ser em sua pomossexualidade?

Para Queen & Schimel (1997), um ser pomossexual é um ser indeterminado sexualmente, ou seja, ele não apresenta uma categorização sexual estagnada e imutável, mas, ao invés disso, sua constituição identitária se encontra em constante transformação, seus desejos sexuais estão dispersos em um emaranhado de possibilidades. Além disso, seus desejos são decentralizados, em outras palavras, rizomáticos e suas respectivas composições ontológicas fragmentárias. Por isso, ainda segundo Queen & Schimel (1997), o pomossexual tem uma liberdade maior de escolha e da própria consubstanciação de seus desejos sexuais. Ele pode caminhar pelos mais diversos estratos sexuais sem restrições ou amarras de qualquer gênero ou orientação sexual. Seus desejos parecem não possuir uma lógica ou um sentido único, mas são cambiantes e "multiopcionais". Sua própria constituição identitária não é medial e universal, mas alinear e movediça.

Esse é um dos pontos de encontro entre o Pós-Modernismo e a pomossexualidade, pois um ser pomossexual é um ser transitório, rizomático e fragmentário. Seus desejos mudam com o vento, ou melhor, adaptam-se de acordo com o momento. Eles nunca se encontram fixados a uma categorização sexual única, singular. Eles se movem e se espalham intermitentemente. Há nitidamente aqui um novo olhar sob a ótica da sexualidade humana. Segundo Bauman (2005), não é mais possível falar em estagnação e imutabilidade sexual no espaço da Modernidade Líquida. Isso porquanto os sujeitos pós-modernos não conseguem mais se estabilizar ontologicamente. Seu núcleo é instável frente a uma pletora de possibilidade de encontros sexuais. Encontros esses dos mais diferentes tipos. O sujeito pomossexual parece estar apenas aprisionado às limitações da imaginação humana, ou melhor, da potencialidade do desejo sexual do ser humano.

O ser pomossexual se encontra no *não-lugar*. Os não-lugares são espaços vazios de conteúdo, sem história, são neutros, são transitórios, em geral, de uma arquitetura de desnudamento. Isso ocorre porque, segundo Callai (2000, p.121), "um lugar apresenta como uma das suas características a linearidade da ocupação, a sua horizontalidade, a expansão do uso do solo a partir de atividades especificas de cada lugar". Nem todos os espaços são ocupados, há na linearidade espaços que não são ocupados, literalmente vazios. Nesta linearidade não existe experiência nenhuma e não tem significado para as pessoas que perpassam por estes lugares. São lugares que nada tem haver com quem os usa, por exemplo, as estações de trem, as rodovias, os aeroportos, os pontos de ônibus, etc. Esses lugares são apenas pontos de partida e de chegada, ou seja, eles são vias de alta velocidade.

Segundo David Harvey (2011), há um novo valor que deve ser atribuído ao transitório, ao fugidio e ao efêmero, pois se encontra nos dias atuais uma celebração própria para o

dinamismo que, por sua vez, revela-se em um anseio infindável por um presente estável, imaculado e não corrompido, entretanto, tal presente nunca é atingido. O ser pomossexual pode até almejar uma constituição estagnada e imutável, mas esse desejo, em particular, nunca é concretizado. Ele nunca está satisfeito com o encontro sexual do momento, seu desejo é sempre pelo que estar a vir, por isso ele se movimenta tanto e de forma deambulante, já que a realização desse desejo pode se dar em qualquer lugar ou tempo.

Pode-se entender essa mudança na perspectiva da visão como consequência do modo de vida econômico e social da contemporaneidade, no qual predominam espaços diluídos e simultâneos, isto é, sem fronteiras rigidamente determinadas, de forma que o sujeito deste tempo não está situado em um lugar que o abriga, mas está sempre entre lugares, onde o que se vê ou quem vê importa menos do que estar percorrendo caminhos. Segundo Michel Collot (2004), não há outra saída para o sujeito pós-moderno do que o exílio (*ek-stase*). Tal exílio é derivado diretamente do transbordamento do eu na medida em que esse perdeu controle de seu movimento (COLLOT, 2004, p. 166). No mundo contemporâneo, o sujeito também se encontra perdido devido a uma fácil acessibilidade a uma pletora de opções de escolha. Há tantas opções que é difícil escolher apenas uma. Toda escolha remete a uma perda, por isso: Por que escolher?

Consequentemente, o sujeito pomossexual, diante de tantas opções e sem conseguir chegar a uma concretização sexual única, inicia, em função da fragilidade do contexto, rupturas que são reações convenientes para os que buscam uma forma de fuga devido ao desentendimento da exposição interna e externa do mundo transitável. Aproveitando esse espaço de rejeições e inovações, o sujeito pomossexual se modifica initerruptamente. Ele se metamorfoseia a cada novo instante à cata de uma estabilidade nunca palpável, nunca atingível. E é nesse momento que ele expõe as insatisfações do sujeito pós-moderno. Ele nunca está feliz com o que tem, mas com que o outro tem, por isso, muitas de suas experimentações sexuais é para averiguar a satisfação do outro. Conquanto, esse outro também se encontra insatisfeito e perdido. A troca de fluídos sexuais é sempre irregular e insuficiente, forçando o ser pomossexual a retomar sua busca, sua caça à consubstanciação de seus desejos sexuais mais íntimos. Logo, ele se sente constantemente deslocado, fora de eixo e sem um centro unificador. O ser pomossexual é um ser *ex-cêntrico*.

A pesquisadora literária canadense Linda Hutcheon (1991) conceitua o *ex-cêntrico* – *off-centro* ou descentralizado – como os marginalizados pela sociedade, os que estão à beira dela, ou que são diferentes. Eles vêm sendo delineados de forma singular por meio dos questionamentos pós-modernistas acerca da nacionalidade, etnicidade, raça e sexo. Conquanto, concomitantemente, eles vêm agregando valores a sua constituição, valores outrora negados devidos exatamente a sua alteridade frente a um mundo eurocêntrico, falocêntrico e heteronormativo.

Por conseguinte, Linda Hutcheon (1991) define o ex-cêntrico como aquele sujeito que, socialmente, está fora do centro, isto é, não pertencente à tradição europeia, à orientação

heterossexual e à classe média. Hutcheon (1991) afirma que o preconceito sexual, o racismo, o capitalismo e o imperialismo se entrecruzam de maneiras complexas e, muitas vezes, contraditórias. Isso porque o ser ex-cêntrico pode se localizar, ao mesmo tempo, no centro de uma determinada classe social e mesmo na fronteira ou na margem, devido as suas orientações sexuais, das suas relações de gênero e de raça. Tal posicionamento lhe dá um olhar crítico mais aguçado sobre o mundo onde ele habita. Além disso, seu foco sempre se altera na medida em que ele não possui uma força centralizadora. Baseando-se nas afirmações de Hutcheon (1991), pode-se concluir que o ser pomossexual, sendo também um ser ex-cêntrico, pode se aproveitar de sua localização dupla e paradoxal para criticar o centro a partir da margem e do próprio centro quando localizado nele.

Tanto Linda Hutcheon (1991) quanto Stuart Hall (2005) percebe a identidade do sujeito pós-moderno como problemática e desestabilizada. O termo identidade, no mundo contemporâneo, não dá mais para ser compreendido pelo viés uno, integral, original, coerente, estável, quase que imutável, ou seja, de forma quase indelével. Essa compreensão de identidade está firmemente embasada nos princípios e na concepção de sujeito iluminista. Segundo Hall (2005, p. 12): "O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas".

A afirmação de Hall (2005) implica em uma ruptura definitiva com a possibilidade de uma identidade essencial, coesa, fixa, imaculada e permanente. Portanto, não é mais possível falar em apenas uma identidade sob a ótica iluminista. Se não é mais possível falar em identidade sob essa perspectiva, como é possível falar em sexualidade sob a mesma perspectiva? Logo, no mundo contemporâneo, também não é mais possível falar em sexualidade essencial, coesa, fixa, imaculada e permanente. A sexualidade do sujeito pós-moderno é transitória, rizomática, fragmentária e, também, ex-cêntrica.

Por isso é também complicado falar em indivíduo pós-moderno. Etimologicamente falando, a palavra indivíduo encontra a seguinte significação: "o que não se divide", "o indiviso", levando-se à ideia de unidade, de permanência do sujeito que se considera contínuo em relação a uma história existencial de *si-mesmo*. O indivíduo no contexto pós-moderno foi retirado de seu lugar fixo. Ele se tornou fragmento, ele foi dividido e pluralizado, pois à medida que sua identidade é atravessada por diferentes divisões e novos antagonismos sociais, ocorre um descentramento do "eu".

Portanto, Hall (2005) opta por adotar o termo *sujeito* que, filosoficamente falando, significa um ser que tem uma consciência e experiências únicas ou uma entidade que tem um relacionamento com outra entidade que existe fora de si mesma (chamado de "objeto"). Um sujeito é um observador e um objeto é uma coisa observada. Este conceito é especialmente importante na filosofia ocidental, onde "o sujeito" é um termo central nos debates sobre a autonomia humana e da natureza do eu ou do meu ser. Por sua vez, sua sexualidade seguiu o mesmo fluxo e também foi retirada de sua "zona de conforto".

A sexualidade do sujeito pós-moderno não apresenta mais coerência, pois ela é difusa, polimorfa, dispersa, ou seja, indefinida.

As teorias chamadas pós-estruturalistas e pós-modernas vêm questionando a existência de um sujeito unitário, conhecedor e sistematizador do conhecimento. Se o sujeito iluminista, universal, mestre do discurso do conhecimento está tendo suas estruturas questionadas e abaladas, como ficam os seres humanos enquanto sujeitos na pós-modernidade? Segundo Hall (2005), o sujeito na Pós-Modernidade é um sujeito indeterminado, repleto de subjetividades e matizes assim como sua sexualidade. Ele vive em um novo ambiente que é transitório, desterritorializante e fragmentário.

Ambiente de transformações aceleradas e plurais, intensificado aparentemente desde a década de 1960. Tal ambiente vem sendo possibilitado por um conjunto de condições e levado a efeito por uma série de grupos sociais tradicionalmente submetidos e silenciados: os seres ex-cêntricos hutcheonianos. As vozes desses sujeitos faziam-se ouvir a partir de posições desvalorizadas e ignoradas; elas ecoavam a partir das margens da cultura e, com destemor, portanto, perturbavam o centro. Nota-se assim o advento de uma nova visão política, uma política multifacetada e protagonizada por vários grupos que se reconhecem e se organizam, coletivamente, em torno de identidades culturais de gênero, de raça, de sexualidade e de etnia.

O centro, materializado pela cultura e pela existência do homem branco ocidental, heterossexual e de classe média, passa a ser desafiado e contestado. Logo, muito mais do que um sujeito, o que passa a ser questionado é toda uma noção de cultura, ciência, arte, ética, estética, educação que, associada a esta identidade, vem usufruindo, ao longo dos tempos, de um modo praticamente inabalável, a posição privilegiada em torno da qual tudo mais gravita. Sendo assim, percebe-se a existência, outrora escamoteada, de várias identidades culturais assim como de várias sexualidades, inclusive de sexualidades consideradas indefinidas como, por exemplo, a pomossexualidade.

Se há hoje o reconhecimento de novas identidades culturais, tal reconhecimento nos obriga a reconhecer o caráter complexo, múltiplo, desarmonizado e descontínuo da sexualidade humana É inegável a existência de um novo movimento político e teórico acerca da sexualidade que vem entrando em ação, primordialmente, a partir dos primeiros estudos feministas. E nele as noções de centro, de margem e de fronteira passaram a ser questionadas. É preciso, no entanto, evitar o reducionismo teórico e político que apenas transforma as margens em um novo centro. O movimento não pode se limitar a inverter as posições, mas, em vez disso, supõe aproveitar o deslocamento para demonstrar o caráter paradigmático do centro e também constitutivo das margens. Logo, o conceito de identidade, de centro, de margem e de fronteira deve ser constantemente questionado. Para o Pós-Modernismo, tais conceitos estão sempre a devir assim como para a pomossexualidade. Não obstante, a pomossexualidade não é só transitória, ele é também *rizomática***.**

Para Bornstein (1997), a pomossexualidade deve ser compreendida em sua potencialidade de ressignificação da sexualidade humana no mundo contemporâneo. Por ter características rizomáticas, ela desconstrói as identidades sexuais tidas como fixas e imutáveis (heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade, etc..) e lhes atribui novos conceitos. Em seu artigo introdutório, Bornstein (1997) questiona diretamente o que é ser heterossexual ou homossexual nos dias de hoje. Por exemplo, com tamanha liberdade de escolha no mundo atual, ainda é possível falar em apenas uma heterossexualidade ou homossexualidade? Ou o que se percebe atualmente é a existência de várias heterossexualidades e várias homossexualidades?

A própria concepção de essencialismo é complexa e multifacetada. Diversos teóricos acerca dos estudos gays/lésbicos (Julia Kristeva (1982), Eve K. Sedgwick (1991), João Silvério Trevisan (2000) Richard Parker (2005), entre outros) já tentaram deslindar e delinear uma essência homossexual. Entretanto, tais estudos não tiveram sucesso em encontrar um conjunto de características comuns a serem aplicadas para se definir qualquer sujeito homossexual. E esse é um dos pontos centrais do questionamento de Borsntein (1997), se não há um conjunto de características comuns a todos os homossexuais, como eles podem ser classificados monoliticamente? E ela vai além, ao propor uma pergunta, a princípio, ainda mais complicada a ser respondida: A única definição possível a ser aplicada a um ser homossexual é que ele apresenta desejos sexuais por alguém do mesmo sexo?

A questão do essencialismo homossexual não é único questionamento de Borsntein (1997), ela também percebe a força questionadora da pomossexualidade acerca da heteronormatividade. Por isso, é importante entender o que este trabalho chama de heteronormatividade. Segundo Richard Miskolci (2009), a heteronormatividade é:

> (...) compulsória e é um conjunto de prescrições que fundamenta processos sociais de regulação e controle, até mesmo aqueles que não se relacionam com pessoas do sexo oposto. Assim, ela não se refere apenas aos sujeitos legítimos e normalizados, mas é uma denominação contemporânea para o dispositivo histórico da sexualidade que evidencia seu objetivo: formar todos para serem heterossexuais ou organizarem suas vidas a partir do modelo supostamente coerente, superior e "natural" da heterossexualidade. (MISKOLCI, 2009, p. 03)

Portanto, a heteronormatividade deve ser compreendida aqui como uma forma de "regulamentação" compulsória da sexualidade humana, ou seja, só há uma sexualidade disponível e "correta" e ela é a heterossexual. Nádia Perez Pino (2007) ainda destaca a relevância dos estudos *queer* acerca dessa forma reguladora:

> As discussões sobre a construção social da heterossexualidade e a associação com a normalidade marcou a formação dos estudos queer. Até então, nos estudos sobre sexualidade ou mesmo nos estudos sobre minorias sexuais, a heterossexualidade aparecia como algo inquestionável. A incipiente teoria dirigiu suas análises para os processos que produzem, normalizam e reconhecem a heterossexualidade como se fosse natural. Assim, os estudos queer emergem com a preocupação de descrever práticas

> sociais e modelos analíticos que mostrem que a heterossexualidade não é natural, precisando ser constantemente reiterada pelas normas sociais para manter sua hegemonia. (PINO, 2007, p. 35)

Conforme Pino (2007), as discussões promovidas por teóricos *queer* como Eve K. Sedgwick (1990), Judith Butler (1998), Richard Parker (2002), entre muitos outros, foram de extrema relevância para levantar questionamentos sobre o *status quo* impositivo da heteronormatividade. Eles também auxiliaram a desestruturar, embora não completamente, a influência controladora heteronormativa sobre a sexualidade humana: "os estudos *queer* emergem com a preocupação de descrever práticas sociais e modelos analíticos que mostrem que a heterossexualidade não é natural, precisando ser constantemente reiterada pelas normas sociais para manter sua hegemonia". (PINO, 2007, p. 35)

Como demonstra Pino (2007), a teoria *queer* possui um papel central nos estudos sobre as sexualidades humanas, mormente contemporâneas. E ela ainda adiciona a respeito da teoria *queer* que:

> A teoria *queer* é uma iniciativa desconstrutivista: dos saberes sobre a sexualidade e sobre a ordem social, dos sujeitos portadores de identidades, do desejo sexual, da heterossexualidade. Os estudos queer ancoram-se no desconstrucionismo francês como método de análise através operacionalização do conceito "***suplementaridade***" presente na obra *Gramatologia* de Derrida, considerada um dos marcos do pós-estruturalismo francês. De acordo com Ki Namaste (1996, p.196), o conceito remete ao entendimento de como os significados são estabelecidos, pois, sugere que os mesmos são organizados em torno da diferença por meio de um jogo dinâmico da presença e da ausência. Esse jogo demonstra que aquilo que parece estar fora do sistema está dentro do sistema, como por exemplo, a heterossexualidade para se estabelecer precisa da homossexualidade. Assim, um termo constitui o outro, ou uma relação engendra necessariamente a outra, já que ambas são parte de um mesmo sistema de significados. (PINO, 2007, p.37)

Por meio do trecho acima, percebe-se também a influência direta que os estudos do pós-estruturalismo tiveram (e ainda tem) sobre a teoria *queer*. Pino (2007) retoma um dos conceitos chaves do pesquisador francês e pós-estrutural, Jacques Derrida, ***a suplementaridade***, e a aplica aos estudos sobre gênero e orientação sexual. Tal reutilização não é feita a esmo, o conceito de suplemento se refere diretamente à ressignificação das identidades, não somente sexuais, no mundo contemporâneo. Por meio do entendimento do suplemento, têm-se novas composições ontológicas e identitárias, ou seja, novas significações, novas visões a respeito de termos (gênero masculino/feminino e a heterossexualidade, por exemplo) tidos outrora como fixos e universais. Mas como se dá essa ressignificação desses conceitos tomados como fixos e universais? E o que Jacques Derrida (1967) apreende como suplementaridade?

A ***Suplementaridade*** compreende o signo como sendo sempre um suplemento de si próprio e se refere diretamente à compreensão de como os significados são definidos, já

que indica a forma como eles são organizados ao redor da diferença através de um jogo. Portanto, eu sou eu por não ser o outro, logo o outro não sou eu por ser exatamente o outro. Jacques Derrida não trata diretamente das ressignificações a respeito das sexualidades humanas na contemporaneidade. Entretanto, pesquisadores da teoria *queer*, Judith Butler (1998) e Nádia Perez Pino (2007), reutilizam pontos centrais de seus estudos a fim de poder compreender melhor e mais profundamente como as identidades sexuais se constroem e como a alteridade tem um papel importantíssimo para se compreender questões complexas como, por exemplo, a discriminação sexual, a homofobia, a misoginia, entre muitas outras.

Retomando Pino (2007), a autora ainda esclarece que a teoria *queer* é um "entendimento de como os significados são estabelecidos, pois sugere que os mesmos são organizados em torno da diferença por meio de um jogo dinâmico da presença e da ausência" (PINO, 2007, p. 35). Portanto, os homossexuais existem porque os heterossexuais existem. Os transexuais existem porque os heterossexuais e os homossexuais existem e assim por diante. Por conseguinte, uma identidade se compõe pela diferença frente à outra, nas palavras derridianas, as diferenças de uma são os suplementos da outra.

É importante ressaltar que não é um jogo simples e lento, mas complexo e dinâmico da presença e da ausência dos significados. Em outras palavras, esse jogo expõe claramente aquilo que aparenta estar fora (ausente) do sistema, mas na verdade, está dentro (presente) do sistema. Veja-se o caso da heterossexualidade. Ela somente existe como tal na medida em que há um contraponto ou, pelo menos, um diferencial: a homossexualidade. Seguindo a lógica do pensamento derridiano, percebe-se que um jogo dinâmico da presença e da ausência se atrela diretamente à edificação do eu e do outro, pois ambos fazem parte de um mesmo sistema de significados.

A constituição do meu ser depende diretamente da constituição do outro, ou seja, é por meio das diferenças que se estabelecem as constituições ontológicas de meu ser. Conquanto, falar em diferenças acerca do sujeito pós-moderno é muito complicado. Ele é ele por ele ser ele e também por ser o outro. Ele possui diversas características, inclusive disjuntivas, em sua constituição ontológica. Em consonância com o sujeito pós-moderno, o ser pomossexual apresenta inúmeras características (e muitas também disjuntivas), entretanto, tais características não são fixas e imutáveis como as do sujeito do Iluminismo. Como os próprios Deleuze e Guattari (1995) atestam: "No Ocidente a árvore plantou-se nos corpos, ela endureceu e estratificou até os sexos" (DELEUZE & GUATTARI, p. 29, 1995). Suas características são transitórias, rizomáticas e fragmentadas assim como são as características ontológicas do sujeito pós-moderno.

A cantora Conchita Wurst é um bom exemplo da pomossexualidade, já que ela pode ser considerada um ser transgênero (do masculino para o feminino), conquanto, ela opta, por livre e espontânea vontade, em manter uma característica tipicamente masculina: a barba. Os liames entre o gênero masculino e feminino são questionados. O mesmo ocorre com os liames referentes à orientação sexual. Um ser pomossexual pode apresentar diferentes

vontades sexuais ao mesmo tempo ou em momentos diferentes (não todos, senão seria classificado como pansexual), entretanto, tais desejos não apresentam delimitações claras. Além disso, eles não possuem um centro o que dificulta, e muito, perceber onde um desejo começa (e se começa) e o outro termina (e se termina). Portanto, a vontade sexual de um ser pomossexual é dispersa. Entretanto, o que esse trabalho entende como dispersa?

É exatamente nesse ponto que se deve compreender a ideia de rizoma. Mas enfim o que é rizoma? Ao longo do decorrer da história do Ocidente, nota-se claramente a subordinação do múltiplo pelo uno, onde o uno sempre esteve contido no múltiplo. Ademais, o múltiplo só foi admitido para garantir o uno por oposição dialética. Para Deleuze e Guattari (1995), o desejo do sujeito do Iluminismo se dá por sua configuração una, singular e centrada. Ele se compõe arborescentemente, ou seja, por meio da dualidade, da compartimentalização, da causalidade e da sucessividade. O tronco principal representaria um dipolo de ligação, isto é, o tronco seria o conceito que permearia e guiaria todos os outros segmentos da árvore (até mesmo os segmentos opostos ao tronco têm como referência o mesmo). Além disso, este tipo de esquema tem como características pontos fixos de onde surgem galhos ligados a este centro.

Entretanto, a configuração do sujeito pós-moderno não se dá pelo mesmo viés. Por isso, Deleuze e Guattari (2000) cortam esse tronco principal e propõem um novo olhar para o desejo desse sujeito: “Desta vez a realidade natural aparece no aborto da raiz principal” (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p. 14). Muda-se o foco do sujeito para o objeto. E mais, no período moderno, com a “invenção da ciência” se prioriza a purificação dos saberes. Há, portanto, uma supervalorização da ciência sobre os outros saberes. Isso acaba refletindo diretamente no próprio modo da produção de subjetividade da época em questão. Deleuze e Guattari (1995) nomeiam tal lógica de raiz fasciculada, onde se retira o tronco principal (ou pivô) que caracterizava o sistema arborescente. Tal mudança de pensamento é de extrema relevância para se compreender mais profundamente a constituição ontológica e identitária do sujeito pós-moderno. Passa-se, por conseguinte, a aceitar o múltiplo, e não mais o uno, com relação aos objetos. Fora isso, ainda Deleuze e Guattari (1995) comentam que:

> Vale dizer que o sistema de raiz fasciculado não rompe verdadeiramente com o dualismo, com a complementaridade de um sujeito e de um objeto, de uma realidade natural e de uma realidade espiritual: a unidade não pára de ser contrariada e impedida no objeto, enquanto que um novo tipo de unidade triunfa no sujeito. O mundo perdeu seu pivô, o sujeito nem pode nem mesmo mais fazer dicotomia, mas acede a uma dimensão sempre suplementar àquela de seu objeto (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p. 14).

Portanto, não há uma total ruptura com o modelo antigo, mas sim um questionamento de sua constituição ontológica. Não se retira por completo uma árvore para plantar outra de outro tipo. Na verdade, o que muda é o olhar analítico para essa árvore. Não se foca mais no tronco principal, mas nas raízes.

Embora atualmente ainda se reproduza, consciente ou inconscientemente, a lógica binária, percebe-se o advento de copiosas alterações, sobretudo a partir das novas tecnologias multimídias e do alcance das redes de comunicação de massa, nas formas diferenciadas de subjetivação. Tal alteração acaba por influenciar as diferentes facetas do sujeito, inclusive a sexual. A outrora solidez do sujeito moderno vem alterando para uma espécie de fluidez nos processos de subjetivação, que são atravessados por conexões instantâneas e cambiantes. Nota-se cada vez mais uma proliferação de subjetividades mutantes. Vive-se nos dias de hoje um mundo de oportunidade, a princípio infinito, de possibilidades de subjetivação. Além disso, tais escolhas infindáveis feitas no instante acabam irrompendo numa nova forma de subjetivar-se constantemente, ou seja, não há mais pontos fixos e estagnados, tudo é transitório, fragmentado e rizomático. Mas o que se deve compreender como rizomático?

O rizoma, conforme Deleuze e Guattari (1995), é um termo proveniente da botânica e designa um tipo de caule que algumas plantas verdes possuem, que cresce horizontalmente, muitas vezes subterrâneo, mas podendo também ter porções aéreas. O caule do lírio e da bananeira é totalmente subterrâneo, mas certos fetos desenvolvem rizomas parcialmente aéreos. Certos rizomas, como em várias espécies de capim (gramíneas), servem como órgãos de reprodução vegetativa ou assexuada, desenvolvendo raízes e caules aéreos nos seus nós. Noutros casos, o rizoma pode servir como órgão de reserva de energia, na forma de amido, tornando-se tuberoso, mas com uma estrutura diferente de um tubérculo. Segundo Deleuze e Guattari (1995), que utilizam este conceito em seus trabalhos de filosofia: um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança.

Segundo Costa (2011), o rizoma é um modelo de resistência ético-estético-político, trata-se de linhas e não de formas. Por isso o rizoma pode fugir, se esconder, confundir, sabotar, cortar caminho. Não que existam caminhos certos, talvez o correto seja o mais intensivo (e não o caminho do meio). As linhas de fuga são aquelas que escapam da tentativa totalizadora e fazem contato com outras raízes, seguem outras direções. Não é uma forma fechada, não há ligação definitiva. São linhas de intensidade, ou melhor, apenas linhas de intensidade.

A concepção de rizoma se afasta da ideia de estrutura centralizada, hierarquizada, na qual a metáfora mais comumente utilizada é de uma grande raiz, da qual se originam ramos e destes ramos as demais ramificações que se espalharam, embora eles estejam sempre ligados por uma relação de interdependência com aquela matriz. Portanto, no rizoma não há um ponto central, sendo que qualquer ponto poderia incidir ou afetar um outro ponto. É nessa matriz do pós-estruturalismo que os filósofos franceses vão afirmar que o território existe enquanto processo permanente de se tornar (devir). Ele não se fixa e não se estratifica, mas é fluido e se interrompe quando da coagulação deste fluxo.

Não há um pensamento linear, o rizoma não se fecha sobre si, mas é aberto para experimentações, é sempre ultrapassado por outras linhas de intensidade que o atravessam. Como um mapa que se espalha em todas as direções, se abre e se fecha, pulsa, constrói e desconstrói. Cresce onde há espaço, floresce onde encontra possibilidades, cria seu ambiente. Eles são apenas agenciamentos, linhas se movendo em várias direções, escapando pelos cantos, o desejo segue direções, se esparrama, faz e desfaz alianças.

Por conseguinte, um ser pomossexual não pode ser visto apenas pelo viés da suplementaridade derridiana, pois ele não apresenta apenas um ponto constitutivo em relação ao outro, mas ele se constitui por meio da perspectiva de vários pontos descentralizados e de incidência simultânea. É verdade que ele se configura nas diferenças, entretanto, o problema é identificar essas diferenças. A configuração ontológica de um ser pomossexual deve ser apreendida por meio de sua potencialidade sexual, ou seja, por meio de todas as características sexuais existentes em seu ser. Não se pode mais apostar em compartimentos distintos e fixos, pois o rizoma se espalha de forma alinear. Não há motivos para seguir uma linha reta, um método cartesiano. As linhas tortas se ligam, se confundem, se espalham, se alastram. As conexões se multiplicam, logo, a intensidade também. Aí sim temos a chance de criar novos sentidos, micro-conexões se difundindo, se diluindo, se confundindo e se disseminando.

Como verificado até esse momento, o ser pomossexual é um ser transitório, ou seja, está sempre em trânsito, movendo-se, por não apresentar uma identidade e nem um desejo fixo e estagnado. Ele é também um ser ex-cêntrico, pois se encontra à margem das categorias sexuais apreendidas como imutáveis e à margem da heteronormatividade, embora a questione constantemente. Além disso, seu desejo é rizomático, exatamente por não apresentar um ponto central fixo, mas diversos pontos os quais podem ser abordados a fim de se compreender sua constituição ontológica. Portanto, não há mais espaço, na Pós-Modernidade, para se falar em sexualidade unitária, singular e indivisível. O desejo pomossexual é deambulante, plural, polimorfo e também fragmentário.

Segundo Stuart Hall (2005), as identidades modernas estão sendo desagregadas de seu semema cartesiano. Entretanto, o que vem ocorrendo não é uma simples desagregação, mas um deslocamento, ou melhor, uma fragmentação profunda de seus significados edificados no período iluminista. Ainda para Hall (2005), há uma descrição clara de vários desses deslocamentos ocorridos paulatinamente por meio de uma série de rupturas incisivas nos discursos do conhecimento moderno. Tal deslocamento vem se dando graças a cinco grandes avanços na teoria social e nas ciências humanas os quais vêm se consubstanciando desde o final do século XIX. Todas essas cinco grandes teorias estão descentralizando profundamente a concepção do sujeito do Iluminismo. Mas, afinal, quais são essas cinco grandes teorias?

O primeiro grande deslocamento, segundo Hall (2005), refere-se ao pensamento marxista. Os escritos de Marx tiveram (e ainda têm) relevante impacto sobre a (re)

compreensão ontológica do sujeito cartesiano. Conforme Hall (2005), embora o pensamento marxista tenha surgido no século XIX, o maior impacto se deu por meio das releituras, da redescoberta desses escritos a partir da década de 1960. Tais releituras oportunizaram a reinterpretação do sujeito cartesiano. Para os neomarxistas, o sujeito faz a história, entretanto, ele só consegue fazê-la sob as condições que lhes são dadas. Seus novos intérpretes leram isso no sentido de que os indivíduos não poderiam de nenhuma forma ser os “autores” ou os agentes da história, uma vez que eles podiam agir apenas com base em condições históricas criadas por outros e sob as quais eles nasceram, utilizando os recursos materiais e de cultura que lhes foram fornecidos por gerações anteriores. Portanto, eles estão presos a um sistema anterior a sua existência e a alteração desse sistema depende diretamente da perspectiva obtida por meio desse sistema. Logo, para os neomarxistas, o sujeito não é tão livre como aparentava ser no século anterior. Ele possui limitações existenciais, políticas, culturais, etc.

O segundo grande deslocamento é atribuído à descoberta do inconsciente por Freud. A teoria freudiana é de extrema importância para se compreender mais adequadamente a constituição do sujeito pós-moderno. Sua teoria influenciou inúmeras áreas das chamadas ciências humanas, além de desestabilizar a concepção de centro do sujeito iluminista. Conforme Hall (2005), Freud oferece novas releituras dos sememas relacionados à identidade, à sexualidade e à estrutura dos mais diversos desejos pertencentes ao ser humano. Isso porque, tais sememas são constituídos com base em processos psíquicos e simbólicos os quais Freud chama de inconsciente. Das várias descobertas importantes de Freud acerca do inconsciente, vale a pena ressaltar aqui a sua funcionalidade, ou seja, há uma “lógica” própria que se distancia (e muito) daquela proposta pela Razão.

Os conceitos de identidade fixa e unificada do sujeito do Iluminismo são questionados, pois se cada sujeito é detentor de um inconsciente, então não se pode mais falar em apenas um núcleo singular, mais vários núcleos, haja vista a existência de vários inconscientes. Tal pluralidade é corroborada pela lógica do “processamento” do inconsciente. Ele não se dá de forma uníssona, regular, mas alinear e quebradiça.

Tais aspectos freudianos vêm influenciando grandes pensadores da Modernidade. Um dos principais se chama Jacques Lacan. Para esse psicanalista, não é mais possível pensar em um ser possuidor de um centro inalterável, pois a própria criança já apreende a fragmentação pela perspectiva do inconsciente, que segundo Freud é fragmentado. Ela não se desenvolve naturalmente a partir do interior do núcleo do seu ser, mas é formada em comparação direta com os outros. Esse processo ocorre particularmente por meio de complexas negociações psíquicas dentro do inconsciente. É um processo longo e gradual. Segundo Lacan (1999), na primeira infância, a criança se depara com suas poderosas fantasias que, por sua vez, estão ligadas às figuras paternas e maternas. A fragmentação se intensifica a partir “fase do espelho”. Ainda para Lacan (1999), essa fase é crucial e perturbadora, pois a criança não possui todas as coordenadas essenciais para proceder no

mundo exterior e, também, não possui qualquer autoimagem como uma pessoa "inteira". Ela se vê, ou melhor, se "imagina" a si própria refletida, seja literalmente, no espelho, seja figurativamente, no "espelho" do olhar do outro. Portanto, a imagem apreendida pela criança é totalmente fragmentada. Ela não consegue se visualizar como um ser "inteiro", ela só consegue se visualizar em partes.

Lacan (1999) também percebe a importância da linguagem para a constituição do ser, conquanto, sua percepção se dá graças ao linguista Ferdinand de Saussure devido ao seu trabalho estrutural acerca, principalmente, do signo linguístico. E esse é o terceiro deslocamento indicado por Hall (2005). Os argumentos de Saussure chegaram à maioria do público por meio de seus alunos mais diligentes. Dos diversos ensinamentos saussurianos, vale a pena ressaltar aqui a questão relativa à identidade. Segundo esse linguista genebrino (1969), os seres humanos não são os "autores", de nenhuma forma, das afirmações enunciadas, dos atos ilocucionais, dos dêiticos temporais e espaciais, etc., em suma, o sujeito não é o criador dos significados expressados na língua.

Por conseguinte, nós podemos utilizar a língua para produzir significados apenas nos posicionando no interior das regras da língua e dos sistemas de significado de nossa cultura. A língua é um sistema social e não um sistema individual. Em outras palavras, o sujeito está preso aos ditames linguísticos adquiridos, pois a língua preexiste a nós. Não podemos, em qualquer sentido simples, ser seus autores. Falar uma língua não significa apenas expressar nossos pensamentos mais interiores e originais; significa também ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos nela assim como em nossos sistemas culturais.

O quarto nome a descentralizar a questão identitária é a do filósofo e historiador francês Michel Foucault. Por meio de uma pletora de estudos, Foucault produziu um tipo de "genealogia do sujeito moderno". Segundo ele, há a verificação de um novo tipo de poder, chamado "poder disciplinar", que se desdobra ao longo do século XIX, chegando ao seu desenvolvimento máximo no início do século subsequente. Em primeiro lugar, o poder disciplinar se preocupa com a regulação, a vigilância e o governo da espécie humana ou de populações inteiras e, em segundo lugar, com indivíduo e com o corpo. Os locais de tal poder se consubstanciam em instituições consideradas novas (desenvolvidas ao longo do século XIX). São locais objetivados a monitorar e disciplinar as populações modernas: oficinas, quartéis, escolas, prisões, hospitais, clínicas e assim por diante (veja, por exemplo, História da loucura, O nascimento da clínica e Vigiar e punir).

Por fim, de acordo com Hall (2005), o quinto descentramento se refere ao impacto do feminismo sobre a sociedade moderna, tanto como uma crítica teórica quanto como um movimento social. O feminismo se localiza no grupo de "novos movimentos sociais" (grupo que também inclui o pós-colonialismo, os estudos étnicos, estudos gays e lésbicos, entre muitos outros), emergidos durante os anos de 1960 (o grande marco da modernidade tardia), juntamente com as revoltas estudantis, os movimentos juvenis contraculturais e

antibelicistas, as lutas pelos direitos civis, os movimentos revolucionários do "Terceiro Mundo", os movimentos pela paz e tudo aquilo que está associado com "1968".

Além disso, é importante deslindar o que esse trabalho entende como fragmentado e fragmentário. Segundo Andrade (2007), qualquer leitor contemporâneo deve compreender que a fragmentação do texto literário se dá estrutural e conteudisticamente, ou seja, um texto literário fragmentado é um texto sem linearidade, sem começo, meio e fim, repleto de histórias incompletas e despedaçadas. Entretanto, ainda para Andrade (2007), o leitor tem que ter em mente a diferença entre *fragmentação* e *fragmentário*. O primeiro é a definição dada inicialmente neste parágrafo enquanto que o segundo deve ser apreendido como abarcante das características do primeiro, embora o leitor deva ainda acrescentar a esta significação os seguintes elementos: a construção de múltiplos planos, a configuração da memória, a edificação da linguagem sintomática com perspectivas esfaceladas e a explicita presença da intertextualidade.

Devido a isso, esse trabalho opta por utilizar o adjetivo *fragmentário* ao invés de fragmentado, por compreendê-lo como sendo mais frutífero para se analisar o texto literário. A narrativa fragmentária é um registro que provoca uma leitura semelhante à leitura do ciberespaço, com modificações constantes e que inclusive abdica de ser lida de forma linear, pois trabalha com a simultaneidade de informações.

O fragmento é, conforme Blanchot (1990), incompletude, inconclusão e não peça pronta colocada ao lado de outras para assim serem apreciadas. Nem mesmo é parte de outra coisa ali perdida e imóvel. A sua inconclusão lhe propicia movimento (o movimento da persistência ou da espera) e é nela, que torna preenchíveis os vazios existentes entre os fragmentos, que se encontra sua beleza. Os fragmentos criam segredos, algo a ser descoberto na medida em que o todo não é explicitado. Esta seria a particularidade do fragmento, ou seja, percebendo o descontínuo é mais fácil atribuir outros significados que não aqueles forjados pela ideia de totalidade.

Em suma, o ser pomossexual é transitório, ex-cêntrico, rizomático e fragmentário. Ele é transitório por se localizar no *não-lugar*, ou seja, nos lugares efêmeros e sem significados definidos, com características passageiras e momentâneas. Ele não se fixa em lugar algum tal como sua identidade e desejos sexuais. Como ele não se fixa, ele se encontra constantemente à margem, sem um centro unificador e totalizador. Por isso, ele é também um ser ex-cêntrico, em outras palavras, extravagante, esdrúxulo, esquisito, portanto, fora do comum. Ele é avesso a qualquer tipo de categorização sexual, à ordem dos demais e ao próprio meio onde se encontra. Ademais, por não se submeter às classificações sexuais impostas, sua constituição ontológica, identitária concomitantemente com seus diversos desejos sexuais são bem mais abertos e livres em comparação direta às categorias sexuais tomadas de forma estável. Na verdade, seus desejos não possuem um ponto fixo, são emaranhados e brumosos, sem um começo ou um fim. Eles são totalmente imprevisíveis. Sendo assim, o desejo pomossexual deve ser vistos pelo viés rizomático. E,

por fim, verifica-se que todas essas características juntamente com as teorias das ciências humanas destacadas previamente auxiliam substancialmente a fragmentar o sujeito pomossexual. Não é mais possível falar em seres com um centro unificador e imutável. Tanto o sujeito pós-moderno quanto o sujeito pomossexual apresentam configurações identitárias e desejos desmembrados e deslocados. Sua constituição ontológica se dá por meio da junção de vários fragmentos, ou melhor, por meio de várias características, muitas das quais até consideradas disjuntivas, formatando um ser com desejos sexuais plurais, polimorfos, movediços, inesperados, efêmeros, dispersos, logo, indefinidos.

A INDEFINIÇÃO COMO ASPECTO DELINEADOR DA ESTRUTURA DO ROMANCE

A pesquisadora Shirley Carreira (2007) afirma que os personagens dos romances de João Gilberto Noll são *inadequados*. Mas o que é ser inadequado? Para Carreira (2007), ser inadequado é refletir a falta de consciência e o fracasso existencial do homem contemporâneo. Sendo assim, percebe-se a recorrência de personagens nollianos que estão sempre à deriva, sujeitos fragmentários e, primordialmente, sem capacidade de definir uma narrativa coerente do "eu" que estabeleceria significados e sentidos pertinentes à existência de seu ser.

A representação literária da identidade nacional brasileira nas literaturas da chamada Geração 90 (na qual João Gilberto Noll está incluído) é um tema de grande complexidade. Uma das principais perguntas sobre esses personagens talvez seja: Eles não apresentam mais capacidade de se identificarem como ser? Talvez mesmo antes de se perguntar se eles representam, de fato, algum grupo específico.

Esse trabalho acadêmico não acredita que esses personagens não possuam consciência de sua configuração existencial haja vista as constantes indagações das vontades sexuais do protagonista de *Solidão Continental* (2012). Na verdade, o que se verifica é um novo olhar para a configuração de identidades incertas. É ***também*** tentar compreender o mundo ao redor em suas facetas indefinidas. É uma consciência mais fenomenológica, portanto, não mais baseada na forma de pensar cartesiana. Os personagens nollianos se constituem, segundo Marcos Jesus de Oliveira (2008) "(...) a partir de um jogo constante de (re)criação de espaços sociais, cujo dinamismo é posto em ação a partir de uma pluralidade de práticas e de desejos entre homens *same sex-oriented*". (OLIVEIRA, 2008, p. 12)

Entretanto, esse dinamismo não se dá apenas por meio de personagens *same sex-oriented*, ou seja, personagens com a mesma orientação sexual. Na verdade, ler *Solidão Continental* (2012) apenas pelo viés homoerótico, é lê-la parcialmente. Por conseguinte, ler uma obra parcialmente é lê-la enfatizando alguns pontos tomados como mais importantes em comparação direta com outros considerados então como supérfluos ou dispensáveis. Se se tentar apreender o protagonista de *Solidão Continental* (2012), João Bastos, somente por meio de seus traços homoeróticos, o leitor deixará de lado toda sua configuração indefinida, em outras palavras, é determinar sexualmente um ser sem uma determinação sexual clara, fixa ou imutável. Características essas recorrentes em diversos estudos pós-modernos e personagens nollianos como, por exemplo, das obras *A Fúria do Corpo* (1981), *Rastros de Verão* (1986) e *A Céu Aberto* (1996).

Solidão Continental (2012) retrata as andanças a esmo de seu protagonista, João Bastos, por meio de vários espaços, muitos dos quais, indefinidos ou de poucos detalhes

descritivos. Muitos desses espaços podem ser considerados *não-lugares* à guisa de Marc Augé (2005). Ademais, vale a pena destacar aqui que o espaço tecido por Noll não é a única instância narrativa com caráter indefinido. O tempo construído em *Solidão Continental* é também indefinido e auxilia na caracterização de personagens indefinidos, inclusive do próprio protagonista (também narrador) da história.

O narrador de *Solidão Continental* (2012) possui função fundamental para se compreender mais profundamente as edificações dessa obra e seu próprio enredo. Ao longo do romance, o narrador nos indica as diversas vicissitudes e idiossincrasias da constituição identitária indefinida do protagonista, João Bastos. Ele apresenta atração sexual por seres homossexuais, supostamente homossexuais, bissexuais, andróginos e, quiçá, heterossexuais e relações supostamente incestuosas. Durante toda a obra, ele "desliza", "experimenta", "dispersa-se" em diferentes orientações e desejos sexuais. No entanto, como esse narrador constrói seu protagonista de forma indefinida?

O narrador de *Solidão Continental* (2012) usufrui de uma pletora de recursos narrativos para edificar seu protagonista sem classificação sexual clara haja vista a própria materialidade do romance em destaque. A obra literária *Solidão Continental* (2012) apresenta características de um romance tradicional? Sua extensão e segmentação condizem com as de um romance tradicional ou tais elementos literários rompem com ele? Ao ser questionado sobre a irregularidade específica da organização espacial de alguns de seus romances por um jornalista da revista *Livre Opinião*[1] (2014), João Gilberto Noll responde o seguinte:

> Nunca tive a intenção de desestruturar a narrativa do romance tradicional. É uma questão, eu diria, de fundo neurológico: não sei contar sem esse simultaneísmo entre o que é a chamada realidade do personagem e suas várias possibilidades ideais. Acho que acontece assim com um certo tipo de artista, que faz de uma sua inadequação o seu estilo, a sua estética.

De fato, o narrador de *Solidão Continental* (2012) organiza o enredo de forma a desestruturar a narrativa do romance tradicional. Há claramente uma inadequação de estilo, ou em outras palavras, uma adequação muito peculiar, particular proposta por esse narrador que visa contar uma história específica de forma diferente do convencional. E essa forma parece ser esse "simultaneísmo" indicado pelo próprio autor, mas não é qualquer "simultaneísmo", é um tipo indistinto, brumoso, ou seja, de difícil apreensão e delineamento.

Esse "simultaneísmo" se dá de várias formas. Por exemplo, na não nomeação dos capítulos, na edificação da obra como se fosse um livro de contos e na própria caracterização do protagonista por meio de elementos pomossexuais. É importante verificar aqui que não se deve tomar tais formas aleatoriamente ou, mesmo, separadamente. Como o próprio

1 Disponível em <file:///C:/Users/Carlos/Desktop/Jo%C3%A3o%20Gilberto%20Noll%20%20%E2%80%9CNunca%20tive%20a%20inten%C3%A7%C3%A3o%20de%20desestruturar%20a%20narrativa%20do%20romance%20tradicional-%E2%80%9D%20%20%20Livre%20Opini%C3%A3o%20-%20Ideias%20em%20Debate.htm>. Acesso em 30/01/2014.

Noll (2014) comenta “(...) não sei contar sem esse simultaneísmo entre o que é a chamada realidade do personagem e suas várias possibilidades ideais”. Um leitor nolliano mais atento tem que ler *Solidão Continental* (2012) por meio de sua organicidade tanto estrutural quanto conteudística.

A não nomeação dos capítulos atribui certa liberdade à confecção e leitura do enredo que por sua vez se torna mais denso ao ser tomado como um todo e, não apenas em partes distintas, ou seja, há certa restrição na liberdade concedida ao leitor. De fato, ele possui total liberdade de iniciar a leitura em qualquer segmento do romance (leitura rizomática). Tal leitura reforça a ideia de um tempo gnômico. Mesmo aquilo que poderia ser considerado passado dentro da cronologia interna da narrativa é questionado haja vista o trecho abaixo:

> Pois a figura era simplesmente a de Bill. Bill Stevens, rememorei... Bill, simplesmente o mesmo que eu conhecera vinte e oito anos atrás, aquele que na época tinha seus 29 anos de idade... O que eu tinha então também. Mas ao invés de Bill trazer os sulcos do tempo feito a minha face, ele se rejuvenescera milagrosamente, mas não um rejuvenescimento sadio, de quem aprimora sua força vital com uma boa alimentação, exercícios físicos, falta de estresse... Seu corpo parecia ter dado pra trás e empacado em épocas anteriores àquela em que eu o conhecera. (NOLL, 2012, p. 18).

Por meio do trecho acima, nota-se que o tempo é confuso e incerto. Um dos principais indicadores de tal constituição temporal se refere ao processo de rejuvenescimento da personagem deuteragonista, Bill Stevens, que, segundo o próprio narrador, milagrosamente se apresenta ao protagonista de forma rejuvenescida, mesmo depois de se passar vinte e oito anos. É como se o tempo nunca tivesse passado, é um tempo contínuo e atemporal. Tal constituição temporal questiona diretamente a veracidade tanto das memorias do protagonista quanto de um suposto tempo passado. Quanto mais reforçado fica o tempo presente, mais os personagens são vistos de forma indeterminada, pois eles se encontram desraizados e sem perspectivas de futuro.

Sem passado ou futuro, só tempo presente, o leitor se sente livre para transitar sua leitura da forma que almejar, já que o protagonista parece estar sempre no mesmo momento, não há linearidade ou percurso narrativo a ser seguido. Embora tais características acabem por fragmentar o enredo, é só por meio da leitura completa dessa fragmentariedade que se pode compreender mais profundamente todas as nuances, silêncios e particularidades da sexualidade indefinida do protagonista, João Bastos.

A questão da não nomeação não é um recurso literário utilizado apenas na não nomeação dos capítulos. O próprio protagonista tarda a ser nomeado pelo narrador e, mesmo quando tal nomeação esperada ocorre, o protagonista quase que nega tal nomeação, atestando a importância do ato de nomear, mas se refutando a aceitar tal nomeação. Para ele é insignificante se conhecido por seu nome próprio, João Bastos, ou não:

> (...) respirei fundo e trouxe à tona um nome de quatro letras chamado João sem saber com convicção se aquele de fato era o meu nome mas era, não havia outro, João, repeti, e ela queria saber o nome completo, o sobrenome

> também, e eu respondo que assim é demais, que eu só tenho esse, nenhum mais, e ela se mostra meio impaciente e pede que eu durma, que ela vai me sedar mais. E antes que ela aplicasse em mim mais sedativos que eu digo ó, é João... João Bastos. (NOLL, 2012, p. 89)

Um ser que não se nomeia ou refuta nomeações se encontra mais livre em suas escolhas, inclusive nas escolhas das relações sexuais. Sem um nome claramente masculino ou feminino (ou mesmo sem qualquer nome de qualquer tipo), fica difícil para um leitor saber exatamente qual é o gênero sexual desse protagonista (ou mesmo sua orientação sexual). Isso instiga e incentiva a imaginação do leitor que, por sua vez, pode classificá-lo à sua vontade. Esse protagonista pode ser do gênero masculino, feminino, bigênero, ou apresentar características andróginas ou, até mesmo, de um ser de intersexo. A mão do narrador é importantíssima nesse momento, pois é exatamente em como o narrador expõe ao leitor tal indeterminação sexual que oportunizará ao leitor deixar sua imaginação fluir, voar, intensificando assim sua experiência frente à leitura.

O recurso estilístico de *não nomeação* não é somente aplicado aos capítulos do romance *Solidão Continental* (2012). Ele é também utilizado no protagonista, pois seu nome tarda a ser revelado. Os leitores só descobrem o nome ***João Bastos*** perto do final, na página 89 (o romance tem 125 páginas). O nome para Noll parece ser irrelevante como atesta Rafael Martins da Costa (2006). O ato de nomear (ou mais propriamente se nomear) se mostra irrelevante, até mesmo descartável, pois nomear-se para esse protagonista é um ato de aprisionamento.

Um ser pomossexual vê a nomeação da mesma forma. Nomear um ser é lhe atribuir uma pletora de características, inclusive sexuais. Quando o narrador revela o nome ***João Bastos*** aos seus leitores, ele não está apenas batizando-o, ele está tentando defini-lo. ***João*** é um nome masculino e, devido a isso, carrega consigo características comumente atribuídas a ele como, por exemplo, masculinidade e atração pelo sexo feminino. Entretanto, isso não ocorre. A caracterização hábil do narrador descontrói tal visão totalizante e universal ao edificar um protagonista com atração sexual por seres de diferentes categorizações sexuais.

Quando o narrador de *Solidão Continental* (2012) tenta, a contragosto, nomear seu protagonista, significá-lo, ele não o consegue. Ao escolher um nome tão polissêmico quanto João, Noll parece falar de todo mundo e ninguém ao mesmo tempo. O significado não é fixado no significante, ou melhor, ele é constantemente ressignificado. Vale também a pena lembrar que ***João*** é o nome do próprio autor. Entretanto, ele mesmo já notificou que suas obras ficcionais não são autobiografias. João é e não é o autor. Nas próprias palavras de João Gilberto Noll: "Ele pode até vir da minha natureza, *mas é um segundo personagem que não da minha cidadania exercida no dia a dia social*".[2]

2 Disponível em http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,joao-gilberto-noll-fala-de-imprecisoes-em-solidao-continental,927367. Acesso em 05/07/2014.

Talvez isso justifique mais adequadamente o tardar na revelação do nome do protagonista em várias de suas obras, não apenas em *Solidão Continental* (2012). Essas demoras são comumente marcadas em sua tradição autoral, haja vista o nome do narrador autodiegético do romance *Acenos e Afagos* (2006). o qual somente é revelado aos leitores na página 154 (o romance tem 206 páginas). O narrador parece sentir dificuldade ou, pelo menos, sentir-se inconfortável em se autodenominar como, por exemplo, ocorre em *A Fúria do Corpo* (1981). Logo no introito, Noll introduz a voz narrativa, ou melhor, não a introduz:

> O meu nome não. Vivo nas ruas de um tempo em que dar nome é fornecer suspeita. A quem? Não me queira ingênuo: nome de ninguém não. Me chame como quiser, fui consagrado a João Evangelista, não que o meu nome seja João, absolutamente, não sei de quando nasci, nada, mas se quiser o meu nome busque na lembrança o que de mais *instável* lhe ocorrer. (NOLL, 1981, p. 9).

E por que isto ocorre? Há várias possíveis explicações, umas já indicadas aqui *a priori*. De todo jeito, por se tratar de uma leitura pós-moderna, uma das mais plausíveis se relaciona à incompletude do ser ficcional nolliano. Noll parece não ter intenção alguma de criar liames explícitos, de aprisionar seus personagens com correntes identitárias, em categorias sexuais fixas.

Ao fazer isso, ele acaba por tecer um ambiente móvel, efêmero e indefinido. Muitas vezes, os espaços até são nominados em *Solidão Continental* (2012), mas pela destreza do narrador, permanecem inidentificáveis, brumosos como se verifica com a capital do estado de Rio Grande do Sul, Porto Alegre, no Brasil, que angaria outra configuração diferente da esperada de uma cidade brasileira (festiva, alegre e acolhedora, para exemplificar com alguns poucos adjetivos). A *Porto Alegre de Solidão Continental* (2012) é uma cidade passageira, melancólica e inóspita. Ambiente propício para os andarilhos, os peregrinos, os ungidos, os messias, dentre outros seres em trânsito. Esse narrador consegue transformar essa cidade em um ***não-lugar.***

O termo ***não-lugar*** é um importante operador para se compreender a literatura contemporânea, não somente pós-moderna. Os chamados Estudos Culturais vêm utilizando prolificamente tal recurso, além das pesquisas de foco analítico-discursivas. Segundo Marcos Aurélio dos Santos Souza (2005), a dispersão permite entender melhor a questão do entre-lugar, pois é um espaço sem fixidez. Na verdade, ele é um espaço de possibilidade estratégica que permite a ativação de termos incompatíveis ou em situações distintas, ou seja, possui uma característica transformativa e modificadora.

Segundo Marc Augé (2005), todo lugar considerado passageiro é um tipo de ***não-lugar***. Por exemplo, uma rodoviária municipal ou um banheiro público. No caso do primeiro exemplo, considera-se um não-lugar exatamente por não ser um espaço de fixação ou moradia, mas um espaço transitório. As pessoas chegam a esse local a fim de se dirigirem a outro, ou seja, ele nunca é o ponto final de destino. Já no caso do segundo exemplo, qualquer banheiro público é um espaço utilitário e público, isto é, ele tem uma função de

uso geral específica e assim que esse uso é completado, não há mais motivos para a permanência de seu usuário neste local.

Veja-se o primeiro não-lugar formatado na cidade de Chicago, nos Estados Unidos, pelo narrador no "capítulo um" do romance *Solidão Continental* (2012): um hotel. Para Augé (2005), um hotel é também um não-lugar por ser um espaço de consumo e, também, por ser empírico. A princípio, ninguém habita esse espaço, as pessoas apenas coexistem nele. É uma relação sempre contratual, com uma finalidade específica e efêmera. A permanência neste ambiente é sempre passageira e solitária, isto é, nenhum hotel é um ponto final de destino. Além disso, ele é também um espaço utilitário e público. Na lógica, qualquer um com recursos financeiros pode usufruir de suas dependências.

Em *Solidão Continental* (2012), o narrador intensifica a ideia de transitoriedade do não-lugar *hotel* por meio de vários recursos de construção textual. O primeiro, e um dos mais chamativos, é a intercalação entre o nome atual desse hotel (Allegro) e seu nome anterior (Bismarck): "Eu estava à mercê daquele homem da recepção do Bismarck ou do Allegro ou que nome tivesse aquele hotel de uma tarde fria de Chicago (...)". (NOLL, 2012, p. 13)

O narrador não deixa o leitor se esquecer de que o hotel onde se encontra o protagonista neste momento da narrativa já recebeu um nome diferente no passado. O próprio protagonista, João Bastos, corrobora a intercalação do narrador ao encetar um diálogo com o recepcionista do hotel a respeito do nome prévio desse estabelecimento. Esse diálogo se torna tão emaranhado, intricado que o recepcionista começa a se confundir de sua própria localização.

O narrador concede poucas características acerca desse hotel. Sabemos, por exemplo, que ele parece ter recebido algumas reformas, mas não sabemos onde. Na verdade, pelas próprias palavras do narrador, tais reformas são praticamente invisíveis aos olhos desatentos. É como se o hotel não tivesse mudado, entretanto, ele parece ter mudado, como fica inferido pelo próprio narrador. Em suma, esse hotel parece ter sofrido reformas e então recebido um novo nome (Allegro), não obstante, nenhuma das hipóteses acima é confirmada pelo narrador como se pode atestar a seguir:

> E este hotel, sim, assomava à minha frente, o que me fazia atravessar a rua esfregando as mãos para aquecê-las pelo tanto que eu precisaria delas como uma rima diante do potencial daquela tarde, sim, pois era o hotel em que me hospedara havia vinte e poucos anos, mas ele não tinha mais o nome de Bismarck como eu o conhecera mais precisamente havia vinte e oito anos, o hotel agora chamava-se Allegro. Parecia porém o mesmo em tudo, se sofrera uma ou outra reforma nada era visível, espiei para dentro, na escadaria que levava aos elevadores o mesmo tapete vermelho com alguns florões amarelos. (NOLL, 2012, p. 11)

Outro recurso literário de extrema importância para se compreender mais profundamente a narrativa de *Solidão Continental* (2012) e das próprias vicissitudes do

protagonista e do espaço é o tempo. A construção do tempo auxilia a corroborar a ideia de transitoriedade e indeterminação tanto da caracterização de João Bastos quanto dos diversos não-lugares dos inúmeros capítulos sem nomeação.

O narrador comenta que o protagonista estivera nesse hotel há cerca de *vinte e poucos anos*, ou seja, um tempo indeterminado, depois ele acaba pontuando esse tempo ao falar que *havia vinte e oito anos* desde a última visita do protagonista a esse hotel. É difícil para o leitor nolliano acreditar nas informações dadas, pois em um primeiro momento, elas são construídas de uma forma, para depois serem desconstruídas. O narrador de *Solidão Continental* (2012) não apresenta confiabilidade. Grande parte do que ele descreve, a princípio, até com certa exatidão, ele logo "des-descreve" ou vice-versa. Ele pode descrever sem grande clareza e, mais tarde, fornecer ao seu leitor detalhes inesperados como é o caso do trecho abaixo:

> (...) respirei fundo e trouxe à tona um nome de quatro letras chamado João sem saber com convicção se aquele de fato era o meu nome mas era, não havia outro João, repeti, e ela queria saber o nome completo, o sobrenome também, e eu respondo que assim é demais, que eu só tenho esse, nenhum mais, e ela se mostra meio impaciente e pede que eu durma, que ela vai me sedar mais. E antes que ela aplicasse em mim mais sedativos eu digo ó, é João...João Bastos. (NOLL, 2012, p. 89).

O protagonista, João Bastos, inicia o trecho acima com uma clara hesitação: *respirei fundo*, demonstrando que está pensativo e sem muita vontade de responder à médica a seguinte pergunta: Qual é o seu nome? Depois de muito hesitar, ele solta o nome próprio *João*. A médica requer seu nome completo. João volta a hesitar e só depois da médica avisar que irá sedá-lo, ele decide falar seu nome completo: João Bastos. Uma das partes mais instigantes dessa passagem é perceber como o narrador autodiegético constrói a exposição da nomeação de João e depois deixa o leitor na dúvida em saber se João é seu nome mesmo: (...) "*sem saber com convicção se aquele de fato era o meu nome mas era, não havia outro João*". (NOLL, 2012, p. 89). O narrador "desafirma" para logo após afirmar, deixando assim o leitor com dúvidas da veracidade da informação compartilhada.

Depois de Chicago, o protagonista passa pela Cidade do México até chegar a Porto Alegre. Em geral, o protagonista viaja de um ponto a outro de avião, demonstrando assim o quão veloz é sua mudança de espaço. Tal mudança simboliza a volatilidade de seus desejos sexuais. Entretanto, o interessante de se perceber aqui é que o narrador, em algumas passagens do romance, não faz uma transição exata do protagonista de um lugar para o outro, ele apenas o localiza em um certo espaço. Essas mudanças bruscas deixam o próprio protagonista em constante dúvida de sua localização, além de desacelerarem o desenrolar da narrativa: "Subindo a escada para sair da água não tive dúvida: estava em algum lugar chamado Miami". (NOLL, 2012, p. 23) Tal espaço não é confirmado pelo narrador.

No meio do caminho, ele também atravessa diversos lugares bem fantasiosos, de difícil distinção ou delineamento. Na verdade, as próprias cidades aqui mencionadas são de difícil identificação, pois embora Noll presenteie seus leitores com esses nomes próprios (Chicago, Cidade do México e Porto Alegre), eles não conseguem distinguir muito bem uma da outra. As suas caracterizações são dispersas, confusas e sem fixidez.

Além disso, o autor ainda quebra o horizonte de expectativas de seus leitores ao descrevê-los diferentemente do esperado. A Chicago de Noll é uma cidade sem grandes atrativos, a Cidade do México é um ambiente desértico e Porto Alegre é, como já indicado anteriormente, melancólica e inóspita. Entretanto, todas possuem uma característica comum: a transitoriedade. O protagonista não consegue se fixar em nenhum desses ambientes e se sente forçado a seguir viagem sem direção clara. É uma viagem rizomática, e por ser como tal, cheia de possibilidades também.

Na Cidade do México, o protagonista se dirige a um museu, outro não-lugar de consumo. Esse museu se chama Museu Trotski. Embora seja um lugar de grande circulação, segundo o narrador, ele não tem uma alma viva. Apenas um homem que parece ser o jardineiro do local. Neste momento da narrativa, o narrador vai paulatinamente apresentando ao leitor uma descrição espacial repleta de oposições.

Primeiro, ele constata a presença do sol: "Fazia sol. Mas o pátio se apresentava sombrio". (NOLL, 2012, p. 39), na passagem dada o narrador contrapõe claro/escuro. Embora ele se refira a um espaço, na lógica, de grande circulação (museu), seu banheiro, escritório e cozinha apresentam grande concentração de bolor: "O bolor do resto, banheiro, escritório e cozinha, avivou minha renite e eu precisei sair e sentar no jardim ao lado de onde jaziam as cinzas de um homem e da sua mulher" (NOLL, 2012, p. 39). É como se ele não recebesse visitação há anos. Há cinzas por toda a parte, indicando a transição de um estado outrora agitado, para um estado de aparente inação. Há até a presença das cinzas mortais de um homem e sua mulher, indicando que esse espaço está mais para um cemitério do que para um museu propriamente dito. Mesmo sem calor, na verdade bem frio, (de ambiência álgida, palavras do narrador) já que o pátio parece não receber a luz solar, o protagonista começa a suar fortemente: "É que mesmo sem calor, eu dera para suar na Cidade de México (...)". (NOLL, 2012, p. 40).

As oposições textuais não são um recurso utilizado apenas para edificar narrativamente a Cidade do México. A cidade natal do protagonista, Porto Alegre, é também edificada semelhantemente. Sua Porto Alegre é apresentada ao leitor como sendo um espaço melancólico, quase triste. O protagonista diz não encontrar ninguém em suas ruas ermas e também inóspitas.. Ele parece não reconhecer sua cidade de origem, embora compartilhe com o leitor seus hábitos quando no local como, por exemplo, um café onde ele sempre pede um expresso e sua ida ao cinema.

A memória para o narrador nolliano parece ter, dentre várias funções, a função de válvula de escape. Quando o protagonista não se reconhece ou não reconhece um

espaço de sua convivência, ele traz à tona memórias afetuosas a fim de não se sentir tão deslocado. Não obstante, tal sentimento de pertencimento ou similitude não se sustenta por muito tempo e ele logo se vê solitário ou, até mesmo, excluído.

Vale a pena comentar que *Solidão Continental* (2012) não é um romance de viagens clássico, em que o cerne narrativo se dá primordialmente na experiência da viagem. O mais importante desse romance talvez seja a relação de seu protagonista com as personagens deuteragonistas, além da emoção e das barreiras emotivas enfrentadas primordialmente pelo narrador.

Em uma narrativa de viagem clássica, o protagonista se vê como herói da narrativa e vai ao encontro com o desconhecido e, por consequência, tal desconhecido impõe à personagem provas de coragem, força, conhecimento, etc. No final, os sacrifícios são recompensados, pois esse protagonista também evolui como humano, realizando uma trajetória heroica. A busca simbólica que a viagem representa pode ser compreendida como um tema universal, que dialoga com a própria vida (SCHRAMMEL, 2009, p. 15). No caso específico de *Solidão Continental* (2012), primeiro, o protagonista não se vê como herói da narrativa, na verdade, ele se visualiza como um andarilho sem rumo: "Aqui ou ali eu me adiantava meio à cata de uma clara finalidade" (NOLL, 2012, p. 10). Segundo, ele não apresenta uma busca simbólica, pois ele não sabe para onde está indo. E terceiro: não há exatamente provas de coragem ou força, há encontro (muitos sexuais) sem grandes ganhos ou perdas. Ele não se vê um personagem melhor no fim desses encontros.

No caso específico do tempo narrativo, o passado encontra o presente ou o presente nunca esquece o passado. É um tempo anacrônico (também denominado atemporal ou gnômico). Segundo Nunes (1988):

> Quando o pacto entre o autor e o leitor não comporta a crença de que acontecimentos narrados pertencem ao passado da voz que os enuncia, seja porque ela foi elidida ou silenciada, seja porque o narrador abstrai a diferença entre o presente e passado, temos o caso dos textos anacrônicos, neutros no plano do tempo imaginário. (NUNES, 1988, p. 41)

Ao trocar constantemente o nome do hotel, o narrador não está tratando fragmentariamente somente do espaço narrativo, ele também está tratando fragmentariamente do tempo narrativo. Conforme Nunes (1988), se o pacto entre o autor e o leitor é quebrado, o leitor não consegue visualizar claramente, ou melhor, distinguir explicitamente o presente do passado. Devido a isso, o passado nolliano é constantemente presentificado. O tempo presente parece ocorrer concomitantemente com o tempo passado, passado esse desconhecido ou, nas palavras do próprio narrador, envergonhado: "(...), pareceu-me que tinha se contagiado pela fidelidade de minha lembrança e que agora se envergonhava por não poder oferecer o frêmito quase em vias de me invadir ali" (NOLL, 2012, p. 12).

Como se nota, a configuração temporal nolliana é um recurso literário tão importante quanto a sua configuração espacial. E ambas as configurações são utilizadas com o intuito de reforçar a incomunicabilidade entre o narrador autodiegético e as personagens deuteragonistas. João Bastos, na posição apenas de narrador, descreve a seus leitores tanto um espaço quanto um tempo totalmente incerto: o protagonista, Bill e o funcionário se encontram em qual hotel: Allegro ou Bismarck? Onde exatamente se passa esse encontro? Quando exatamente se passa esse encontro?

A narrativa é repleta de prolepses[3] e analepses[4] as quais se sobrepõem constantemente. O narrador avança e recua na narrativa inúmeras vezes. A frequência é tamanha que impossibilita seus leitores de delinearem tanto o tempo quanto o espaço nitidamente. Toda essa imprecisão enfraquece as tentativas de estabelecer laços afetivos e sexuais. Ela também esmaece as falas do protagonista que não consegue revelar seus reais motivos de estar em (in) determinado lugar, muito menos suas aspirações e atrações sexuais.

Por exemplo, no primeiro capítulo, o protagonista João afirma: “Eu me dirigira ao Bismarck hoje Allegro à procura da lembrança de Bill” (NOLL, 2012, p. 14). Na página seguinte, o protagonista rememora sua vivência de 28 anos atrás com sua ex-esposa, Elvira: “(...) ela vinha ao hotel onde eu me hospedara provisoriamente” (NOLL, 2012, p. 15). Na outra página, ele retorna ao “presente” para descrever o céu de Chicago de forma brumosa: “(...) o céu cinza preparando-se pelo jeito para uma nevasca” (NOLL, 2012, p. 16). Tendo feito isso, ele volta ao “passado” para compartilhar com seus leitores memórias de sua época de abstenção sexual e, logo em seguida, ele retorna ao “presente” a fim de falar sobre o Bill e o hotel vagamente, ou melhor, fragmentariamente.

O narrador avança e recua rizomaticamente sem, muitas vezes, avisar, ou melhor, alertar o leitor de suas mudanças temporais. O eixo sintagmático dessa passagem é construído em pedaços, em cortes, cheios de desvãos e silêncios. O leitor conhece pouco sobre Bill, Elvira, o hotel (ou os hotéis) e sobre o próprio protagonista. Todas as informações expostas são incertas e inconsistentes. Um leitor desatento pode se perder facilmente na tessitura literária nolliana.

Outro dado relevante a se perceber nos fragmentos textuais acima é o uso do vocabulário no eixo paradigmático. Por quais motivos o narrador opta constantemente por semas nebulosos? Por que ele utiliza corriqueiramente vocábulos tais como *lembrança*, *provisório*, *cinza* e *nevasca*? A escolha lexical tem função de extrema importância para a construção narrativa de Noll, já que o narrador João Bastos se usufrui continuamente de palavras bem escolhidas a fim de reforçar caracterizações transitórias, rizomáticas e fragmentárias a respeito da diegese.

---

3 É a técnica narrativa que consiste na antecipação de um evento acontecido mais tarde na história. (REIS & LOPES, 1988, p. 229)

4 É a técnica narrativa que consiste em relatar acontecimentos anteriores ao tempo presente da história. (REIS & LOPES, 1988, p. 230)

Tais adjetivos podem também ser atestados para identificar o tipo de narrador elaborado por Noll. João, na posição singular de narrador, não seria um narrador onisciente (ou focalização zero/ ou não focalizado à Genette (REIS&LOPES, 1988, p. 255)) porquanto ele não consegue adentrar no interior das mentes das personagens deuteragonistas. Tom é um bom exemplo. Ele nunca sabe exatamente quais são seus pensamentos: “Ele olha o vazio em frente, me conta que é mórmon, que havia ido para a Guerra do Iraque” (NOLL, 2012, p. 25) ou atrações sexuais: “Talvez fizesse parte da confraria dos *ursos*, grupo cortejado pela comunidade gay. Mas ele não fazia parte da comunidade gay, ele voltaria para casa logo mais e esconderia da mulher o fato de ter detestado a sopa (...)” (NOLL, 2012, p. 27).

O mesmo ocorre com outro personagem deuteragonista chamado Frederico Drago em capítulos futuros. O narrador apenas consegue supor os pensamentos de Frederico Drago, demonstrando não ter acesso claro a eles. Por ser um narrador autodiegético, o narrador tem acesso aos pensamentos e vontades do protagonista, já que eles são o mesmo ser ficcional. É claro que há momentos narrativos mais bem distintos e momentos bem menos distintos para se atestar o narrador na função apenas de narrador ou apenas na função de protagonista. Entretanto, há duas características relevantes na sua constituição: ele não é confiável e parece ter acesso restrito à história.

Tais características influenciam diretamente tanto a edificação da história quanto a atualização de sua leitura. Se o leitor se depara com um narrador sem confiabilidade, a história por sua vez é vista da mesma forma, ou seja, sem confiabilidade. Essa inconfiabilidade é reforçada pelo pouco acesso do narrador à mente dos outros personagens. O leitor só tem impressões, nuances e silêncios da história total, portanto, ele só tem contato com partes da história, em outras palavras, contato com fragmentos.

Isso também influencia diretamente as atitudes do protagonista que são, na sua maioria, incertos, receosos e suspeitos. Retornando a Frederico Drago, ao expor sua atração sexual por ele, o protagonista comenta o seguinte: “Tinha medo de que ele oferecesse alguma resistência ou para eu abraçá-lo ou para escutá-lo com uma atenção para ele indevida ou para lhe falar de sentimentos (...)” (NOLL, 2012, p. 92). A exemplificação do medo do protagonista é nítida nessa passagem, tanto que o narrador utiliza a palavra ***medo*** para explicitar o estado de ânimo do protagonista. Outro ponto importante de se perceber é a opção pelo pretérito imperfeito ***tinha*** para explicitar esse medo. Dentre as várias funções, esse tempo verbal é utilizado para exprimir um estado ou uma propriedade que começa no passado e que ainda se verifica no tempo a que o Imperfeito se refere. Isso talvez indique que, ao optar por tal tempo, o narrador infere que esse estado de incertezas e medos é uma característica constante de seu protagonista. Portanto, ele é um protagonista preso em seus próprios sentimentos e achismos.

De fato, João parece ser um narrador preso em seus (pre) conceitos em relação a si mesmo e aos outros, sempre imerso em seus pensamentos mais íntimos. Sobre si mesmo,

o narrador expõe nitidamente seus preconceitos, anseios e medos. Todos reforçados primordialmente no eixo paradigmático como verificado nas passagens acerca dos personagens deuteragonistas Tom e Frederico Drago: *mórmon*, *urso*, *resistência*, *indevida* e o próprio sema *medo*. No eixo sintagmático, o narrador caracteriza os personagens de forma nebulosa e paradoxal. No primeiro sintagma verbal, Tom parece fazer parte da comunidade ursina[5], no segundo, ele já não faz mais parte, para no último, ele aparentar corroborar sua heteronormatividade.

Essa impossibilidade de exibir claramente os pensamentos, tanto de si como protagonista quanto das personagens deuteragonistas, reforça a fragmentação ontológica do narrador João Bastos. Por conseguinte, tal reforço também fortalece a complexidade representativa das atrações sexuais do protagonista e das personagens que o circundam. Elas são personagens complexas e instigantes. Nas palavras de Antonio Candido (1976), citando diretamente E. M. Forster, os seres ficcionais nollianos (*homo fictus* para E. M. Forster) são personagens esféricas na medida em que:

> As "personagens esféricas" não são claramente definidas por Forster, mas concluímos que as suas características se reduzem essencialmente ao fato de terem três, e não duas dimensões; de serem, portanto, organizadas com maior complexidade e, em consequência, capazes de nos surpreender. "A prova de uma personagem esférica é a sua capacidade de nos surpreender de maneira convincente. Se nunca surpreende, é plana. Se não convence, é plana com pretensão a esférica. Ela traz em si a imprevisibilidade da vida – traz a vida dentro das páginas de um livro" (Ob. Cit., p. 75). Decorre que "as personagens planas não constituem, em si, realizações tão altas quanto as esféricas, e que rendem mais quando cômicas. Uma personagem plana séria ou trágica arrisca tornar-se aborrecida" (Ob. Cit, p. 70). (CANDIDO, 1976, p. 63)

Segundo o excerto acima, pode-se atestar que as personagens esféricas são personagens imprevisíveis, complexos e de grande densidade psicológica. Por exemplo, no início da obra *Solidão Continental* (2012), o narrador autodiegético, João Bastos, aparenta retornar a este hotel transitório, depois de vinte e oito anos, com o intuito ardoroso de reencontrar seu amor (ou talvez o grande amor de sua vida), o americano Bill Stevens. Isso tudo após um longo período de abstenção sexual. Entretanto, essa ideia é rapidamente desfeita pelo mesmo narrador quando este descreve tal relacionamento não mais como amoroso, mais como passional, ou melhor, passional pelo passional. Portanto, é a paixão pelo sentir, pelo praticar e pelo executar a paixão presente em seus pensamentos mais íntimos. Sendo assim, por meio dessa construção textual, o narrador afasta o protagonista de Bill Stevens e o aproxima da paixão pelo sentimento paixão em si.

Todo esse dançar com os sememas e construções frásicas é utilizado para criar uma atmosfera de incerteza, de suspeita e descrença frente aos olhos dos leitores nollianos. O narrador de *Solidão Continental* (2012) revela segredos do protagonista em um primeiro

5 A comunidade ursina é uma subcultura da comunidade gay masculina com eventos, códigos e identidade específica. Eles tendem a ter o corpo peludo e barba, reforçando seus traços masculinos.

momento a fim de desmistificá-los posteriormente, chegando a não ser mais vistos como segredos por seus leitores linhas, até mesmo palavras subsequentes do mesmo parágrafo. João Bastos ama o Bill Stevens ou ele ama o amar o Bill Stevens? Esse amor floresce devido à abstinência sexual enfrentada pelo protagonista ou esse amor transcende as barreiras da atração sexual? É uma narrativa de constantes jogos de poder, lutas identitárias e atritos dos mais diversos.

De fato, os atritos são usuais em *Solidão Continental* (2012), principalmente entre o narrador autodiegético e os personagens circundantes. E o narrador é, na posição de protagonista, um ex-cêntrico como descrito por Linda Hutcheon em *Poética do pós-modernismo: história, teoria e ficção* (1991), já que ele é inevitavelmente identificado com o centro ao qual aspira, mas que lhe é negado.

Embora ele almeje constantemente realizar seus desejos homoeróticos com Bill, Tom, Rogério, e Frederico Drago, ele não o faz. Na maioria das vezes, eles permanecem presos a sua imaginação. As relações heterossexuais são consubstanciadas mais frequentemente haja vista as passagens sexuais descritas com Elvira, Mira em sua forma aparentemente mais feminina, ou mesmo nas insinuações de concretização sexual com Daiene no final dessa obra.

Essa atitude parece ser recorrente nos ditames do narrador João Bastos. Como já visto anteriormente, ele aparenta edificar tais ideias com a principal finalidade de destruição, quer dizer, ele constrói para desconstruir. Tal recurso é corroborado pela linguagem impressa na diegese assim como pelas próprias construções sintáticas auxiliadoras da edificação e da demolição conteudística. Isso tudo acaba por tornar a leitura bem mais complicada e labiríntica, além de criar um narrador intensamente perturbado e sem confiabilidade.

Vale a pena lembrar aqui que tal atitude incerta do narrador frente ao conteúdo a ser narrado não é um recurso totalmente inovador dentro do campo literário. Grandes nomes da literatura brasileira já usaram de tal recurso estilístico a fim de elaborar mais profundamente seu narrador tal como Clarice Lispector, Machado de Assis, Graciliano Ramos, entre muitos outros.

O leitor nolliano não consegue confiar veementemente nos discursos proferidos por esse narrador autodiegético. Isso ocorre, dentre vários motivos, por ele ser o relator de suas próprias experiências como personagem central da história (REIS & LOPES, 1988). Além disso, há outra atitude de João Bastos que se demonstra recorrente quando em posição de narrador: ele descreve o protagonista constantemente como sendo o outro, raramente ele mesmo. Na verdade, o leitor dessa obra chega ao fim dela sem saber exatamente quem é o protagonista e quais são suas intenções, atitudes e desejos sexuais reais:

> Cheguei a me perguntar se não haveria de fato uma terceira pessoa que eu, vivendo a alegria difusa por estar com Frederico naquela situação que não a do meu triste estado no hospital, sim ..., cheguei a me perguntar se não haveria uma terceira pessoa que eu nem conseguiria notar. Eu vivia entre fantasmas, pensei, e dessas companhias etéreas eu não queria me apartar (NOLL, 2012, p. 95).

Por meio do trecho acima, verifica-se que a ideia de transitoriedade ontológica do protagonista se dá principalmente com a volubilidade das pessoas gramaticais. Ele inicia esse trecho na primeira pessoa para falar de si mesmo na terceira pessoa, indicando assim João Bastos na posição de narrador falando de João Bastos protagonista.

É interessante notar que ambas as pessoas gramaticais são descritas fragmentariamente, ou seja, a primeira pessoa não é a terceira assim como a terceira também não é a primeira. Entretanto, o leitor nolliano sabe que se trata de um narrador autodiegético, logo, ele é a mesma pessoa. Isso ocorre, pois só há traços, ou melhor, suposições das categorizações do protagonista na posição de personagem. Elas (as pessoas gramaticais) são a mesma pessoa e pessoas distintas ao mesmo tempo. E é exatamente tal configuração que as caracteriza como sendo um possível terceiro personagem, quiçá, até mesmo deuteragonista.

Tudo isso é apenas inferido, o leitor nolliano (mesmo o mais atento) nunca conseguirá distinguir nitidamente (e a todo o tempo) o narrador do protagonista. Como também já indicado anteriormente, há passagens que tal distinção é mais nítida do que em outras. Entretanto, na maioria das vezes, tal distinção tende ao impossível.

Essa incompletude caracterizadora é também aplicada a vários personagens deuteragonistas. Veja o personagem Frederico Drago. Ele é descrito como um personagem de descendência italiana em um primeiro momento da narrativa para depois o leitor descobrir que ele aparenta ser mais brasileiro do que o próprio protagonista. Ele aparenta não falar português, por isso contrata os serviços professorais do protagonista, entretanto, logo em seguida, ele já está falando português fluentemente. Os personagens (inclusive o protagonista) são recorrentemente descritos em nuances e silêncios narrativos; qualquer definibilidade de caracterização encontrada em uma linha é rapidamente desfeita em linhas posteriores, corroborando assim com a ideia de que o narrador de *Solidão Continental* (2012). parece caracterizar seus personagens a fim de poder descaracterizá-los quase que instantaneamente.

Antonio Candido (1976) atesta que “O enredo existe através das personagens; as personagens vivem no enredo”. Isso aparenta ser bem nítido em *Solidão Continental* (2012). Os personagens vivem intensamente dentro do enredo, embora pouca ação narrativa seja identificada nesse enredo. A movimentação do enredo se dá primordialmente por meio das viagens do protagonista e pelos seus encontros sexuais. Entretanto, a configuração das personagens *Solidão Continental* (2012) não aparenta apresentar a mesma nitidez da afirmação acima. Tal “brumosidade” é também compreendida por Candido (1976):

> Nas obras de uns e outros, a dificuldade em descobrir a coerência e a unidade dos seres vem refletida, de maneira por vezes trágica, sob a forma de incomunicabilidade nas relações. É este talvez o nascedouro, em literatura, das noções de verdade plural (Pirandello), de absurdo (Kafka), de ato gratuito (Gide), de sucessão de modos de ser no tempo (Proust), de infinitude do mundo interior (Joyce). (CANDIDO, 1976, p. 57).

Os personagens nollianos parecem possuir um pouco de cada um dos elementos indicados por Candido (1974) acerca dos grandes nomes da literatura ocidental. A incomunicabilidade das relações é, quiçá, uma das mais claras nas obras de Noll, principalmente em *Solidão Continental* (2012). Embora João Bastos retorne ao hotel para reconectar suas ligações com Bill, isso não acontece. Ele se sente um desajustado frente ao seu amado. Tal desajuste é corroborado pelo ambiente obscuro e transitório descrito pelo narrador.

Neste momento é importante distinguir cena do cenário. Segundo Moisés (2012), cena é "um momento da ação global da narrativa, que transcorre numa fração de tempo e num espaço determinado" (MOISÉS, 2012, p. 398) enquanto cenário "diz respeito ao espaço narrativo em geral, designadamente formado pelos objetos, além das personagens centrais e figurantes" (MOISÉS, 2012, p. 399). Essa distinção é relevante para se apreender melhor a tecelagem narrativa de *Solidão Continental* (2012), pois diferentemente do que ocorre no teatro, o narrador tende a fragmentar as passagens em cenas não sucessivas, mas intercaladas e/ou justapostas. Tal intercalação ou justaposição reforça a ideia de indefinição sexual tanto do protagonista quanto das personagens deuteragonistas. Não se dá para provar efetivamente quem é quem e, quem tem desejo por quem.

Por sua vez, "o cenário exibe relevância psicológica na razão direta das personagens que habitam um determinado espaço, graças à interação de uns e de outras." (MOISÉS, 2012, p. 399) Sendo assim, a localização desses personagens em um *não-lugar* (hotel) parece facilitar a transitoriedade ontológica de seus seres assim como suas atrações sexuais rizomáticas. Elas podem ser consideradas rizomáticas por não apresentarem uma direção certa e serem identificadas em meio a um emaranhado de possibilidades sexuais.

Essas características são corroboradas pela utilização do narrador do tempo atemporal. É só por meio da configuração desse tempo que o narrador consegue colocar na mesma cena e cenário o Bill Stevens velho com o Bill Stevens jovem. Toda essa volubilidade ou multifaces do personagem Bill Stevens pode ser compreendida como um tipo de repúdio a qualquer categorização sexual pelo viés pomossexual, pois, como visto até aqui, sua caracterização é transitória, rizomática e fragmentária. Entretanto, o mais instigante aqui é perceber como esse narrador vai edificando uma narrativa de forma que a sexualidade, principalmente do protagonista João Bastos, vai aos poucos rompendo com binarismos (heterossexual/homossexual, homem/mulher, masculinidade/feminilidade etc.) considerados aprioristicamente totalizantes e universais.

A INDEFINIÇÃO COMO CARACTERIZAÇÃO DA SEXUALIDADE

Segundo Butler (1998), o papel do gênero seria produzir a falsa noção de estabilidade, em que a matriz heterossexual estaria assegurada por dois sexos fixos e coerentes, os quais se opõem como todas as oposições binárias do pensamento ocidental:

macho x fêmea, homem x mulher, masculino x feminino, pênis x vagina, etc. É todo um discurso que leva à manutenção da tal ordem compulsória. Isso nos deixa com a seguinte pergunta: E como se daria essa manutenção? Pela repetição de atos, gestos e signos, do âmbito cultural, que reforçariam a construção dos corpos masculinos e femininos tais como nós os vemos atualmente. Trata-se, portanto, de uma questão de ***performatividade***. Para Butler (1998), gênero é um ato intencional, um gesto performativo que produz significados.

O protagonista de *Solidão Continental* (2012), João Bastos, quebra como essa ordem compulsória ao apresentar diferentes tipos de atrações sexuais. Dependendo da passagem do enredo, ele se comporta hétero, homo, bissexualmente ou, até mesmo, sexualmente indefinido. Conquanto, na maioria das vezes, suas sexualidades se sobrepõem, tornando-se muito difícil suas delimitações. Isso ocorre, pois João não é caracterizado como sendo um narrador autodiegético fechado, mas aberto. Ele não é estagnado, mas transitório. Suas vontades sexuais não são claras, mas rizomáticas. Sua constituição ontológica não é monolítica, mas fragmentária. Portanto, ele não é um ser só, mas vários em um. Por isso, compreender apenas uma faceta de sua sexualidade, é compreendê-lo parcialmente, deixando de lado toda a potencialidade analítica contida nesse romance de João Gilberto Noll.

Mesmo os signos linguísticos referentes aos órgãos sexuais dos personagens não são fixados. Verifica-se uma mesclagem de gêneros, ou melhor, dos órgãos sexuais. O mamilo do seio de Elvira se assemelha diretamente ao pênis de Bill, pelo menos nas sensações. Há, portanto, uma mescla de emoções provenientes das interligações sexuais estabelecidas, *a priori*, entre o protagonista e as personagens deuteragonistas de seu milieu social. O narrador nolliano parece reconfigurar as questões identitárias e de gênero. Tais reconfigurações acabam por corroborar novamente com as hipóteses sobre performatividade de gênero prognosticados por Judith Butler (1998) e outros pesquisadores das sexualidades humanas como, por exemplo, Michel Foucault (1993) e Eve K. Sedgwick (1990).

Vale a pena lembrar aqui que esses pesquisadores não falam em inexistência de gênero. Para Joana Pinto (2002), o gênero é um aspecto fundamental da marcação de identidades, visto que acaba por delinear, ou melhor, marcar os corpos. Em consonância com Pinto (2002), Rita Laura Segato (1998) também atesta os gêneros como um tipo de registro no qual todos os seres humanos se instalam ao nascer em uma grande trama de relações interpessoais. A própria antropóloga Butler (1998) questiona constantemente a existência ou não dos gêneros, além de refletir sobre a possibilidade da ausência deste frente ao sujeito pós-moderno.

O protagonista de *Solidão Continental* (2012) também parece indagar essas questões quando se vê ou vê algumas personagens deuteragonistas fragmentariamente. O mesmo campo de possibilidades é concedido ao leitor. Seu caminho desbravador se torna mais rico e plural. O mesmo pode ser aplicado aos capítulos, pois se há um narrador

repudiando as categorias sexuais vigentes, consciente ou inconscientemente, como seria possível prendê-lo em capítulos claramente inumerados ou nomeados?

Quando o narrador expõe os vários embates do protagonista em revelar seu nome, ou mesmo quando ele não enumera ou nomeia os capítulos, o narrador está questionando essas matrizes de poder. O mesmo ocorre ao trazer à tona as diferentes sexualidades desse protagonista ou quando ele caracteriza seres ambiguamente sexuais. Embora necessários, como atesta o próprio protagonista, os nomes, a seu ver, são amarras que aprisionam os objetos. Sem nomes ou categorizações sexuais fixas e estagnadas, tanto o protagonista quanto as personagens deuteragonistas apresentam uma liberdade maior de caracterização por parte do narrador. Suas vontades sexuais podem fluir mais livre e espontaneamente.

Esse repúdio à restrição sexual questiona diretamente as matrizes de poder indicadas por Butler (1998), matrizes essas muito bem definidas (heteronormativa, eurocêntrica e falocêntrica): Sendo os gêneros instituídos numa matriz de poder (...) então ficam excluídos, a rigor, os seres abjetos, "aqueles que não são ainda "sujeitos", mas que formam o exterior constitutivo do domínio do sujeito" (BUTLER, 1998). Aqueles cujas sexualidades não se comprazem com as matrizes de poder são marginalizados e repudiados por seus controladores.

No caso de *Solidão Continental* (2012), o primeiro encontro físico é descrito de forma idílica, quimérica com um final fantasmagórico e fantástico. Ao encontrar o americano Bill Stevens no quarto do hotel (outrora Bismarck, atualmente Allegro), o protagonista, João Bastos, rememora experiências passadas e divaga vivamente as possíveis experiências a serem concretizadas. Tudo isso é edificado incompletamente, com traços opacos e adjetivos incertos. Esse hotel, sem aparentemente nome fixo, reflete diretamente a caracterização desse encontro pelo narrador que é descrito também de forma incompleta. (inclusive sexualmente).

Essa indefinição sexual pode ser verificada logo no introito do romance quando o protagonista, João Bastos, apresenta intenções de cunho homossexual perante algumas das personagens circundantes inseridas nesta parte do enredo. Tais relações são (ou não) consubstanciadas por meio do americano Bill Stevens e do recepcionista do hotel Allegro (outrora Bismarck). As relações homossexuais com Bill Stevens são um pouco mais bem delineadas em comparação direta com as relações projetadas frente ao recepcionista do hotel Allegro.

Isso talvez ocorra, pois Bill Stevens parece já ter mantido relações desse cunho com o protagonista anteriormente. Na verdade, o motivo da viagem de João Bastos à cidade de Chicago, nos Estados Unidos, é a de reencontrar esse americano que parece ter sido o grande amor de sua juventude. Entretanto, mesmo esse grande amor não é confirmado pelo narrador, apenas indicado. Já a relação do protagonista com o recepcionista é menos clara, pois a figurativização desse personagem é mesclada com a de Bill Stevens. Tal

mescla produz ao leitor nolliano uma caracterização ainda incerta, suspeita. E, no meio da narrativa, a distinção entre esses personagens se torna um ato difícil, quase impossível de ser realizada como se pode averiguar no trecho abaixo:

> Não fosse o barulho da descarga, poderia pensar que talvez o intermediário estivesse dramatizando um entreato entre a negociação entre nós dois, na portaria, e o momento em que ele mesmo entraria com seu próprio corpo para me satisfazer. Nesse entreato havia a criação de uma terceira pessoa que ele estava sabendo inventar para me conceder ainda mais cobiça carnal. (NOLL, 2012, p. 17)

Tudo isso acaba por aparentemente projetar a imagem de outro ser, de outro personagem sem nome e de contornos completamente incertos o que leva os leitores nollianos a levantar duas hipóteses: 1- Ele pode ser apenas outro personagem a entrar na narrativa ou, ainda, 2 - ele pode ser considerado a junção (ou o resultado da junção) de Bill Stevens e do recepcionista. É interessante notar que nenhuma dessas hipóteses são confirmadas pelo narrador.

Além disso, verifica-se que o narrador, em meio a todo um emaranhamento formal-conteudístico, traz à tona o casamento heterossexual (e também fracassado) do protagonista, tido há muitos anos atrás (há aparentemente mais de 20 anos de acordo com o narrador, embora o leitor não consiga precisar exatamente já que esse tempo é indeterminado pelo próprio narrador), com a personagem deuteragonista Elvira. Entretanto, não há um aprofundamento mais detalhado desse relacionamento, sendo apenas inferido rapidamente tanto o casamento quanto as relações sexuais em um momento singular da narrativa pelo narrador: "O meu casamento com Elvira se esfacelava a conta-gotas, eram telefonemas diários, ela vinha ao hotel onde eu me hospedara provisoriamente, (...)". (NOLL, 2012, p. 15)

Nessa primeira parte do livro ou "primeiro capítulo", (define-se parte aqui, pois o livro é segmentando, entretanto, como já tratado anteriormente, os capítulos não são nominados, nem inumerados), o protagonista, João Bastos, passa de homossexual para celibatário e, depois, de celibatário para heterossexual, retornando, no fim dessa primeira parte, as suas divagações homoeróticas. Ele trava uma batalha de "não-categorizações sexuais". Essas "não-categorizações sexuais" são intensificadas pelas "não-nomeações espaciais e temporais tecidas por um narrador hábil e ágil.

No âmbito sexual, tal recurso é utilizado corriqueiramente com o intuito de caracterizar seres ficcionais transitórios, rizomáticos e fragmentários sexualmente falando como se verifica na passagem a seguir de *Solidão Continental* (2012):

> O meu casamento com Elvira se esfacelava a conta-gotas, eram telefonemas diários, ela vinha ao hotel onde eu me hospedara provisoriamente, pegava a minha mão e a colocava sobre seu seio, enfiava-a pelo decote, pedia que eu pegasse o mamilo, o friccionasse um pouco, e eu o sentia exatamente como o pau de Bill, a mama se intumescia, não na mesma proporção, é claro, mas ela se avantajava um tanto a se corresponder com o meu afago bastante

> conduzido por Elvira, é verdade, ela abria a minha braguilha, aproximava os lábios do meu pau e vinha – o certo é que esse momentos acabavam estropiando a minha resolução de mudança de país rumo ao coração de Bill (NOLL, 2012, p. 16).

No caso do trecho acima, verifica-se bem a construção labiríntica nolliana. Através da utilização de vírgulas em sequência, Noll edifica um narrador perdido em suas próprias divagações. A primeira característica a ser percebida é a função estilística dessas vírgulas. Elas estão posicionadas em uma sequência ininterrupta com pausas em um tipo de cadência. Essa cadência (em ritmo acelerado) parece representar a respiração de dois corpos durante uma relação sexual.

Portanto, o posicionamento de tais vírgulas na passagem em destaque parece demonstrar que uma das intenções primordiais desse narrador é de recriar vivamente uma relação sexual do protagonista, João Bastos, tida com sua esposa, Elvira, em um hotel indistinto em um tempo indeterminado. Embora o ritmo seja acelerado, seu conteúdo é destruído pelas palavras do próprio narrador. Enquanto ele injeta ritmo intenso ao ato sexual, ele vai menosprezando a relação sexual descrita com a sua mulher, ao mesmo tempo em que, passo a passo, vai valorizando seu desejo sexual pelo americano Bill Stevens.

Um dos pontos mais instigantes dessa passagem é averiguar como a atração sexual de João Bastos é tecida pelo narrador de forma indeterminada por meio de constantes comparações traçadas entre sua esposa, Elvira, e seu objeto de afeição, Bill Stevens: "... pegava a minha mão, enfiava-a pelo decote, pedia que eu pegasse o mamilo, o friccionasse um pouco, e eu o sentia exatamente como o pau de Bill" (NOLL, 2012, p. 15).

Outro ponto primordial a ser notado do trecho dado é uma aparente predileção sexual do protagonista, João Bastos, por um personagem deuteragonista em detrimento do outro. Os atos sexuais não são descritos imparcialmente. Tal imparcialidade acaba por descartar uma possível pansexualidade do protagonista. Além disso, é também importante notar que as mudanças de focos sexuais ocorrem constantemente e de forma rizomática, ou seja, as predileções sexuais do protagonista de *Solidão Continental* (2012) parecem não serem regidas por uma categorização sexual única e estagnada que estabeleceria uma hierarquia discursiva.

Na verdade, suas predileções sexuais são mutáveis e inconstantes. Qualquer tentativa de centralização dessas predileções é quebrada pelo narrador na medida em que ele edifica sua narrativa sem começo ou fim. Os capítulos do romance em destaque não são nomeados, o protagonista demora a revelar seu nome. Os espaços são transitórios e o tempo é atemporal, mesclando constantemente passado e presente. Tudo isso reforça a ideia de predileções sexuais rizomáticas do protagonista, João Bastos. Assim como o conceito de rizoma proveniente da botânica, a estrutura rizomática na literatura é também sempre *concectável*. Por conseguinte, não se evidencia um eixo genealógico único, uma

genealogia definidora de uma origem, mas agenciamentos. Além da conexão entre a multiplicidade, que lhe é própria e em que se apresentam seus elementos, há uma segunda rede de conexão que é a dos agenciamentos da literatura e os da cultura, num movimento de contínuo deslocamento, incompletude e renovação.

O protagonista, João Bastos, está em constante movimento. Ele parece ser um ser deambulante, sempre caminhando sem direção preestabelecida ou mesmo sem objetivo de chegada. Suas predileções sexuais apenas corroboram seu estado transitório. Há encontros sexuais que são, por sua vez, opacos e confusos. Embora suas vontades sexuais vaguem a esmo, conexões são de fato estabelecidas. É difícil delimitar qual é a primeira vontade e qual é a última. Parece não haver lógica nem sequência para elas.

João Bastos, na posição de narrador, parece ser bem inconstante nas categorizações de si, como personagem. Conquanto, ele aparenta ser ainda mais inconstante nas categorizações das personagens circundantes. Através de diversas prolepses, ele configura a personagem Bill Stevens de pelo menos quatro maneiras distintas. Primeiro como o seu grande amor envelhecido. Essa configuração é intercalada com suas reminiscências dessa personagem em sua juventude. Juventude essa constantemente presentificada.

Ambas as categorizações são obscurecidas por interferências do empregado do hotel que se confunde, em várias passagens, com o próprio Bill Stevens ou, ao menos, com a atração sexual de João Bastos. Essa obscuridade se torna mais brumosa e intrincada quando o narrador, por meio de outra prolepse, nos introduz a possibilidade de outro ser ficcional cuja existência é passageira, pois ele seria edificado com o intuito único de atiçar a volúpia do protagonista: “(...), e no momento em que ele mesmo entraria com seu próprio corpo para me satisfazer. Nesse entreato havia a criação de uma terceira pessoa que ele estava sabendo inventar para me conceder ainda mais cobiça carnal (NOLL, 2012, p. 17)”.

Olhando por outra perspectiva, talvez com a ideia de intensificar mais eficazmente a configuração fragmentária de Bill Stevens, o que seria a quarta faceta de Bill, provavelmente a mais incerta dentre todas, nos é apresentada antecipadamente as outras que são um pouco mais delineáveis. Ela nos é concedida na página 17 enquanto a primeira e a segunda categorização nos é apresentada na página 18:

> Pois a figura era simplesmente a de Bill. Bill Stevens, rememorei ... Bill, simplesmente o mesmo que eu conhecera vinte e oito anos atrás, aquele mesmo que na época tinha 29 anos de idade... O que eu tinha então também. Mas ao invés de Bill trazer os sulcos do tempo feito a minha face, ele se rejuvenescera, milagrosamente (NOLL, 2012).

A terceira categorização vem à tona de forma bem sorrateira, fugidia. A colisão das personagens Bill Stevens velho e jovem com o recepcionista do hotel é consubstanciada logo a seguir, na página 19:

> (...) eu vislumbrava a sua tatuagem de desde aquele tempo, a palavra *blue* desenhada em meio a arabescos sutilíssimos, entregues a um desmedido devaneio. Seu pentelho rareava agora muito, algo que aludia entre o início

> de puberdade e uma queda de pelos pélvicos para alguma enfermidade. Levantei-me e ouvi o recepcionista sair batendo a porta com alguma discrição (NOLL, 2012).

Na passagem acima, percebe-se a confusão, a brumosidade dos três "*Bill Stevens*" em cena. O narrador intercala o Bill jovem e o Bill velho (puberdade versus enfermidade) com um Bill cuja projeção ocorreria no recepcionista, pois ao final da categorização dos dois primeiros quem sai de cena (com alguma discrição) é a terceira categorização, dando lugar às duas primeiras nas linhas subsequentes. A categorização do recepcionista como Bill Stevens não é bem clara, entretanto, o recepcionista se encontra presente em várias passagens da primeira parte do livro. E, em várias dessas passagens, ele divide a cena com os outros "Bills".

A indefinição da sexualidade do protagonista vai se tornando cada vez mais densa e complicada com o adentrar da narrativa. No segundo capítulo, por exemplo, as relações homossexuais são apenas indicadas, nunca consubstanciadas. E a própria (e talvez incerta) homossexualidade do protagonista é também questionada por todo esse capítulo. Isso porque ele somente idealiza as relações homossexuais, ou seja, ele em momento algum da narrativa desse romance as concretiza. As relações homoafetivas são sempre inferidas, insinuadas. Muitos de seus desejos são claramente direcionados ao mesmo sexo, mas, como dito anteriormente, sem concretização.

É também interessante perceber que elas são sempre direcionadas às personagens deuteragonistas, com sexualidades também incertas. Esses personagens são respectivamente: o ex-combatente do Iraque, Tom, e o soldado brasileiro, Rogério (isso no segundo capítulo). Tanto a sexualidade do primeiro quanto a sexualidade do segundo não são claramente expostas ou diferenciadas. Supostamente falando, eles tanto podem apresentar uma sexualidade homossexual, heterossexual ou, até mesmo, bissexual. O narrador não a define, ou melhor, ele tende constantemente a indefinir.

Veja o segundo capítulo (nomeação nossa), a tensão erótica/sexual é transferida para o mórmon tipo urso, Tom. Tensão esta que se arrefecerá devido aos obstáculos enfrentados pelo protagonista, João Bastos, na consubstanciação de sua vontade sexual, mas não se extinguirá por completo. Isso porque a tensão enfraquecida no desenrolar da diegese será reacendida com o grupo de soldados do exército brasileiro que bebiam desbragadamente no bar, mais especificadamente Rogério na saída: "Encostei meus lábios sequiosos nos dele e fiz respiração boca a boca, mesmo que o rapaz não precisasse dela" (NOLL, 2012, p. 37).

Em relação ao Tom, o protagonista resguarda suas vontades sexuais em sua mente a fim de não provocar grandes alterações no *status quo* professor/aluno, pois João é professor do Tom ou, pelo menos, aparenta tal relação. Entretanto, isso parece não ser o único obstáculo para a realização das suas vontades sexuais mais íntimas.

Tom é mórmon e ex-combatente da Guerra do Iraque: “Ele olha o vazio em frente, me conta que é mórmon, que havia ido para a Guerra do Iraque” (NOLL, 2012, p. 25). Além do mais, o narrador tem total consciência que para a religião mórmon, a homossexualidade é um pecado a ser combatido ferozmente. As barreiras não param aí, Tom é também casado e tem quatro filhos reforçando assim sua vida burguesa e sua provável heterossexualidade.

Ao contrário do primeiro capítulo onde João Bastos aparentava estar mais livre sexualmente haja vista as descrições das relações sexuais com Bill, Elvira e, quiçá, o recepcionista do hotel Allegro, nesse “segundo” capítulo, ele parece retornar ao armário, segundo Sedgwick (1990).

No caso de João Bastos no capítulo em análise, sua possível homossexualidade é talvez tratada no ambiente mais privado do ser ficcional: sua mente. O narrador a constrói nos pensamentos de seu protagonista: “Mas o certo é que eu já estava me engraçando para o lado do Tom, sim, o mórmon que serviria na Guerra do Iraque e que parecia querer me seduzir eu não sabia para quê” (NOLL, 2012, p. 26).

Vale a pena relembrar que a linguagem é uma ferramenta fundamental para a tessitura diegética nolliana, cada palavra conta e conta de fato. A vontade homoerótica de João Bastos é toda edificada interiormente. O seu “armário” é construído incompleto e fragmentariamente. Esses dois fatores são encontrados novamente nos tempos verbais escolhidos: o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito: ***serviria***, ***estava*** e ***parecia***. Todo esse capítulo é tecido repleto de suposições e atos truncados.

Mesmo no caso do soldado brasileiro, Rogério, o desejo de João Bastos é apenas consubstanciado em seus pensamentos: “Rogério parecia aturdido, talvez fosse o seu primeiro porre naquela intensidade, era novinho, talvez eu pudesse levá-lo para trás de uma árvore, talvez pudesse abusar dele (...)” (NOLL, 2012, p. 36). A linguagem específica nolliana toma a cena mais uma vez com as repetições do advérbio de dúvida: ***talvez***. E quando deles se retira, a consubstanciação de sua vontade ocorre através de um ato explicável heterossexualmente falando, ou seja, nunca em um ato homoerótico per se: “Encostei seus lábios sequiosos nos dele e fiz respiração boca a boca, mesmo que o rapaz não precisasse dela.” (NOLL, 2012, p. 37)

Na sociedade eurocêntrica, falocêntrica e heteronormativa, a atitude de realizar um boca a boca em uma pessoa do mesmo sexo é totalmente aceitável por ser um ato de salvamento e não sexual. Conquanto, devido às amarras estabelecidas pelo armário, pelo enrustimento das vontades homoeróticas contidos nessa mesma sociedade, o boca a boca da cena relatada serviu de válvula de escape para a concretização do desejo homoerótico de João Bastos.

O armário volta se fazer presente nas passagens com Frederico Drago: “Várias coisas passaram pela minha cabeça. Muitas. Tantas que eu precisei apoiar a mão direita no ombro de Frederico. Falei que isso às vezes me acontecia” (NOLL, 2012, p. 61). O narrador autodiegético explicita bem o seu armário na posição de protagonista. Ele o faz na

caracterização de um espaço do privado, ou seja, a mente do protagonista (***Várias coisas passaram pela minha cabeça***). Seu desejo de soltura (ou liberdade) é intensificado pela frequência exacerbada de seus pensamentos (***várias, muitas, tantas***). E o armário se completa com o não conhecimento de seu objeto de afeição (***Falei que isso às vezes me acontecia***). Todos esses elementos corroboram com a ideia de "sigilo" proposta por Sedgwick (1990).

O personagem João Bastos usufrui constantemente desse "sigilo". Ele (sigilo) se torna um tipo de escudo de proteção. Por não ter consciência dos desejos de seu aluno, Frederico Drago, Bastos usa o armário ao seu favor a fim de tatear o caminho e se assegurar de futuras represálias, tanto de Drago quanto de outros personagens circundantes. Para Sedgwick (1990), a saída desse ambiente acolhedor/seguro pode ser muitas vezes catastrófica. As consequências variam de xingamentos ou exclusão social até a morte. Tal ideia é também atestada por D. A. Miller via Sedgwick (1990):

> (...) uma prática subjetiva na qual as oposições privado/público, dentro/fora, sujeito/objecto estão consagradas, e a inviolabilidade do primeiro termo garantida. Assim, o facto de depararmos com um "segredo aberto" não implica, como se poderia imaginar, o colapso dessas estruturas binárias ou de seus efeitos ideológicos, mas a prova de sua recuperação fantasmática (SEDGWICK, 1990, p. 07)

Consciente ou inconscientemente, essa ideia de sigilo é utilizada recorrentemente por João Bastos quando esse se depara com uma possível relação homoerótica. De fato, ele parece conseguir consubstanciar mais recorrentemente suas vontades heterossexuais em comparação direta com suas vontades homoeróticas. Ele fracassa homoeroticamente falando ao tentar se aproximar de Bill Stevens, Tom, Rogério e de Frederico Drago. Com Bills Stevens, o coito chega a ser explicitado, mas por meio de comparações justapostas com as relações sexuais obtidas com sua ex-mulher, Elvira. Tanto que o desfecho desse encontro é fantástico. Bill Stevens simplesmente desaparece no ar sem consubstanciar o coito sexual, ou melhor, ele parece ter fugido pela privada: "Bill só poderia ter fugido por aquela privada" (NOLL, 2012, p. 23).

O desparecimento de cena de Tom é apenas inferido. O protagonista parece encontrar uma possibilidade maior de realizar suas vontades homoeróticas com o soldado brasileiro, Rogério, e o narrador simplesmente para de falar sobre Tom. Com Rogério, sua vontade se consubstancia levemente por meio do subterfugio do ato de boca-a-boca, como exposto anteriormente. E, com Frederico Drago, as relações entre ele e o protagonista, João Bastos, oscilam entre caráter homossocial[6], homoerótica até de insinuação incestuosa.

Nos capítulos subsequentes, as relações sexuais se tornam ainda mais imbricadas e brumosas. O protagonista chega a concretizar um breve coito sexual, entretanto, esse coito (além de ser brusco) se dá por meio de um/a personagem, Miro/a, que é caracterizado/a pelo

6 A **homossocialidade** descreve um relacionamento entre pessoas do mesmo sexo que não são de natureza romântica ou sexual (SEDGWICK, 1990, p. 23).

narrador de forma completamente ambígua. O leitor não consegue distinguir seu gênero e mesmo sua orientação sexual é duvidosa. É difícil saber se ele/a é um adolescente ou uma adolescente. Seus órgãos sexuais, conforme expõe o próprio narrador, confundem-se, mesclam-se, ou seja, ora ele/a parece ser do gênero feminino, ora parece ser do gênero masculino, como exposto no trecho a seguir:

> Mira acercou-se de um deles, sentou-se na cabeceira da cama, e o sujeito de movimentos fracos veio e mamou no peito a bem dizer masculino da garota. Não se passou muito ela afastou o homem e vi que estava excitada: o bico do seio se mostrava ereto, não maior do que aquele de um rapaz que tem seu mamilo sugado com algum anseio extraordinário. (NOLL, 2012, p. 44)

Como se pode perceber no trecho acima, a personagem deuteragonista Mira é introduzida pelo narrador ao leitor como sendo do gênero feminino. Isso é visível na própria constituição de seu nome próprio: Mira, e não Miro. A primeira figura a corroborar seu gênero feminino é o substantivo ***peito*** mamado por outro personagem deuteragonista. Entretanto, tal ideia de total pertencimento de Mira ao gênero feminino é logo esmorecida pela comparação direta traçada pelo narrador de seu peito com a de um peito masculino. Nem a ereção de seu peito é esquecida pelo narrador que a volta a comparar com a ereção de um peito masculino.

Por outro lado, o protagonista parece se sentir mais confortável em realizar as vontades de cunho, *a priori*, heterossexual com ela. Sua vontade sexual é concretizada desastradamente com essa filha de um jardineiro local, Entretanto, no capítulo 4 (nomeação nossa), João Bastos nos deixa na dúvida se Mira era realmente uma garota por meio do monólogo interior: "*Os dois entraram numa conversação em francês, da qual preferi escapar pensando detidamente na língua inglesa, em Bill, Tom, Mira ou Miro, sei lá*." (NOLL, 2012, p. 50). Complexificando e questionando assim suas "vontades heterossexuais".

A androginia de Mira/o não é esclarecida nitidamente, não há afirmações ou negações extras de sua orientação sexual, nem de sua composição corporal e, muito menos, de sua configuração cultural. Não se pode esquecer que a própria definição de androginia é complexa. Pelo menos, pode-se pensar em duas acepções recorrentes na literatura: *a)* mescla de características tanto masculinas quanto femininas encontradas em um único ser ou *b)* aquele descrito não como masculino, nem como feminino, já que possui características de ambos os sexos. De todo jeito, essas definições não devem ser restritivas à anatomia dos seres humanos. Deve-se também levar em conta traços socioculturais os quais são, na maioria das vezes, bem variáveis em estrutura corporal e comportamental.

Mira/o talvez até possa ser reconhecido/a propriamente como andrógina/o ou, até mesmo, hermafrodita se se retornar ao mito contido na obra platônica *O Banquete* (1999). Ele (ou ela, ou ambos) não teria sido seccionado, dividido cruelmente pelos deuses enfurecidos por ser visto/a como um perigo contestador. Entretanto, a quebra das expectativas de seus desejos eróticos já ocorreu, pois ele/a se sente atraído por João

Bastos ardorosamente e acaba por se aventurar sexualmente em seu mundo intrincado em indefinições. Isso, entretanto, não a limita, pois sua constituição sexual parece permitir uma liberdade maior de variação de coitos sexuais.

É crucial perceber como isso se constrói formalmente na narrativa. O elemento literário mais evidente talvez seja a caracterização dessa personagem deuteragonista (Miro/a). O narrador a delineia primeiramente com o artigo feminino *a Mira*, e depois com o artigo masculino *o Miro*. Essa mudança é crucial para se criar um personagem sexualmente brumoso e heteróclito.

Nesta passagem do romance *Solidão Continental* (2012), o jogo de linguagem nolliano é bem nítido. O narrador vai, passo a passo, contrapondo masculino e feminino por meio de diversas figurativizações. A apresentação da personagem deuteragonista Mira ocorre, em um primeiro momento, por meio basicamente de traços femininos, o narrador usa apenas recursos gramaticais concernentes ao gênero feminino da língua portuguesa para caracterizar suas primeiras impressões: "Era ***bonita*** de doer. Cabelos lisos, morena, olhos negros" (NOLL, 2012, p.40), "Meu nome é ***Mira***, ***ela*** falou" (NOLL, 2012, p.41) e **"*Aquela garot*a** podia ser ***minha filha temporã*"**. (NOLL, 2012, p.41) É importante perceber como esse narrador opta meticulosamente por itens linguísticos específicos a fim de edificar uma personagem, em tese, pertencente ao gênero feminino.

Entretanto, o narrador vai paulatinamente traçando comparações com o gênero masculino assim exemplificados nos seguintes trechos: "(...) veio e mamou no peito a bem dizer ***masculino*** da ***garota***" (NOLL, 2012, p. 44) "(...) o ***bico do seio*** se mostrava ereto, não maior do que aquele de um ***rapaz*** que tem seu ***mamilo sugado*** com algum anseio extraordinário". (NOLL, 2012, p. 44) e "O ***vestido*** rasgara no meio. Verifiquei direito que ***ela*** praticamente não possuía ***seios***, só uns tênues inchumes. Sim, os ***mamilos excitados*** de um ***rapazinho***". (NOLL, 2012, p. 46)

Incialmente, o narrador compartilha com o leitor suas impressões a respeito de um ser aparentemente feminino. Todos os recursos linguísticos utilizados nesse momento da história se referem ao gênero feminino. Não obstante, mais a frente na narrativa, esse narrador começa a tecer a mesma personagem deuteragonista de forma ambígua, andrógina por meio de constantes adjetivações disjuntivas: *masculino/garota*, *bico do seio/ rapaz*, *seios/rapazinho*, comparando-a ao gênero masculino para, por fim, finalizar sua história sem saber se ela é um ser feminino, masculino ou andrógino.

Só no capítulo seguinte, com já indicado anteriormente, é revelada aos seus leitores a incerteza do protagonista ao caracterizá-la/o. Tamanha artimanha do narrador fortalece novamente sua tendência em caracterizar seus personagens de forma transitória, rizomática e fragmentária. A caracterização da personagem deuteragonista Mira/o parece não apresentar fixidez ou estagnação. Sua constituição ontológica é mutável. Em um primeiro momento, ela é ela, para em um segundo momento, ela ser ela/e e, depois, ela é ele e volta a ser ela, para finalizar sem grandes clareamentos acerca de seu gênero sexual.

Tamanha indefinição é também confirmada pela pouca expressividade de Mira/o. Ele/a apresenta pouca voz ativa na diegese. Tudo o que os leitores nollianos sabem dele/a é explicitado pela voz do narrador. Narrador esse não somente parcial, mas também inconfiável. Até esse ponto, não se percebe nenhum desejo desenfreado de Mira/o em se definir sexualmente. Pelo menos não através do discurso do narrador João Bastos.

Portanto, ele/a parece questionar a heteronormatividade presente em seu milieu sociocultural. Ela/e não aparenta estar à procura de sua metade a fim de estabelecer relações com o intuito de atingir a paz prometida, paz essa outrora seccionada pelos deuses d' Olimpo como indicado na *República* de Platão. Em outras palavras, Miro/a não parece ansiar por uma definição explícita de seu gênero e, muito menos, de sua orientação sexual. Ela/e aparenta estar tranquilo/a com sua dualidade ou, quiçá, pluralidade sexual.

O narrador autodiegético, João Bastos, estabelece-a/o naturalmente sem julgamentos alheios ou de cunho pessoal. Por outro lado, esse mesmo narrador se insere em uma situação ainda mais complexa, já que ele é caracterizado como um ser com mais traços masculinos. Entretanto, ele se sente atraído diretamente por este ser possuidor, quiçá, de ambos os sexos. Isso ainda o definiria como um personagem heterossexual ou teríamos que utilizar a escala Kinsey (1949) para compreendê-lo mais propriamente?[7] [8]

Há outro questionamento relevante a ser indicado aqui: Com cada vez mais seres andróginos sendo veiculados nas Artes (e entre outras mídias também), será que não é hora de revisar a composição do quadro de pronomes de língua portuguesa? Nos dias atuais, será que apenas ele e ela conseguem abarcar toda a complexidade sexual existente? Veja o caso em língua inglesa, já existe o pronome ***shemale*** que é basicamente a junção do pronome pessoal feminino *she* (ela em inglês) com o adjetivo masculino *male* (masculino) para designar serem ambíguos.

Tanto o protagonista de *Solidão Continental* (2012) quanto vários personagens deuteragonistas parecem se opor a esse tipo de definição considerada como única e imutável sobre a masculinidade indicada no trecho acima por Santos (1995). Na verdade, parece que tal questionamento a respeito de categorizações sexuais fixas e estagnadas ultrapassa a barreira do falocentrismo e atingem todas as categorias sexuais tidas como fixas e estagnadas.

Além disso, parece ocorrer um enfraquecimento da tensão sexual durante a apresentação de seu nome ou, até mesmo, de impossibilidade de alguma realização sexual, pois o protagonista se sente apático, sedado e praticamente letárgico: "(...) e ela

---

7 A Escala de Kinsey almeja descrever o comportamento sexual de uma pessoa em diferentes momentos de sua vida. Ela se inicia no 0 (heterossexual), e se finaliza no número 6, ou seja, completamente homossexual. (KINSEY, 1949, p. 24)

8 Vale a pena ressaltar aqui também que essa atração por um ser ficcional com características tanto masculinas quantos femininas já apareceu em outra obra de Noll: *A céu aberto* (1996), por exemplo. Nele o narrador, também autodiegético, inicia a narrativa caracterizando o irmão como um ser masculino. No decorrer da obra, ele o vai compondo com traços femininos até chegar a configurá-lo praticamente como sua mulher. Os conflitos entre visualizá-lo como irmão e tomá-lo como uma mulher são então exponenciados por passagens fragmentadas e constantemente diluídas na diegese.

se mostra meio impaciente e pede que eu durma, que ela vai me sedar mais. E antes que ela aplicasse em mim mais sedativos que eu digo ó, é João... João Bastos”. (NOLL, 2012, p. 89).

Essa não é a única leitura possível do protagonista da obra *Solidão Continental* (2012). Ele também pode ser visto como descentralizado sexualmente. Essa descentralização é corroborada pela compreensão do sujeito pós-moderno (HALL, 2005) ou o que Christopher Lasch (1990) denomina como “mínimo eu”. Segundo Rejane Cristina Rocha (2011), esse “mínimo eu” representaria uma estratégia de sobrevivência psíquica frente a um mundo de difícil distinção entre realidade e fantasia. Entretanto, essa dissertação não entrará nessa questão, pois seu objetivo principal é o de tratar da questão da indeterminação sexual, chamada aqui de pomossexualidade, apresentada em certos momentos pelo protagonista, João Bastos.

Parece não haver mais crença cega em metanarrativas (LYOTARD, 1998) como, por exemplo, a heteronormatividade e o falocentrismo. João Bastos possui, na posição de personagem, traços sexualmente indefinidos, ou seja, pomossexuais (QUEEN & SCHIMEL, 1997). Suas relações sexuais com as personagens deuteragonistas também são de difícil apreensão. Ele se relaciona tranquilamente com seres supostamente homossexuais (Bill Stevens, Tom, Rogério, Frederico Drago), heterossexuais (Elvira e Daiene), bissexuais (Roberto e Amanda) e andrógino (Mira/o).

Almejando ou não almejando, ele acaba por questionar a definição totalizante e universal contida nessas metanarrativas. Tais traços são reforçados por caracterizações espaciais transitórias, rizomáticas e fragmentárias como é o caso do *não-lugar* (AUGÉ, 2005) e o tempo gnômico. A caracterização de um narrador autodiegético sem confiabilidade auxilia ainda mais a estabelecer cenas e cenários narrativos incertos e suspeitos.

As diversas facetas da sexualidade do narrador autodiegético nolliano de *Solidão Continental* (2012) é tão transitória, rizomática e fragmentária que uma delineação fixa e restrita parece tender ao impossível. É uma narrativa de ponto de interrogação. Ele prefere mulheres aos homens? O celibato à orgia? Um ser andrógino ou um homossexual proveniente da subcultura gay americana? Por isso, compreendê-lo por meio de apenas um viés analítico, apenas uma orientação sexual, é empobrecer toda a potencialidade literária edificada por Noll ao constituí-lo com traços pomossexuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho acadêmico tencionou, desde seu início, trazer ao leitor um novo olhar sobre a literatura de João Gilberto Noll. Em nenhum momento de seu percurso, objetivou-se limitar a análise de *Solidão Continental* (2012), muito menos a tradição literária nolliana, ou seja, focou-se na pertinência da análise da obra literária sem refutar seus contrapontos mais relevantes. Em vários momentos, tal percurso optou pelo instrumental reflexivo pós-moderno, devido a sua grande capacidade de interpretar o mundo contemporâneo. Ler um texto por esse viés é lê-lo com suspeita frente qualquer metanarrativa (LYOTARD, 1998) e é, também, aceitar as incertezas e indefinições tanto do processo narrativo quanto do próprio conteúdo narrado. Isso tudo porque o olhar pós-moderno desconfia de qualquer resposta fechada e imutável, já que ele elabora seu raciocínio, sua lógica no constante embate entre as diferenças existentes.

Neste ponto, aparentemente, não há nada de novo no que tange à análise literária das obras nollianas. Diversas dissertações de Mestrado e inúmeras teses de Doutorado já haviam trabalhado, haja vista os trabalhos indicados nas referências bibliográficas do *corpus*, com questões referentes ao Pós-Modernismo a fim de compreenderem mais profundamente os romances de Noll ou até mesmo de seus contos. Não obstante, o objetivo desse trabalho acadêmico foi o de centralizar a análise em um tópico mais pontual, ou seja, a representação da sexualidade humana pelo viés pós-moderno por meio da análise tanto conteudística quanto das instâncias narrativas envolvidas nesse processo que auxiliam a edificação do enredo de *Solidão Continental* (2012).

Para isso, foi necessário, no primeiro capítulo expor brevemente ao leitor parte da tradição literária de João Gilberto Noll e, também, da crítica literária mais relevante já composta acerca de suas obras literárias anteriores. Esse primeiro percurso foi essencial na medida em que se pode verificar como a literatura nolliana vem sendo analisada. Das principais descobertas, uma das mais importantes condiz com uma análise pós-moderna de diferentes instâncias narrativas sem um foco pontual, ou seja, os temas são tratados mais amplamente, sem grande centralização. O ponto central parece ser o *zeitgeist* Pós-Modernismo e, a partir daí, distintos temas são analisados em consonância com essa proposta maior. Por exemplo, o pesquisador Giuliano Hartmann (2011) lida com a questão da representação homoerótica na obra de João Gilberto Noll *A Céu Aberto* (1996), ou seja, esse parece ser seu tema central, pois ele se encontra até no nome de seu trabalho acadêmico, entretanto, é relevante perceber em seu texto que o seu foco de análise não se dá apenas sobre esse tema.

Além desse tema, Hartmann (2011) também analisa outros tais como a violência, a clandestinidade, o materialismo lacaniano, o nomadismo, a infância e o anonimato. Todos eles são recorrentes nas análises pós-modernas, entretanto, não há um ponto de análise central. Todos esses temas são analisados com o intuito de se apreender a proposta maior,

ou seja, o olhar pós-moderno contido nessa obra. Não obstante, vale a pena lembrar aqui que isso não quer dizer que seja uma análise simplória do romance *A Céu Aberto* (1996), e sim que seu foco é apenas diferente.

O trabalho em destaque, ao invés de tratar de vários temas condizentes ao pós-modernismo, optou por escolher um tema e aprofundar esse tema. Portanto, o tema escolhido foi a representação da sexualidade humana na obra *Solidão Continental* (2012), mas por se tratar de uma obra com traços pós-modernos, verificou-se que a sexualidade representada nessa obra também possui traços pós-modernos. Por isso, no segundo capítulo, foi necessário definir conceitos chaves como Modernidade, Modernismo e Pós-Modernismo a fim de se compreender melhor a literatura de João Gilberto Noll, as pesquisas acadêmicas destacadas e questionadas aqui a seu respeito e os próprios questionamentos acerca da sexualidade indefinida, principalmente, do protagonista da obra analisada nessa dissertação.

Entretanto, só esse percurso epistemológico não seria suficiente visto que a intenção é o aprofundamento no tema sexualidade. Sendo assim, foi também necessário discutir esse tema pelo viés identitário, ou seja, analisar como a sexualidade humana se consubstancia no sujeito pós-moderno (HALL, 2005). Tendo completado esse percurso, a próxima etapa da discussão foi exatamente tratar da sexualidade indefinida ou, em outras palavras, a pomossexualidade (QUEEN & SCHIMEL, 1997) e verificar quais são as características pós-modernas contidas nessa teoria. Das descobertas desse terceiro subitem, vale a pena destacar os conceitos de *não-lugar* (AUGÉ, 1994), dispersão/constituição rizomática (DELEUZE&GUATTARI, 1995) e fragmentação (BLANCHOT, 1990).

Da análise do romance, há dois momentos desse trabalho acadêmico que podem representar bem esse foco de análise pontual. O primeiro se refere à análise do narrador autodiegético de *Solidão Continental* (2012), João Bastos, e dos respectivos recursos literários utilizados por ele na construção narrativa desse romance contemporâneo. De fato, a fim de se construir uma trama com um protagonista de traços sexuais indefinidos, a mão do narrador na apresentação dessa trama fez toda a diferença. Por meio de várias instâncias narrativas como, por exemplo, o espaço (NUNES, 1988), o tempo (SANTOS, 1998), o modo e a voz narrativa (REIS & LOPES, 1988), esse narrador conseguiu edificar todo um ambiente literário repleto de incertezas, dúvidas e indeterminações. Tal ambiente reforçou, complexificou, intensificou e, mais importante, indefiniu a sexualidade (ou talvez fosse melhor falar em sexualidades, ou seja, no plural) desse protagonista.

O segundo momento se refere às relações interpessoais (muitas de cunho sexual) desse protagonista com as personagens deuteragonistas. Na primeira parte da trama, João se encontra em um hotel agora chamado Allegro, antes Bismarck, na cidade estadunidense de Chicago, à cata do grande (ou talvez nem tão grande) amor de sua vida, o americano Bill Stevens. Nessa busca, ele se depara com o recepcionista do hotel que lhe apetece sexualmente, instalando-se assim um conflito sexual. No embate das vontades sexuais,

esses personagens deuteragonistas parecem se fundir em um terceiro ser ficcional, deixando o protagonista e seus leitores ainda mais confusos. Tal confusão é intensificada pelas rememorações de seu casamento heterossexual com Elvira.

Todas essas tramas são expostas aos leitores, nenhuma é “resolvida”, ou seja, fechada. O que fica é a incerteza da sexualidade do protagonista: Ele é homossexual ou heterossexual? Tal incerteza é complexificada pelos capítulos seguintes, pois novos encontros sexuais com uma personagem andrógina, Mira/o, e com um casal heterossexual, Roberto e Amanda, são compartilhados com o leitor. Mesmo sua homossexualidade aparentemente sem conflitos, fora do armário (SEDGWICK, 1990) mostrado no primeiro capítulo é colocada em xeque pelo narrador frente aos personagens Tom e Rogério no segundo capítulo. Para complexificar ainda mais sua sexualidade indefinida, esse mesmo narrador ainda insinua desejos incestuosos do protagonista pelo seu aluno de português, Frederico Drago.

Em suma, tal percurso analítico foi fundamental para corroborar a ideia (chamada aprioristicamente nesse trabalho de ideia-maior) de indefinição sexual de um protagonista com vontades e predileções sexuais também indefinidas. Talvez o mais relevante de se perceber dessa análise se refira à amplitude que tal leitura atingiu. Embora o foco tenha sido sobre a representação da sexualidade indefinida do protagonista, tal análise oportunizou lê-lo nas suas mais diferentes complexidades, nas suas mais distintas sexualidades, ou seja, na sua indeterminação sexual. A focalização em um só tema (mas bem complexo) proporcionou uma leitura mais ampla tanto do protagonista, João Bastos, quanto de diversas personagens deuteragonistas. Ademais, ainda se deslindou os recursos literários utilizados pelo narrador autodiegético a fim de edificar um texto transitório, rizomático e fragmentário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T. W. *Minima moralia*. Reflexões a partir da vida danificada. São Paulo: Ed. Ática, 1993.

ANDERSON, Perry. *As Origens da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1999.

ANDRADE, Maria Luzia Oliveira. *A Fragmentação Do Texto Literário*: Um Artifício da Memória? ArqInter. Disponível em: < http://200.17.141.110/periodicos/interdisciplinar/revistas/ARQ_INTER_4/INTER4_Pg_122_131.pdf>. Acesso em 20/07/2014.

ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. 10ª ed. São Paulo: Ed. Forense-Universitária, 2002.

AUGÉ, Marc. *Não-Lugares*: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. São Paulo: Ed. Papirus, 1994.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2003.

BARROS, *José D'Assunção.* A transfiguração narrativa em João Gilberto Noll. *Convergências. Disponível em* <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs2.2.2/index.php/sociaisehumanas/article/view/2009/1758>*. Acesso em 10/01/2015.*

BARTHES, Roland. *Roland Barthes por Roland Barthes*. Trad. Leila Perrone Moisés. São Paulo: Ed. Estação Liberdade, 2003.

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. 3. ed. Trad. João Bénard da Costa. Lisboa: Ed. Antígona, 1988.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2005.

BLANCHOT, M. *O Livro Por Vir*. 13 ed. Lisboa: Ed. Relógio D'Água, 1990.

BRASIL, Ubiratan. João Gilberto Noll fala de imprecisões em Solidão Continental. Estadão Cultura. Disponível em *<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,joao-gilberto-noll-fala-de-imprecisoes-em-solidao-continental,927367>*. Acesso em 05/07/2014.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2003.

______. Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do pós-modernismo. *Cadernos Pagu*, n. 11, p. 11-42, 1998. Trad. de Pedro Maia Soares para versão do artigo "Contingent Foundations: Feminism and the Question of Postmodernism", no Greater Philadelphia Philosophy Consortium, em setembro de 1990.

CANDIDO, Antônio, ROSENFELD, Anatol, PRADO, Décio de Almeida Prado & GOMES, Paulo Emílio Salles. *A Personagem de Ficção.* São Paulo: Ed. Perspectiva, 1976.

CARREIRA, Shirley de Sousa Gomes. A identidade traduzida em Lorde de João Gilberto Noll. *Revista Eletrônica de Humanidades*, v.5, n°10, jan/mar, 2007, pp.72-88.

CARVALHO, Bernardo. *Teatro*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1998.

CAMARGO, Fábio Figueiredo. *A transfiguração narrativa em João Gilberto Noll: A céu aberto, Berkeley em Bellagio e Lorde*. Belo Horizonte. PUC-Minas, 2007. Tese em Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2007.

COLLOT, Michel. O sujeito lírico fora de si. Trad. Alberto Pucheu. *Terceira margem*: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. IX, n. 11, p. 165-177, 2004.

COMPAGNON, Antoine. *Os Cinco Paradoxos da Modernidade*. Trad. de Cleonice P. Mourão, Consuelo F. Santiago e Eunice D. Galéry. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

COSTA PINTO, Manuel da. *Literatura Brasileira Hoje*. São Paulo: Ed. PubliFolha, 2004.

COSTA, Rafael Martins. *A ficção cíclica de João Gilberto Noll: uma leitura de Acenos e Afagos*. Campinas. Unicamp, 2013. Dissertação de Mestrado. Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2013.

COSTA, *J. F. Os gregos antigos e o prazer homoerótico*. Em Ética e o Espelho da Cultura. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1994.

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia. Rio d*e Janeiro: Ed. Imago, 1995.

DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. Trad. Miriam Schnaiderman e Renato J. Ribeiro. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1973.

DE PAUA, Marcio Gimenes de. *Subjetividade* e *Objetividade Em Kierkegaard*. São Paulo: Ed. Annablume, 2009.

DICIONÁRIO do Aurélio. Disponível em *<http://www.dicionariodoaurelio.com/>*. Acesso em 24/11/2014.

DICIONÁRIO Etimológico. Disponível em *<http://www.dicionarioetimologico.com.br/>.* Acesso em 07/01/2015.

EDUARDO, Ítalo. 15 Tipos De Gays. Qual O Seu Ou Do Seu Amigo? Site Gay De João Pessoa. Disponível em *<http://www.bafonique.com/2011/11/15-tipos-de-gays-qual-o-seu-ou-do-seu.html>.* Acesso em 06/01/2015.

FILHOLINI, Jorge & ANDRADE Vinicius de. Marquinho enaltece trabalho de difusão da cultura e das letras. Primeira Página. Disponível em *<file:///C:/Users/Carlos/Desktop/Jo%C3%A3o%20Gilberto%20Noll%20%20%E2%80%9CNunca%20tive%20a%20inten%C3%A7%C3%A3o%20de%20desestruturar%20a%20narrativa%20do%20romance%20tradicional%E2%80%9D%20%20%20Livre%20Opini%C3%A3o%20-%20Ideias%20em%20Debate.htm>*. Acesso em 24/11/2014.

FERNANDES, Maria Lúcia Outeiro Fernandes. *Narciso No Labirinto De Espelhos*: Perspectivas Pós-Modernas Na Ficção De Roberto Drummond. Ed. Cultura Acadêmica, UNESP: 2011.

FERREIRA JÚNIOR, Nelson Eliezer. *Narrativas Do Exílio*: Nação E Homoerotismo Em Três Obras Comparadas. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa: 2008.

FISCHER, Ernest. A necessidade da Arte. Trad. Leandro Konder. 9. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan, 2002.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I* – a vontade de saber. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1993.

______. *História da sexualidade II* – o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1994.

______. *A Ordem do Discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 13 ed. Trad. Laura F. A. Sampaio. São Paulo: Ed. Loyola, 2006.

FREZZATTI Jr., Wilson. Antonio. *Haeckel e Nietzsche*: Aspectos da crítica ao mecanicismo no século XIX. Ed. Scientiae Studia, São Paulo, 2003.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2002.

HABERMAS, Jürgen. *A Inclusão do Outro*: estudos de teoria política. São Paulo: Ed. Loyola, 2002.

HADE, Marcelo. 25 Tipos De Gays. Dois Perdidos Na Noite. Disponível em *<http://doisperdidosnanoite.blogspot.com.br/2010/12/25-tipos-de-gays.html>.* Acesso em 06/01/2015.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10ª ed. Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2005.

HARTMANN, Giuliano. *Vida Fluída e Escrita Perversa*: A Questão Identitária em A Céu Aberto de João Gilberto Noll. Maringá. UFM, 2011. Dissertação em Letras. Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários. Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2011.

HARVEY, David. *The Enigma of Capital and the Crises of Capitalism*. EUA: Ed. Profile Books, 2011.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo*: história, teoria e ficção. Tradução Ricardo cruz. Rio de janeiro: Imago Ed, 1990.

JACOBSEN, Rafael Bán. *Assim Falava João Gilberto Noll*. Disponível em *<http://www.revistaamalgama.com.br/04/2013/solidao-continental-joao-gilberto-noll/>*. Acess em 10/12/2014.

JAMESON, Fredric. *Pós-Modernismo*: a lógica cultural do capitalismo tardio. 2a. ed. Trad. Maria Elisa Cevasco. São Paulo: Ed. Ática, 1997.

JUNIOR, Nelson E. F. *Narrativas do Exílio*: Narração e Homoerotismo em Três Obras Comparadas. Paraíba: UFP, 2008. Tese de Doutorado em Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal da Paraíba, 2008.

KIERKEGAARD, Soren. *O Conceito De Angústia*. Trad. Álvaro L. M. Valls. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Ed. Universidade São Francisco, 2010.

KINSEY, Alfred; POMEROY, Wardell & MARTIN, Clyde. *Conducta sexual del Varón*. México: Ed. Interamericana,1949.

MISKOLCI, Richard. *A Teoria Queer e a Sociologia*: o desafio de uma analítica da normatização. Sociologias, Porto Alegre, ano 11, n° 21, p.150-182, jan./jun. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/soc/n21/08.pdf>. Acesso em 04/07/ 2014.

MOISÉS, Massaud. A Criação Literária – Poesia e Prosa. Ed. Cultrix, 2012.

______. *Dicionário de termos literários. Ed. Cultrix, 2013.*

MORICONI, Italo. *Pós-modernismo e a volta do sublime na poesia brasileira*. In.: PEDROSA, Celia, MATOS, Cláudia e NASCIMENTO, Evandro (orgs.). Poesia hoje. Niterói: Ed. EDUFF, 2003.

LACAN, Jacques. *Função e campo da fala e da linguagem*. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1999.

LOCKE, John. *Ensaio acerca do entendimento humano.* São Paulo: Ed. Nova Cultural, 1997.

LYON, David, *A Sociedade da Informação*: Questões e Ilusões. Trad. de Raul Sousa Machado. Ed. Celta, 1992.

LYOTARD, Jean-François. *O Pós-Moderno*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1998.

______. *A Condição Pós-Moderna*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1979.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim Falou Zarathustra*. Trad. Paulo César de Souza. Sämtliche Werke. Kritische Studienausgab. Giorgio Colli, Mazzino Montinari (ed.). Vol. 4. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1993.

NOLL, João Gilberto. *A fúria do corpo*. São Paulo: Ed. Rocco, 1981.

______. *Rastros de Verão.* São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1986.

______. *Hotel Atlântico*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1989.

______. *A céu aberto.* São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

______. *Romances e contos reunidos.* São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1997.

______. *Berkeley em Bellagio*. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2002.

______. *Lorde.* São Paulo: Ed. Francis, 2004.

______. *Acenos e afagos.* Rio de Janeiro: Ed. Record, 2006.

______. *Solidão Continental.* São Paulo: Ed. Record, 2012.

NUNES, Benedito. *O tempo na narrativa*. 2. ed. São Paulo: Ed. Ática, 1988.

OLIVEIRA, Rafael M. *Lugares e Entre-lugares do Desejo*: Identidades e Experiência Homoerótica em João Gilberto Noll. Brasília: UB, 2008. Dissertação em Literatura. Programa de Pós-Graduação em Literatura. Departamento de Teoria Literária e Literaturas. Universidade de Brasília, 2008.

PELLANDA, Luís Henrique. João Gilberto Noll. Rascunho. Disponível em *<http://rascunho.gazetadopovo.com.br/joao-gilberto-noll/>.* Acesso em 02/10/2014.

PINO, Nádia Perez. *Estranhos dilemas – Reflexões sobre Teoria Queer a partir das tecnologias de construção do sexo em casos de intersexo*. Portal Anpocs. Disponível em <http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=2959&Itemid=231> Acesso em 25 de jan. de 2014.

PLATÃO. *O Banquete*. Trad. José Cavalcante de Souza. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 1999.

QUEEN, Carol; SCHIMEL, Lawrence. *PoMoSexuals*: Challenging Assumptions About Gender and Sexuality. EUA: Ed. Cleis, 1997.

REIS, Carlos & LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de Teoria da Narrativa*. São Paulo: Ed. Ática, 1988.

RESENDE, Beatriz. *Contemporâneos*: expressões da literatura brasileira no século XXI. Rio de Janeiro: Ed. Casa da Palavra, 2008.

ROCHA, Rejane C. Rastros E Restos: A Realidade Possível Em J. G. Noll. *Itinerários*, Araraquara, n. 32, p.45-59, jan./jun. 2011.

SANTOS, Josalba Fabiana dos. *Precariedade E Vulnerabilidade Em A Céu Aberto De João Gilberto Noll*. Curitiba. UFP, 1998. Mestrado em Letras. Setor de Ciência Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1998.

SCHMITT-PRYM, Roberto. João Gilberto Noll. Faces Extremas. Disponível em *<http://www.joaogilbertonoll.com.br/>.* Acesso em 25/10/2013.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik (2009). *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2011.

SKINNER, Burrhus Frederic. *O Eu Iniciador*. Em B.F. Skinner, Questões Recentes na Análise do Comportamento. Campinas: Ed. Papirus, 1991.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. *A Epistemologia do armário*. Berkeley. EUA: Ed. University of California, 1990.

SILVA, Sandro Adriano da. *Acenos e Afagos: O Romance de João Gilberto Noll*. Universidade Estadual de Maringá. Paraná: 2010.

TUMULTO, Thânya. 10 Tipos De Gays. Tem Drag?!? É Festa. Drag Queen Thânya Tumulto. Disponível em <*http://www.thanyatulmuto.com/blog/blog1.php/10-tipos-de-gays*>. Acesso em 06/01/2015.

WEBER, Max. *Ciência e política* - Duas vocações. São Paulo: Ed. Cultrix, 1999.

CARLOS EDUARDO DE ARAUJO PLACIDO - Doutor em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Estudos de Literatura pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). Bacharel e Licenciado em Letras Português/Inglês pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente, sou professor adjunto de literaturas de língua inglesa pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). A minha área de pesquisa remete aos estudos criativos, linguísticos e literários em língua inglesa, mormente dos Estados Unidos da América. Além disso, sou coordenador do Laboratório de Letramento Acadêmico e Criativo (LALAEC) da UFMS. A função do LALAEC é o de auxiliar no desenvolvimento da escrita científica e criativa em língua inglesa. As minhas áreas de interesse de pesquisa são: cinemas, contos de fadas, escritas criativas, histórias em quadrinhos, mitologias, teatros e vídeo games. Sou também pesquisador associado às ASPAS (Associação de Pesquisadores em Arte Sequencial) e à ABRAPT (Associação Brasileira de Pesquisadores em Tradução).

João Gilberto Noll e a

POMOSSEXUALIDADE

www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br
@atenaeditora
www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena Editora
Ano 2023

João Gilberto Noll e a

POMOSSEXUALIDADE

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

@atenaeditora

www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena Editora

Ano 2023